

Marcelo de Gois Barbosa

**O intelectual e militante Octavio Brandão: Ideias políticas e
seus impactos (1922-1930)**

ASSIS

2020

Marcelo de Gois Barbosa

**O intelectual e militante Octavio Brandão: Ideias políticas e
seus impactos (1922-1930)**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestrado Acadêmico em História (Linha de Pesquisa: História e Política).

Orientadora: Lúcia Helena Oliveira Silva.
Coorientador: Marcos Tadeu Del Roio.

Bolsista: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq nº 167884/2018-2.

ASSIS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

B238i Barbosa, Marcelo de Gois
 O intelectual e militante Octavio Brandão: ideias
 políticas e seus impactos (1922-1930) / Marcelo de Gois
 Barbosa. Assis, 2020.
 164 f.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Lúcia Helena Oliveira Silva
Coorientador: Dr. Marcos Tadeu Del Roio

1. Brandão, Octavio, 1896-1980. 2. Partido Comunista
Brasileiro. 3. Comunismo. 4. Brasil - História - 1922-1930.
I. Título.

CDD 981.06



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: O intelectual e militante Octavio Brandão: Ideias políticas e seus impactos (1922-1930)

AUTOR: MARCELO DE GOIS BARBOSA

ORIENTADORA: LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA

COORDENADOR: MARCOS TADEU DEL ROIO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em HISTÓRIA, área: História e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. LUCIA HELENA OLIVEIRA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. PAULO CESAR GONÇALVES (Participação Virtual)
Departamento de História / UNESP/Assis

Prof. Dr. ANGELO APARECIDO PRIORI (Participação Virtual)
Departamento de História / UEM/Maringá

Assis, 30 de novembro de 2020

Agradecimentos

A ciência histórica, como qualquer outro campo das ciências, se faz com recursos e pesquisadores. As agências de fomento à pesquisa contribuem, desse modo, para o desenvolvimento nacional nas mais variadas áreas, incluindo o conhecimento de personagens e autores importantes para a memória nacional. Considero que a nossa pesquisa sobre Octavio Brandão está inserida dentro desse quadro de valorização da cultura nacional. Dessa maneira, quero registrar os meus agradecimentos ao CNPq por ter proporcionado os recursos financeiros para esta pesquisa, que mesmo entre tantos cortes e ataques sofridos nos últimos anos, faz resistir que a cultura e o pensamento científico e crítico resistam.

À minha professora e orientadora Dr. Lúcia Helena da Silva Souza por ter me aceitado como o seu orientado, e que mesmo sob dificuldades, impostas pela crise pandêmica do Covid-19, ainda assim me auxiliou durante a trajetória da pesquisa. Desde os tempos da graduação, considero a professora Lúcia como modelo de educadora, o qual levo para a minha vida profissional. Ao professor Dr. Marcos Del Roio por ter aceito ser o meu coorientador nesta minha trajetória como mestrando, o seu conhecimento sobre a história do movimento operário e comunista me foi imprescindível.

À minha companheira, amiga e esposa Débora Ballielo Barcala. Sem a sua amizade e sua ajuda acadêmica e emocional, esta dissertação seria inviável.

Aos amigos Lucas Alexandre Andreto, por ter dado a dica inicial de pesquisar Octavio Brandão e por ter feito as primeiras orientações de leitura sobre a história do PCB e o marxismo brasileiro; Raphael Lino, por sempre estar disposto a conversar sobre teoria, historiografia ou de simplesmente ouvir o amigo reclamando das dificuldades da pesquisa; e Boris e Jorel pela amizade e a companhia que proporcionaram alívio em meio a um mestrado durante o turbilhão de acontecimentos nas condições políticas do Brasil atuais, como a

constante ameaça de cortes na educação e na pesquisa e o isolamento social devido à pandemia da Covid-19.

Presto aqui meus agradecimentos e homenagem à minha mãe. A minha maior conquista acadêmica não foi ter passado no vestibular, ou ter me formado na universidade pública ou entrado na pós-graduação, mas foi ter possibilitado à Dalva, empregada doméstica que teve que parar os seus estudos na 4ª série do ensino fundamental para cuidar de seus irmãos e trabalhar desde pequena, estar presente na colação de grau do seu filho.

E, sobretudo, essa pesquisa é dedicada à memória de meu amigo Mário Aparecido Pilegi Júnior (1992-2012). Natural da cidade de Piraju, interior de São Paulo, foi aluno do curso de História da Unesp campus de Assis e sonhava em ser pesquisador e contribuir para a sociedade. Militante socialista, era leitor de Marx, Caio Prado, Che, Pablo Neruda e tantos outros. Foi ativo no movimento estudantil e defensor de diversas pautas sociais como a luta pela preservação do rio Paranapanema na cidade de Piraju, a luta pela permanência estudantil na Unesp/Assis, foi apoiador de assentamentos de sem terras, entre outras tantas lutas. Entre 2011 e 2012, escrevia um projeto de pesquisa sobre a questão agrária na cidade de Piraju. Essa homenagem, ainda que pequena, tem como objetivo deixar registrado o relato de um jovem que sonhou ver um Brasil mais justo e com maior igualdade social e econômica. Faço recordar desse jovem revolucionário, pensador crítico, um sujeito excepcional, que pelo infortúnio da morte não pôde deixar obras escritas.

BARBOSA, Marcelo de Gois. **O intelectual e militante Octavio Brandão: Ideias políticas e seus impactos (1922-1930)**. 2020. 164f. (Mestrado Acadêmico em História). – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, 2020.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as relações das ideias políticas de Octavio Brandão e suas articulações com a abordagem marxista-leninista em torno do PCB da década de 1920. Apresentaremos inicialmente aspectos biográficos e de suas ideias durante a transição de sua militância anarquista para a comunista exposta nos livros *Mundos Fragmentarios* (1922) e *Russia Proletaria* (1923). Em seguida, iremos apresentar os aspectos da apropriação das ideias marxistas já como membro do grupo dirigente do PCB, resultando em teses que nortearam estratégias organizativas e objetivos políticos. Sua proposta de interpretação da história nacional, sobretudo as lutas de 1922 e 1924 contra a oligarquia promovidas pelos tenentistas, expostas no ensaio *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil* (1924-1926) e o artigo *O proletariado perante a revolução democrática-pequeno burguesa* (1928), que são os seus principais textos durante a sua trajetória como membro dirigente e as suas ideias mais influentes. E por fim, apresentaremos alguns apontamentos sobre as repercussões do seu pensamento e a sua figura como indivíduo histórico em produções acadêmicas e na memória partidária. Consideramos de relevância para a pesquisa propor uma reflexão sobre o legado, as consequências e o seu lugar na história do pensamento marxista-leninista e do movimento comunista brasileiro.

Palavras-chave: Octavio Brandão. PCB. Marxismo brasileiro. Ideias políticas.

BARBOSA, Marcelo de Gois. **The intellectual and militant Octavio Brandão: Political ideas and their impacts (1922-1930)**. 2020 164p. (Masters in History). – São Paulo State University, Sciences and Languages School, Campus of Assis, 2020.

ABSTRACT

The present work aims to demonstrate the relations of Octavio Brandão's political ideas and their articulations with the Marxist-Leninist approach around the PCB (Brazilian Communist Party) of the 1920s. Initially, we will present biographical aspects and his ideas during his transition from the anarchist to the communist militancy as exposed in the works *Mundos Fragmentarios* (1922) and *Russia Proletaria* (1923). After that, we will present the aspects of the appropriation of Marxist ideas as a member of the PCB's steering group, resulting in theses that guided organizational strategies and political objectives. His proposal to interpret national history, especially the struggles of 1922 and 1924 against the oligarchy promoted by the tenentists, are exposed in the essay *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil* (1924-1926), and in the article *O proletariado perante a revolução democrática-pequeno burguesa* (1928), which were his main texts during his career as a leading member and bring his most influential ideas. And finally, we will present some notes on the repercussions of his thoughts and his image as a historical individual in academic productions and in party memory. It was considered relevant for the research to propose a reflection on his legacy, the consequences and his place in the history of Marxist-Leninist thought and the Brazilian communist movement.

Key-words: Octavio Brandão. PCB. Brazilian marxism. Political ideas.

Lista de Abreviaturas e Siglas

AEL (Arquivo Edgard Leuenroth)
AL (Aliança Liberal)
ANPUH (Associação Nacional de Historiadores)
ASMOB (Archivo Storico Del Movimento Operaio Brasileiro)
BO (Bloco Operário)
BOC (Bloco Operário e Camponês)
BOCB (Bloco Operário e Camponês do Brasil)
BSA-IC (Bureau Sul-Americano da Internacional Comunista)
CC (Comitê Central)
CCE (Comitê Central Executivo)
CEDEM (Centro de Documentação e Memória da Unesp)
CEIC (Comitê Executivo da Internacional Comunista)
CEMAP (Centro Mario Pedrosa)
EUA (Estados Unidos da América)
IC (Internacional Comunista)
LAR (Liga de Ação Revolucionária)
OB (Octavio Brandão)
PCB (Partido Comunista Brasileiro)
SP (São Paulo)
SSA-IC (Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista)
UFAL (Universidade Federal de Alagoas)
UEM (Universidade Estadual de Maringá)
UFF (Universidade Federal Fluminense)
UFSCar (Universidade Federal de São Carlos)
UNESP (Universidade Estadual Paulista)
UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas)
URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas)
USP (Universidade de São Paulo)
UTG (União dos Trabalhadores Gráficos)

Sumário

Introdução.	11
Capítulo 1 – A produção intelectual e a militância de Octavio Brandão (1922-1930).	17
1.1. A trajetória política e intelectual de Octavio Brandão: Breves apontamentos bibliográficos.	17
1.2. A transição do anarquista ao comunista: As ideias políticas em <i>Mundos fragmentários</i> (1922-1923).	32
1.3. Em defesa da Rússia e dos bolcheviques: <i>Rússia Proletária</i> e a tradução do Manifesto do Partido Comunista (1922-1924).	42
Capítulo 2 – De <i>Agrarismo e Industrialismo</i> a <i>O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa</i>: referências teóricas e impactos (1924-1930).	56
2.1. Referências teóricas e a questão do marxismo-leninismo no ensaio <i>Agrarismo e Industrialismo</i> (1924-1926): condições e repercussões.	58
2.2. Em defesa da política de alianças com a pequena burguesia e a revolução democrática-burguesa (1927-1928).	69
2. 3. Do auge ao fim do BOC e o exílio: Octavio Brandão e as mudanças no PCB e na Internacional (1927-1931).	80

Capítulo 3 - A Memória e a Historiografia sobre Octavio Brandão.	97
3.1. A historiografia da classe operária no Brasil e o lugar de Octavio Brandão: apontamentos sobre as pesquisas acadêmicas.	98
3.2. Documentos perdidos, destruídos, “boicotes” e a memória do ostracismo.	112
3.3. É possível escrever uma história dos comunistas brasileiros?	130
Conclusão.	141
Cronologia sobre Octavio Brandão e o PCB.	145
Fontes.	147
Referências bibliográficas.	149
Anexo A	154
Anexo B.....	155
Anexo C.....	156
Anexo D.....	158
Anexo E.....	160
Anexo F.....	163
Anexo G.....	164

Introdução

Prefaciando um livro de cartas organizado por J.R. Guedes (2005), Fernando Henrique Cardoso declara ter um grau de parentesco com Octavio Brandão por parte de sua mãe, Nayde Silva Cardoso. Ela contava “estórias fascinantes sobre o seu primo-irmão e teria dito, segundo a lembrança de Fernando Henrique, que Octavio era: [...] “não apenas um intelectual, mas, sobretudo, um ser humano generoso e mesmo fantasioso em seus arroubos de solidariedade”, e “por quem nutria estima especial” (CARDOSO, 2005, p.15). Nayde Silva Cardoso, apesar de nascida em Manaus, era de família alagoana e chegou mesmo a conviver com as suas tias em Alagoas, quando conheceu OB, o filho de um irmão da vó materna de FHC, dona Cândida Rego Araújo e Silva. E em 1954, o pai de FHC, Leônidas Cardoso, teria sido eleito deputado federal, quando entrou em contato com Brandão, algumas vezes. Em uma dessas ocasiões, FHC relata que o escritor alagoano era “muito vivaz, contador de estórias, mas um pouco amargo” (CARDOSO, 2005, pp. 16-17), e recordou sobre o tom e o teor de alguns dos diálogos de OB:

Das conversas recorde-me de ouvir relatos sobre vários episódios ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, quando a família toda se deslocou para o interior da Rússia e Laura faleceu. Octavio contava que ela estava enterrada no mesmo cemitério em Moscou onde sepultavam altas personalidades do regime. Falava também sobre o período em que trabalhou no Komintern. Mas principalmente deixava transparecer a enorme mágoa que guardava do PCB e de seus líderes, pelo descaso com que tratavam suas opiniões. Dizia haver escrito notas para suas memórias e mantinha interesse por Alagoas e pela literatura (CARDOSO, 2005, p. 16-17).

Apesar de o próprio FHC confessar que as suas lembranças sobre Octavio Brandão tenham sido formadas por narrativas memorialísticas de seus parentes e dos parentes do autor de Canais e Lagoas (ele se encontrou em diversas outras ocasiões, no Brasil e, principalmente, na Rússia, com as filhas e netos de Octavio), sua breve descrição nos ajuda a observar alguns indícios da qualidade e do conteúdo de uma memória social, que foi construída sobre OB. Mesmo com

posturas ideológicas completamente diferentes da de seu parente distante, FHC registra uma breve homenagem póstuma a partir de suas recordações:

Tenho-as como vislumbres que permitem ao imaginário recompor com liberdade e respeito a trajetória de um homem que, em sua época e em sua terra nordestina, situou-se como um ser humano fora do comum e como um cidadão de respeito (CARDOSO, 2005, p. 18)

Octavio Brandão Rego (1896-1980) é um personagem essencial para compreender o desenvolvimento político, cultural e institucional do PCB¹, sobretudo do ano de fundação do partido, em 1922, até a sua expulsão em 1930. Esse período é marcado pelo primeiro grupo dirigente em torno de Astrojildo Pereira (1890-1965), mas também é um período em que as primeiras análises da realidade brasileira são feitas pelos instrumentais teóricos e conceituais das abordagens marxistas e leninistas disponíveis naquela conjuntura.

Uma série de debates surgidos nesse momento marcaram as décadas seguintes do marxismo e leninismo nacional, como a temática da teoria da revolução, as características da formação brasileira, além dos temas em torno das estratégias políticas (ora em defesa, ora contrários) como as de cunho eleitoral, pautas reivindicatórias ou reformistas, e das alianças disponíveis naquela circunstância. Compartilhamos da perspectiva de Jean-François Sirinelli (2003, p. 231), que, ao mencionar René Rémond, defendeu que “o comportamento político dos intelectuais mereceria por si só um estudo”.

É na década de 1920 que a militância comunista do alagoano Brandão e a sua produção de ensaios e artigos são importantes fontes históricas para qualquer pesquisa sobre os primeiros percalços das leituras e apropriações da teoria marxista no Brasil. Por isso mesmo é curioso que, por algumas razões conhecidas, e outras nem tanto, as ideias e a trajetória de Brandão tenham sido, em diversos momentos, ignoradas tanto por parte da militância comunista e da esquerda brasileira quanto pela crítica literária e a historiografia acadêmica.

1 Optou-se pela sigla PCB e não pelo nome do partido em extenso para evitar confusão. Da fundação do partido em 1922 até 1960, o nome usado era Partido Comunista do Brasil, e depois Partido Comunista Brasileiro. Isto se deve ao fato de o partido, na década de 60, buscar a volta da legalidade, e dessa forma querer enfatizar sua característica nacionalista. Um grupo dissidente vai dar origem ao PCdoB e adotar o antigo nome (Partido Comunista do Brasil).

Defendemos, nesta dissertação, que a vida e a obra de OB nos dão indícios históricos importantes sobre o contexto político, mas também literário e ensaístico da década de 1920. Antonio Candido (2019, p. 22), ao escrever sobre Oswald de Andrade, nos dá uma importante diretriz para pensar a produção e a trajetória de nosso escritor e objeto de análise:

Há escritores cuja vida é importante para conhecer a obra, como Castro Alves. As de outros não são, como a de Machado de Assis. Em alguns, a vida acaba devorando a obra, como Byron. E há o caso raro dos que dão mais importância à sua própria vida do que aos escritos, como Oscar Wilde, que desejou fazer dela uma obra de arte válida por si mesmo. Certa vez escreveu: “Pus todo o meu gênio em minha vida; na minha obra pus apenas o meu talento”. Sem pensar assim, Oswald de Andrade tinha um pouco disso, pois viveu como se estivesse construindo um personagem literário, e talvez uma das suas grandes invenções tenha sido ele próprio.

Essa indicação de Antonio Candido nos serve como uma diretriz para pensar a obra de Brandão. Sua vida e sua obra estão inteiramente conectadas, ele é o principal personagem de seus textos, e a receptividade e críticas sobre a sua vida e obra nos dizem muito. Vamos apresentar alguns aspectos da biografia sobre Brandão no primeiro capítulo desta dissertação, assim como apresentar as suas concepções políticas e culturais durante a sua transição político-militante do anarquismo ao comunismo nos textos *Mundos Fragmentarios* (1922) e *A Russia Proletaria* (1923).

No segundo capítulo, apresentaremos as ideias políticas de *Agrarismo e Industrialismo* de 1924 a 1926 (BRANDÃO, 2006) e *O Proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa* de 1928 (BRANDÃO, 1985). Consideramos relevante analisar os aspectos conjunturais da produção desses textos, repercussões e as suas principais referências teóricas. As percepções do próprio OB em trabalhos posteriores como *Uma Etapa da História de Lutas* de 1957 (BRANDÃO, 2006) e a autobiografia *Combates e Batalhas* (1978) reforçam os aspectos da conjuntura nacional vividas em meados de 1920. Também recorreremos a alguns de seus poemas. As obras de Brandão, assim como as que inspiraram os seus textos, são indícios também da estrutura editorial da militância comunista e de sua política conhecida por *agitrop*, focada na “comunicação (propaganda) e formação de seus quadros (agitação)”, assim como os quadros que levam a militância e a sua formação, afirma Marisa Midori Deaecto (2013, p. 15):

Sabemos que muitos são os caminhos que culminam na militância e, quiça, na profissionalização dentro do partido. Há, todavia, um ponto de convergência quando se fala sobre a importância da leitura para um militante: quaisquer que sejam suas origens e suas escolhas, o comunista tem sempre um livro à mão. E essas leituras não raro transpunham as fronteiras estabelecidas pelo Komintern e pelos PCs em suas diferentes conjunturas.

Um olhar atento do historiador à produção intelectual de Brandão aponta para seus textos como fontes de informações primárias sobre a organização política e intelectual dos comunistas brasileiros, e também para a história de outras organizações e partidos (em um sentido mais amplo) que se posicionaram como oposição ao domínio político das oligarquias rurais nos fins da Primeira República. A tese criada por Brandão em *Agrarismo e Industrialismo* serviu de orientação para que os comunistas promovessem tentativas de aproximação com os tenentistas revoltosos de 1922 e 1924, os quais foram considerados como “pequena burguesia”. Essa aliança tática e estratégica, e, portanto, de cunho político e militar, foi mais tarde chamada de *teoria da revolução-democrático-pequeno-burguesa*; uma etapa entendida naquele contexto como necessária para a transição da revolução burguesa e a conseguinte revolução socialista. O objetivo político desse artigo de OB foi o de propor e incentivar uma aliança de classes baseada em uma interpretação própria e de inspiração leninista para a atuação política e social no contexto brasileiro. Uma das consequências diretas foi a aproximação do PCB com Luís Carlos Prestes (1898-1990).

Agrarismo e Industrialismo (1924-1926) foi descrito por Marcos Del Roio como “o primeiro esforço teórico de compreensão da formação social brasileira pelas lentes do marxismo” (2007a, p. 30), além de ter sido um importante texto da tradição do gênero ensaístico das interpretações históricas e sociais sobre o Brasil (como as de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda). A originalidade de OB é reforçada também pelo fato de ser anterior ao famoso ensaio *Evolução Política do Brasil* (1933) de Caio Prado Júnior.

Além disso, as próprias interpretações feitas por Brandão sobre a realidade social e a exploração do trabalho, sobre lutas e organizações de classe; sobre o imperialismo e as relações econômicas da Inglaterra e EUA com o Brasil, principalmente, mas também sobre as dominações imperialistas em outros países;

preocupação com a ascensão do fascismo, os limites institucionais das democracias representativas; entre outros tantos temas, nos dão indícios históricos sobre o cenário nacional e internacional na perspectiva de um jovem brasileiro, que, em 1926, tinha somente 30 anos de idade. No entanto, OB já era considerado uma ameaça para a polícia do presidente Artur Bernardes sob os anos de estado de sítio. Nas palavras de Alvaro Bianchi (2012b, p. 133): “Brandão viveu intensamente o próprio desenvolvimento cultural e político do país”.

Optamos por trabalhar com dois tipos de periodização. A primeira é referente ao período específico entre 1922 e 1930, que consideramos um espaço de tempo significativo no engajamento desse intelectual, com suas publicações já mencionadas e sua atuação como membro dirigente do PCB e do BOC. E a segunda periodização é relacionada às publicações não acadêmicas² e acadêmicas sobre Octávio Brandão, expostas no último capítulo. Dessa maneira, proponho uma revisão bibliográfica em que vida e obra de Brandão foram objeto de pesquisa, ou que simplesmente foram mencionadas como fonte histórica. Nesse momento, não somente a repercussão de Octavio Brandão será destacada, mas também será relacionada a questões mais amplas e generalizantes, como o debate sobre as possibilidades e as dificuldades de pesquisa da história dos comunistas (questões às vezes colocadas como subtemas ou mesmo confundidas com a história do trabalho e a história do movimento operário), realizado por historiadores como Eric Hobsbawm (2013), Kevin Murphy (2008), Carlos Senna Júnior (2017), Alvaro Bianchi (2012a) e Claudio Batalha (2001) e Ângela de Castro Gomes (1996).

Justificamos esse recorte pois acreditamos que um mesmo objeto de pesquisa pode proporcionar diversos elementos analíticos quando consideramos outros tratamentos metodológicos. Por exemplo, a problemática da repercussão de uma obra, o legado ou o ostracismo de um sujeito histórico, as sobrevivências de documentos e memórias, e a organização de arquivos e acervos são todos temas que atribuíram valores à obra e ao indivíduo Octavio Brandão. Claudio Batalha reforça esta perspectiva analítica:

Buscar recortes cronológicos que sejam específicos do objeto da pesquisa apenas resolve em parte o problema, pois ainda é necessário estabelecer delimitações que sejam significativas para a

2 Textos sobre Octavio Brandão que não foram editados e publicados por autores, editoras ou instituições ligadas a universidades.

sociedade em que o objeto da pesquisa está inserido. Ao estudar uma associação ou trajetória de um indivíduo não podemos nos ater à cronologia que é exclusiva desses objetos específicos, sem levar em conta o contexto mais amplo em que estão situados (BATALHA, 2006, p. 92).

Enfim, consideramos que Brandão deu uma interpretação própria ao marxismo-leninismo e elaborou uma análise política e histórica do Brasil, e as fez partir das circunstâncias da conjuntura nacional. Muitas interpretações valorativas sobre os “acertos” e “erros” teóricos de Brandão foram já apontadas por acadêmicos que desconsideram os objetivos de sua produção intelectual e de seu contexto, isto é, a leitura sobre os problemas nacionais e internacionais de Brandão não tem as mesmas abordagens, linguagem e objetivos das produções de intelectuais ligados à instituição acadêmico-universitária. Como bem apontou a análise de Angelo José da Silva (2007, pp. 146-147) sobre o ensaio *Agrarismo e Industrialismo*, mas que também podemos aplicar a outros textos da trajetória de Brandão:

Em várias passagens de *Agrarismo e Industrialismo*, encontramos menção às marcas do feudalismo aqui existentes. Não podemos exigir da análise feita por Brandão uma coerência que não encontramos em textos mais recentes. Caso isto fosse feito, cometer-se-ia o grande pecado do anacronismo, como não se cansam de alertar os historiadores. De qualquer maneira, nosso autor apresenta uma identificação bastante precisa das classes dominantes brasileiras do período. Ele afirma que a política era “fatalmente agrária, política de fazendeiros de café, instalados no Catete”. A esta classe de fazendeiros opunha-se uma burguesia totalmente desorganizada como classe, uma “burguesia industrial e comercial politicamente nula, desorganizada [...]”.

Ademais, concordamos com a análise de Sirinelli (2003, p. 246) sobre a divisão em três níveis de trajetórias políticas de intelectuais. A primeira seriam os “grandes intelectuais”, depois aqueles considerados de menor notoriedade, que chamou de “estrato intermediário”, e por último os “escondidos”, que serviram como “despertadores” ou influenciadores das gerações seguintes de intelectuais. Esses três níveis são relevantes para a história política e cultural das ideias. Ao desenvolver suas teses e participar do grupo dirigente do PCB, o intelectual e militante Octavio Brandão poderia preencher de algum modo os três níveis de Sirinelli, principalmente esse último.

Capítulo 1 – A produção intelectual e a militância de Octavio Brandão (1922-1930).

1.1. A trajetória política e intelectual de Octavio Brandão: Breves apontamentos bibliográficos.

Nascido na cidade de Viçosa, interior do estado de Alagoas, no dia 12 de setembro de 1896, Octavio Brandão Rego ficou órfão de mãe, Maria Loureiro Brandão Rego, aos quatro anos de idade. O pai, Manoel Corrêa de Mello Rego, que teria lutado contra o regime imperial de D. Pedro II, mas que teria ficado na oposição do Partido Republicano (JORGE MATEUS DE LIMA, 2005, p. 19), entregou a guarda da criança ao tio materno, Alfredo Brandão. Quando menino, foi matriculado no Colégio Diocesano dos Irmãos Maristas. Lá, ele aprendeu a língua francesa, que viria, mais tarde, a contribuir na sua empreitada em traduzir textos marxistas. Uma das primeiras traduções brasileiras do *Manifesto do Partido Comunista* foi realizada por Brandão, que traduziu do francês para o português (AMARAL, 2007, p. 260). Jorge Mateus de Lima (1985-1953), um poeta católico alagoano e colega da época de escola de Octavio, destaca a posição ateia de seu amigo mesmo entre os familiares católicos convictos:

Há na sua linhagem muita gente fiel à Igreja, magnificamente ao lado de Cristo: D. Antônio Brandão – primeiro bispo de Alagoas, D. Avelar Brandão – bispo de Petrolina, Pe. Eloy – diretor espiritual do Seminário de Maceió, Vigário Francisco de Borja Barros Loureiro, irmão de sua avó, mas Octavio, militante comunista de hoje, é forte e tenaz com o inferno (JORGE MATEUS DE LIMA, 2005, pp. 20-21).

FHC, ao lembrar de histórias narradas sobre Octavio Brandão, disse que este teria doado as terras que recebera de herança de sua família para se tornar “um pesquisador de petróleo nos alagados de sua Província natal e, por fim, fez-se agitador político” (CARDOSO, 2005, p. 15). Em 1912, Brandão vai para Recife estudar Farmácia. Dois anos depois de completado o curso, retorna a Alagoas, dando início ao seu estabelecimento farmacêutico, atendendo diversas famílias de trabalhadores locais. Aos finais de semana, se dedicava ao estudo das ciências naturais e literatura (AMARAL, 2007, p. 261). Durante a juventude, Brandão se

dedicou à poesia e escreveu vários poemas em que exalta as belezas naturais do Nordeste, principalmente de Alagoas, e aborda as lutas históricas da região, antes de sua ida para o Rio de Janeiro e de sua transição para o comunismo. No poema “Viçosa de Alagoas”³ (BRANDÃO, 1995, p. 17), escreveu:

Verdes Selvas natais, montanhas verdejantes
Do meu torrão viril, de sol canicular,
Paraíba sonoro em todos os quadrantes,
Ó terra varonil, ó sonho, ó meu lar!

O índio viveu aqui na dor e desventura,
Por aqui já passou em luta o Bandeirante
Neste solo viveu aquele sem ventura
- O zumbi, o varão, o eterno, o gigante!

Brilhavam no Zumbi clarões da liberdade,
E naquele seu gesto indomável, profundo,
Havia o sopro astral, sublime da igualdade,
Existia um herói que assombraria o mundo.

No sangue, em turbilhão, como no próprio lar,
Canta e brada o universo em anseios febris,
Neste meu sangue rubro eu sinto flamejar
O valor ancestral nos ímpetos viris.

Serranias azuis da terra luminosa
Onde o gavião desfere ao ar seus grandes gritos,
Há em ti, minha terra esplêndida e formosa,
Um desejo de luz, de clarões, de infinitos!

Já o poema “A Morte de Zumbi” (BRANDÃO, 1995, p. 24), escrito em outubro de 1914, é considerado por ele como seus “primeiros versos”. Nele, o eu-lírico enaltece a natureza e as lutas combatidas por Zumbi dos Palmares. Observa-se que Brandão reivindica para si aspectos da memória e da natureza regional (e nacional):

Amplo horizonte. Rude, a ventania
Passa beijando os verdes bananais,
E vai rugir, impávida e sombria,
Muito além, pelas faldas virginais.

³ Em uma nota, Brandão aponta que esse poema foi escrito na cidade de Viçosa em novembro de 1918. Ele diz que se encontrava “[...] no sobrado Sá, na Praça do Quadro, olhando as colinas da margem direita do rio Paraíba, o coração cheio de imensa doçura dos canaviais” (BRANDÃO, 1995, p. 17).

O Paraíba canta louçania
Da natureza. As matas colossais
Ora vão perlongando a serra,
Ora derivam para os tremedais.

Os negros, debandados, foragidos,
Vagueiam no infinito das planuras,
Mas Ele sem fraquezas, sem gemidos,

Sentindo ser escravo como dói,
Salta daquelas plácidas alturas:
-Entre tantos bandidos, um Herói!

No livro *Mundos Fragmentários* (1922), escreveu, em um aforisma, que sempre a “Historia glorifica” determinados “manequins”, como “João 6º, Pedro 1º, Izabel, a *Redemptora*⁴”, que só realizaram a abertura dos portos, a “autonomia política”, e uma “libertação qualquer” porque, na verdade, foram “forçados⁵ pela corrente popular”. Octavio Brandão ainda escreveu que:

Entretanto, é comum jazerem no esquecimento os verdadeiros heroes dessas epopéas.
Como, porém, nunca é tarde para se fazer justiça, digo aqui bem claramente:
Que valor tem a Princeza ou o Paranhos deante da figura máscula do Zumbi, o nosso Spártacus negro, ou deante da grande mora do jangadeiro Nascimento⁶?
-Quase nenhum.

Posteriormente, na introdução da autobiografia *Combates e Batalhas*, Brandão (1978, p. 23) voltaria a reivindicar o legado histórico das lutas sociais e de personagens e grupos importantes de sua região. Ele se define como:

[...] escritor brasileiro. Índio caboclo do interior do Nordeste. Patriota e humanista, democrata e revolucionário. Combatente pela libertação nacional e social do Brasil e da Humanidade. Partidário do socialismo científico de Marx, Engels e Lênin. Poeta realista, romântico e revolucionário.
Não sou um fruto exótico, estranho ao país. Sou um elo da cadeia histórica, literária e social brasileira. Continuo dialeticamente a tradição de Tiradentes, Castro Alves e Euclides da Cunha – as três grandezas nacionais – em novas condições históricas, com outro conteúdo, sob novas formas.

4 Grifo do próprio Octavio Brandão.

5 Grifo do próprio Octavio Brandão.

6 O jangadeiro Francisco José do Nascimento (1839-1914), conhecido como o Dragão-do mar, foi um importante abolicionista no Ceará.

Em 1916, Octavio Brandão dá início a uma viagem pelo interior de Alagoas e as regiões circundantes, o que resultou na escrita de um trabalho geográfico e mineralógico intitulado *Canais e Lagoas*⁷, editado pela primeira vez em 1919, no Rio de Janeiro. Essas viagens contribuíram para o contato com diversos aspectos biológicos e geológicos regionais e com as questões sociais dos povos ribeirinhos e nordestinos. É muito comum encontrar relações das ciências naturais com as questões sociais e políticas em seus textos, como nos poemas citados acima, escritos de forma poética e romântica, enaltecendo a natureza e o povo nordestino. Jorge Mateus de Lima (2005, p. 20) escreveu sobre um encontro entre Octavio Brandão e o escritor Rocha Pombo, e a posição política do alagoano desde a sua juventude:

Eu bem me lembro que em 1916 passou por Maceió o escritor Rocha Pombo. Ia numa viagem através do Brasil que ele ainda não conhecia por inteiro, como todos os brasileiros ainda hoje não conhece também. Hospedara-se no hotel Cintra, em companhia do pintor Guttman Bicho que seguia com ele naquela excursão. O que Octavio expôs a Rocha Pombo, com segurança e patriotismo, espantou o velho. Octavio podia ser abundante e errado, porém jamais sumítico e diletante. Todavia, ao lado de seu ateísmo, havia em Octavio uma sede de justiça que a quase totalidade de nossos companheiros desconhecia. Ele dizia que um camarada como eu, filho de proprietários, não chegaria a ser o que ele, filho de pai pobre, seria e haveria de ser. Discutíamos. E Octavio era digno e bom. Mas o que era que Octavio já naquela idade queria, manifestando seus desejos em conferências e artigos em jornal? Desejava melhoria social para o trabalhador, aproveitamento dos latifúndios, e higienização e aproveitamento da vasta região dos Canais e Lagoas.

Nas últimas décadas⁸, pode-se perceber uma certa retomada do legado de Brandão, e de sua importância no estado de Alagoas e região, além de uma apropriação “ecologista” do ensaio *Canais e Lagoas* através do *Prêmio Octavio Brandão de Jornalismo Ambiental*⁹. Esse prêmio é organizado a partir de uma

7 Nesse texto o autor defende a tese, reconhecida pelos estudiosos como pioneira, da existência de indícios de petróleo em diversos lugares em Alagoas e região. Ver Amaral (2007, p. 261-270) e Eduardo Bomfim (2006, p.23-24).

8 Período da pesquisa e da escrita desta dissertação.

9 Ver mais em: <http://premio.sindjornal.org.br/>. Acessado em 11 de janeiro de 2020; LUNA, Lenilda. **Estudantes de Jornalismo se destacam no Prêmio Octávio Brandão**. Alagoas: Ufal, 2018. In <https://ufal.br/estudante/noticias/2018/6/estudantes-de-jornalismo-se-destacam-no-premio-octavio-brandao>. Acessado em 11 de janeiro de 2020.

parceria entre a Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental de Alagoas (Abes-AL), o Sindicato dos Jornalistas do Estado de Alagoas (Sindjornal), e a empresa brasileira Braskem do ramo da química e petroquímica. No entanto, é importante destacar a atualidade¹⁰ da homenagem de Vitor Montenegro Wanderley, representante da Usina Coruripe que, na introdução de uma publicação de textos inéditos organizada por J. R. Guedes (2008, p. 2), descreveu Brandão como:

Jornalista, escritor, político, cientistas e teórico do socialismo, Octavio Brandão foi pioneiro na defesa de nossas riquezas minerais e naturais. No início do século passado afirmava a existência de petróleo no subsolo brasileiro e chamava atenção em seu livro *Canais e Lagoas* para os cuidados que deveriam ser tomados para garantir a sobrevivência de um dos mais belos santuários ecológicos de Alagoas: o complexo estuarino Mundaú-Manguaba. Octavio Brandão, na verdade, foi nosso primeiro ecologista. Era dono de um idealismo sem limites e de grande coragem cívica, ainda que sofresse a frustração de não encontrar entre grande parte dos intelectuais da época “calor e simpatia, apoio e estímulo, justiça e compreensão”

Suas viagens pelo nordeste e sua trajetória como militante libertário, durante o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), contribuíram igualmente para a formação da sua consciência política e social. Por exemplo, em outubro de 1917, Brandão escreve um artigo intitulado “O que é o patriotismo?”, publicado no periódico *A Semana Nacional*, no qual defendeu “uma posição antibélica e de solidariedade à revolução social”, colocando-se assim contrário à guerra de cunho imperialista e a favor das lutas sociais na Rússia (AMARAL, 2007, p. 261).

Já no ano de 1918, Brandão escreve o artigo “Um evadido da realidade”, publicado no jornal *Commercio*, de Maceió. Nesse artigo, o autor se posicionou sob o viés da influência anarquista. Segundo Alice Anabuki Plancharel¹¹ (1993), na autobiografia *Combates e Batalhas* (1978), Brandão teria omitido a definição “anarquismo” do período de sua militância na juventude. No entanto, quando jovem,

10 É importante ressaltar que esse prêmio foi criado no século XXI, sendo que o reconhecimento social e político na região de Alagoas foi dado tardiamente, décadas após a morte de Brandão. Em vida, o autor de *Canais e Lagoas* não recebeu semelhante congratulação e mérito. Esses elementos nos dão indícios para pensar os processos de aceitação e recepção de obras e autores nos circuitos culturais brasileiros no século XX.

11 A dissertação de mestrado de Alice Anabuki Plancharel, intitulada *Memória e Omissão: Anarquismo e Octavio Brandão* (1997), defendida pelo departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo em 1993, é importante por ser a primeira que teve como objeto de análise Octavio Brandão. Essa dissertação também é a primeira obra universitária a ser publicada em formato de livro sobre Brandão.

ele se reconhecia como anarquista, como mostraremos no próximo tópico deste capítulo.

A dissertação de Plancharel (1993), publicada em livro, ganha uma dimensão historiográfica importante para a pesquisa de nosso objeto, pois além de ela ser a primeira dissertação de mestrado sobre Brandão, há apenas um outro trabalho acadêmico sobre ele publicado em formato de livro: a dissertação de Felipe Castilho de Lacerda, *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil* (2019)¹². O pequeno número de publicações em formato de livros e a ausência de uma tese de doutorado nos indicam um desinteresse por parte das editoras e um espaço a ser preenchido pelas pesquisas universitárias.

O fato de não existir uma tese de doutorado sobre Octavio Brandão até o presente momento¹³ nos dá outros indícios para pensar a historiografia brasileira, principalmente se analisarmos as mudanças de perspectivas teórico-metodológicas e as posições políticas da historiografia sobre os temas: o movimento operário, o PCB, o movimento comunista e o marxismo no Brasil e na América Latina e, em um sentido mais amplo, a própria historiografia do trabalho e da política. Vamos destacar esses percalços da historiografia brasileira e sua relação com a trajetória e a produção intelectual de Octavio Brandão mais adiante, no último capítulo.

Ainda no decorrer do ano de 1918, Brandão realizou a sua militância juntamente a outros libertários em diversas ações políticas, como a fundação da Congregação Libertadora da Terra e do Homem. No ano seguinte, o governo de Alagoas iniciou uma forte repressão aos movimentos sociais locais, dando início a uma série de prisões, entre elas a detenção de OB, acusado de participar de um “complô maximalista” (AMARAL, 2007, p. 262). Liberto, Brandão embarcou para o Rio de Janeiro, onde teve contato com anarquistas como José Oiticica e Astrojildo Pereira¹⁴, e com a poetisa que viria a ser sua esposa, Laura Adelaide Leopoldina

12 São as únicas obras publicadas até o momento de escrita desta dissertação. Desconsideramos artigos publicados em periódicos acadêmicos e textos para anais de eventos universitários que tenham Octavio Brandão como objeto de análise. As duas dissertações mencionadas, de Alice Abuki Plancharel (1997) e Felipe Castilho de Lacerda (2019) foram defendidas na USP.

13 Até janeiro de 2020, não encontramos nenhuma tese de doutorado ou outros livros publicados por editoras além dos mencionados.

14 Astrojildo Pereira Duarte Silva (1890-1965) desde jovem foi leitor de diversos autores anarquistas, tais como Bakunin, Malatesta e Kropotkin. Tornou-se um entusiasta da Revolução Russa (1917), e gradativamente passou um processo de separação dos anarquistas, convertendo-se ao comunismo de Marx e Lenin entre os anos de 1919 a 1921 (AMARAL, 2007, p.254-255).

da Fonseca e Silva (1891-1942), posteriormente conhecida pelo nome de casamento, Laura Brandão.

Destacamos a importância histórica de Laura. Poetisa, professora, militante do PCB, que lutou e morreu durante a Segunda Guerra Mundial, cujo túmulo hoje se encontra no Cemitério dos Heróis no Convento Novo Devichie, em Moscou. Durante a juventude, trabalhou dando aulas para os filhos de diversas famílias, que iam desde as mais pobres até algumas da elite carioca, tais como as netas de Benjamin Constant. Com apenas 18 anos de idade, torna-se poeta e declamadora reconhecida nos salões do Rio de Janeiro (BERNARDES, 1995, p. 49-51).

A historiadora Maria Elena Bernardes afirma que o casamento de Laura e Octavio ocorreu sem padre e sem juiz: “certamente foi uma crítica ao contrato de casamento e a posição anticlerical defendida por ambos” (BERNARDES, 1995, p. 92-93). Ainda sobre essa posição, seu colega e poeta católico Jorge Mateus de Lima (2005, p. 20) escreveu:

Aborreci definitivamente os domingueiros da vida. Eu já sabia Octavio anticristão, Octavio contra minhas crenças, porém via no seu ser uma sinceridade, via também coragem, paixão, via confiança em melhoras. Ele não ligava canalhadas, e o que escrevia podia ser delirante e exaltado, mas era uma juventude grave já preocupada com os problemas humanos, coletivos. De certo, eu jamais concordei com as “verdades” que ele esposava e esposa. E via as gestapos policiais de então com o olho vivo em cima do adolescente, do maximalista em que os burros iriam transformar aquele menino circunspecto e revoltado. [...] Queria a dignificação do homem, a coexistência de ideologias opostas para uma perfeita democracia.

Também teria o alagoano amizade, alguns anos mais tarde, com um espírita de nome Viriato que, segundo a memória de Dionysa Brandão Rocha (2005, p. 55), filha de OB e Laura, o teria auxiliado quando o seu segundo mandato foi cassado e o PCB entrou na ilegalidade:

Viveu e sobreviveu durante os últimos 15 anos graças à amizade e solidariedade de um amigo e vizinho espírita – Viriato, que conseguiu junto ao Instituto da Previdência, pensão de velhice. Os dois mantinham frequentes e prolongadas conversas, sobre os mais variados assuntos. Viriato escreveu o ensaio *Um cristão ateu* (inédito).

Laura e Octavio tiveram quatro filhas: Sáttva (1922), Vólia (1923), Dionysa (1925) e Valná (1932). Ademais, Laura teve uma importante e histórica militância feminista, se destacou junto ao *Comitê de Mulheres Trabalhadoras* (1928) ligado ao BOC (Bloco Operário Camponês), do qual foi uma das fundadoras. Mesmo não tendo feito parte oficial do grupo dirigente do PCB, foi uma militante ativa e participante de diversas reuniões sindicais, além de ter trabalhado na redação do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB. Sobre ela, encontramos somente a dissertação de mestrado de Maria Elena Bernardes (1995), intitulada *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*.

Os movimentos sociais até a década de 1920, eram organizados por diversas correntes de esquerda, majoritariamente anarquistas, sindicalistas revolucionários, anarco-comunistas e anarcossindicalistas (BIANCHI, 2012, p. 133). Alguns desses movimentos já eram atuantes desde o final do século XIX, e contribuíram para a formação do movimento sindical e da organização e educação dos trabalhadores urbanos. Com o crescente descontentamento com as diretrizes das organizações anarquistas, socialistas e sindicais, grupos dissidentes começam a surgir, principalmente inspirados na Revolução bolchevique de 1917. O grupo reunido de ex-anarquistas¹⁵ e ex-socialistas descontentes com o movimento operário e com as oposições disponíveis às oligarquias nacionais de seu tempo, que resultará na formação do PCB, não foi organizado simplesmente por uma motivação “estratégica”, mas também pela sensibilidade ideológica ou cultural em comum, e por isso mesmo indicam um contexto social e político mais amplo. Sirinelli (2003, p. 248) argumenta:

[...] as engrenagens complexas do meio intelectual são redutíveis a um simples mecanismo, cuja mola seria a “estratégia”? Todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver.

Octavio Brandão entrou para o PCB alguns meses depois de sua fundação. Em 15 de outubro de 1922, aos 26 anos, OB recebeu a visita de Astrojildo Pereira

15 Sobre os militantes dos anos 1922 e 1923 que ingressaram no PCB, Brandão (1978, p. 259) relata: “O PCB tinha muitos ex-anarquistas e apenas dois maçons”; em outro trecho: “Mas o anarquismo – oportunismo de ‘esquerda’ – desagregava-se. Uns romperam com o passado e fundaram o PCB” (BRANDÃO, 1978, p. 251).

em sua pequena farmácia na rua General Câmara nº307, onde o colega teria levado a papeleta de filiação do partido. Brandão demoraria para filiar-se oficialmente ao PCB, pois reservou um tempo a estudar e a conhecer mais sobre os acontecimentos e as ideias em torno da Revolução Russa e dos bolcheviques. Dedicou-se a ler traduções francesas de obras de Marx, Engels e Lenin, emprestadas por Astrojildo.

Uma das motivações, declaradas pelo próprio, para aceitar entrar nas fileiras comunistas, foram as conversas que teve com Laura, de quem teve a “impulsão final, definitiva” (BRANDÃO, 1978, p. 232), principalmente após o nascimento de sua filha Sátva, em maio de 1922. Ainda segundo o seu relato, Astrojildo Pereira teria resolvido adiar a oficialização do novo membro para a data simbólica do dia 7 de novembro de 1922, quando foi comemorado o 5º aniversário da revolução proletária na Rússia (BRANDÃO, 1923, p. 233). Sobre a sua demora e cuidado para entrar no PCB, ele explica que:

Não aderi ao PCB por várias razões. Não conhecia as obras marxistas. Não poderia aderir como um simples membro da base. Teria de aderir como combatente, militante, com certa formação teórica. Teria de travar imediatamente uma luta furiosa contra o anarquismo e seus partidários (BRANDÃO, 1978, p. 231).

Apesar disso, desde os primeiros percalços dos comunistas brasileiros, Brandão, mesmo antes de ser um membro oficial do PCB, colaborou como simpatizante com a revista *Movimento Comunista*, em que publicou, já no primeiro número, um texto com elogios e saudações “à Rússia Socialista, pronunciada no sindicato têxtil a 1º de janeiro de 1922” (BRANDÃO, 1978, p. 231). OB (1978, p. 233) narra que a sua entrada foi em um contexto em que poucos intelectuais aderiam ao PCB devido aos quatro anos de estado de sítio, em que foram promovidas uma grande reação política e repressões policiais entre os anos de 1922 e 1926. É curioso e indicativo o fato de que um partido pequeno, recém fundado, e com um relativamente pequeno número de membros, tenha sofrido tamanha retaliação. Sobre o contexto internacional que criava outros obstáculos e dificuldades, Brandão (1978, p. 233) descreveu que havia um “refluxo da vaga da revolução mundial e a estabilização relativa do capitalismo” mesmo em condições “parciais” e “temporárias” que a reforçavam entre 1922 e 1929.

Sobre o contexto político brasileiro, Brandão (1978, p. 233) descreve uma série de elementos conjunturais: a ação dos monopólios estrangeiros que

escravizavam o Brasil, a ausência de democracia, a ditadura nacional, o aumento do “parasitismo e a burocratização” na máquina do Estado, e até mesmo aspectos de relações de gênero: “As relações entre os homens e as mulheres eram meras relações de dinheiro, mercantilistas”. Os “inimigos” a serem enfrentados naquele contexto eram segundo Brandão (1978, p. 233):

A exploração econômica e a opressão política. O domínio do capital estrangeiro, do latifúndio e da grande burguesia, a mística feudal e reacionária da Idade Média europeia. A miséria e o embrutecimento. A barbaria e o obscurantismo.

Em 1923, foi eleito membro da CCE do PCB e, em abril daquele ano, recebeu a incumbência de dirigir a Comissão de Educação e Cultura, tornando-se assim responsável pela política de agitação e propaganda (BRANDÃO, 1978, p. 238). Todas essas atribuições ocorreram apenas alguns meses depois de sua admissão como militante comunista. OB ainda auxiliaria a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e colaboraria com os jornais *O Alfaiate*, *Voz Cosmopolita* e *O Paiz*¹⁶. Nesse momento, utilizou-se dos pseudônimos João Garroeira e Manoel Braúna para escapar da censura e da polícia. Esses elementos nos dão indícios do papel político e intelectual de Brandão como elaborador de teorias e estratégias práticas com o objetivo de alcançar uma hegemonia cultural e política dos comunistas no movimento operário.

Entre os anos de 1923 e 1924, Brandão também terá a sua atuação militante junto de sindicatos de padeiros e alfaiates e, junto de seu auxiliar imediato na Comissão de Educação e Cultura, Paulo Paiva de Lacerda, procurou fundar o Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional. Um dos objetivos para a fundação desse comitê foi o acompanhamento das notícias da Rússia e da Alemanha, sendo que esta última passava por uma “crise revolucionária” em agosto de 1923, e escreveu sobre esses acontecimentos nas colunas da “Seção Operária” de *O Paiz* (BRANDÃO, 1978, p. 240).

¹⁶ Segundo o próprio relato de Brandão (1978, p. 239), *O Alfaiate* era um jornal pequeno pertencente à Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. O jornal *Voz Cosmopolita* era o órgão de imprensa dos trabalhadores em cafés, hotéis e restaurantes, instalado no Centro Cosmopolita à rua do Senado 215. No jornal *O Paiz* Brandão publicou também textos traduzidos de Lenin e de outros líderes da Internacional, a biografia de Marx por Paul Lafargue, artigos da revista *La Correspondance Internationale*, e parte de seu livro *A Rússia Proletária*.

Em 28 de julho de 1924, dois anos depois da fundação do Partido Comunista do Brasil (MORAES, 2006, p. 11), Octávio Brandão escreve o texto intitulado *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*¹⁷ (2006) e publica sob o pseudônimo de Fritz Mayer e a indicação falsa de Buenos Aires como o lugar em que a obra teria sido editada (MORAES, 2006, p. 12). Durante o período de escrita do ensaio, Brandão esteve escondido da polícia do então presidente da República Artur Bernardes (1922-1926).

O ensaio *Agrarismo e Industrialismo* circulou mesmo incompleto em cópias datilografadas, e serviu como base argumentativa e teórica para as teses apresentadas por Astrojildo Pereira nos dias 16 a 18 de maio de 1925, no II Congresso do PCB. No entanto, o escrito final do ensaio só foi publicado em abril de 1926. Foi durante esse congresso que Brandão foi escolhido para ser um dos responsáveis pela criação do jornal *A Classe Operária*.

Também durante o II Congresso do PCB, a política do partido foi estabelecida, baseando-se em diversas concepções, destacando a perspectiva dualista do ensaio *Agrarismo e Industrialismo*. Foi estabelecido nesse congresso o caráter “antifeudal e anti-imperialista” da revolução brasileira, todos elementos contidos no ensaio de Brandão (AMARAL, 2007, p. 263), pois os membros dirigentes, principalmente Astrojildo Pereira e Octávio Brandão, acreditavam que a economia nacional sob o modelo agrário semifeudal, e o capitalismo moderno internacional eram as fontes da contradição fundamental da sociedade brasileira, que marcou o pós-abolição da escravidão e o estabelecimento da República. Roberto Mansilla Amaral define a obra *Agrarismo e industrialismo* da seguinte maneira:

Esse escrito pode ser considerado o primeiro esforço analítico de compreensão da realidade nacional à luz do marxismo em nosso país, ao utilizar, pioneiramente, categorias como luta de classes, insurreição, hegemonia proletária, além de uma incipiente formulação de frente única, com os tenentes (AMARAL, 2007, 263).

Para os comunistas do primeiro grupo dirigente do PCB, a chamada “revolução democrática pequeno-burguesa” seria então a precursora da revolução

17 No próximo capítulo, nos aprofundaremos sobre esse ensaio de Octavio Brandão, o *Agrarismo e Industrialismo*.

proletária, e, por isso mesmo, eles precisavam se colocar ao lado dela. Essa concepção foi consolidada e oficializada no terceiro Congresso do partido, em 1928.

O ensaio de Brandão analisa os confrontos políticos e a expectativa de uma “guerra civil” que viria a surgir no Brasil com as revoltas tenentistas, buscando assim se aproximar e se apropriar da imagem das insurreições armadas de Copacabana, de 1922 (A revolta dos 18 do Forte), e a revolta de São Paulo, em 1924. O ensaio também descreve um quadro conjuntural em que as contradições sociais brasileiras são baseadas nos conflitos entre os interesses dos latifundiários e os interesses da pequena burguesia e dos industriais.

“Essa orientação dualista vai influenciar as análises do PCB ao longo de quatro décadas, só sendo revista após a publicação do livro de Caio Prado Jr., *A revolução brasileira*, em 1966” (AMARAL, 2007, p. 263-164). É importante ressaltar que a visão *dualista* do confronto entre o “atrasado” e o “moderno”, “antigo” e o “novo”, “feudalismo” e “capitalismo”, e no caso de Brandão e o marxismo de 1920 (representado pelo PCB) com o “agrário” e o “industrial”, apesar de terem expoentes típicos na teoria marxista, surge antes da organização do PCB e de seus teóricos comunistas. O debate sobre o dualismo é possível de ser observado antes e depois do ensaio de Brandão, como um tema recorrente entre intelectuais brasileiros de diversas orientações políticas, como em *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, e nas obras de Capistrano de Abreu, Manoel Bonfim, Roger Bastide, Jacques Lamber, Inácio Rangel, Luís Carlos Prestes, Alberto Passos Guimarães, Nélon Werneck Sodré, entre outros (DÓRIA, 2007, p. 250-262).

Para além da temática do dual e a partir da apropriação do conceito de imperialismo¹⁸ de Lênin (BRANDÃO, 2006, p. 79; 91; 105), Brandão chama a atenção, em seu ensaio, para a ação do imperialismo e a subordinação econômica dos interesses agrários dos políticos e fazendeiros brasileiros às finanças da Inglaterra, e dos industriais às finanças dos EUA. Ainda dentro dessa conjuntura, Brandão descreve uma dura situação em que o Brasil estaria subjugado à posição de monocultor de exportação de café. Em síntese, o objetivo do texto é propor que

18 Ver mais sobre o imperialismo na leitura de Lenin em: LENIN, V. I. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo: ensaio popular*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012; CAPUTO, Renato. *Imperialismo*. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs.). *Dicionário Gramsciano*. São Paulo: Boitempo, 2017.

a ação política dos comunistas buscassem uma aliança da classe operária com a pequena-burguesia na luta contra a oligarquia agrária e a oligarquia financeira.

Em 1925, Brandão se torna o primeiro diretor e editor do periódico *A Classe Operária*, jornal para o qual escreveu usando diversos pseudônimos tais como Krieg, Larl Krieg, Fackel, Manoel Braúna e João Garroeira (BRANDÃO, 2006, p. 24). Três anos depois, no Rio de Janeiro, consegue um grande feito, sendo eleito como intendente (espécie de vereador daquele momento histórico) pelo BOC.

Muitas das teses de *Agrarismo e Industrialismo*, que serviram para orientação da ação política do PCB durante a segunda metade da década de 1920, serão criticadas dentro do próprio partido na virada para a década de 1930. A pressão combinada do esquerdismo obreirista¹⁹ no interior do PCB e da também esquerdista linha dita “classe contra classe”, adotada pelo Comintern (III Internacional, 1919-1943) e aplicada pelo seu Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista (SSA/IC), localizada em Buenos Aires, enfraqueceram as posições do então grupo dirigente em torno de Astrojildo Pereira (MORAES, 2006, p. 13-14).

Octavio e Astrojildo, além de outros militantes importantes do PCB até 1930, foram marginalizados e a aliança com a pequena-burguesia revolucionária foi classificada como um “desvio direitista” pelas novas diretrizes do partido. À rejeição de suas ideias no interior do movimento somou-se a repressão anticomunista movida pelo governo provisório de Getúlio Vargas no início da década de 1930. Preso, e em seguida expulso do Brasil em 1931 pelo governo varguista, Brandão partiu para um longo exílio na União Soviética. Sobre a sua fuga, FHC relata que, através das narrativas de seus pais, ouviu algumas memórias sobre a fuga de Brandão. FHC (2005, p. 15-16) descreve:

E isso depois da revolução de trinta, quando os “tenentes” assumiram o poder e meu pai, então capitão do exército, trabalhava no gabinete de seu tio, general Augusto Ignácio do Espírito Santo Cardoso, ministro da guerra do governo de Getúlio Vargas. Bem à moda brasileira da época, o comunista perseguido recebeu em

19 Obreirismo foi um movimento dentro do PCB, de inspiração em novas concepções oriundas das disputas políticas pelos dirigentes da URSS e da Internacional como a nova postura adotada da “classe contra classe”, que defendiam que o partido precisaria ser organizado por indivíduos operários, o que contribuiu para uma visão negativa e de exclusão dos intelectuais (me refiro a escritores, jornalistas, etc.). O obreirismo que destacamos aqui é o referente ao PCB nos fins da década de 1920 e início de 1930, sendo que há outras utilizações e grupos que se identificam a partir da expressão “obreirismo”.

casa, antes de ser preso, a visita do parente com alguma influência para se informar sobre melhores condições de fuga. Bons tempos.

Durante o ostracismo político do autor de *Agrarismo e Industrialismo*, a obra ganha certa projeção entre os militantes e intelectuais marxistas. Décadas depois, no artigo “Uma etapa da história de lutas”, publicado na *Imprensa Popular* de 21 de janeiro de 1957, Octávio Brandão assumiu a responsabilidade pelas acusações de “desvios direitistas” que teriam caracterizado a linha do PCB entre 1924 e 1929. Em um trecho desse texto, Brandão afirma:

Infelizmente, o desenvolvimento e a consolidação do PC foram travados pelos desvios de direita. Apesar de todos os esforços e tentativas, o nosso PC não conseguiu compreender o caráter da revolução, suas etapas e forças motrizes. SUBESTIMOU a importância dos camponeses. SUPERESTIMOU o revolucionarismo pequeno burguês em geral e, em particular, a significação dos revoltosos pequenos burgueses de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes. Colocou à frente o Bloco Operário e Camponês, e não o próprio PC (BRANDÃO, 2006, p. 192).

Em 1959, OB desabafou sobre os seus sentimentos e visões, em relação à postura e às concepções do PCB, nas circunstâncias daquela conjuntura política e social brasileira, para um conhecido chamado Cid Franco. Ele escreveu (GUEDES, 2005, p. 59):

“Cid:

Existe uma nova realidade. Todos nós estamos superados, presos a experiências ultrapassadas. Nosso destino histórico, inclusive o de Pr., está ultrapassado. As concepções do P.C. já não correspondem à realidade. Fomos deformados pelo stalinismo. Devemos buscar as raízes da nossa própria autenticidade nacional, em proveito da coletividade, e não apenas do proletariado. Precisamos de dez ou quinze anos de nacionalismo. Depois, começará outro período histórico. Já teremos, então, conquistado nossa independência econômica. Fracassou, no Brasil, a ideia de um partido proletário e da hegemonia do proletariado. O proletariado do Brasil não tem condições para isto (Octavio Brandão, 14/11/1959).

O historiador João Quartim de Moraes, em um pequeno texto introdutório de uma edição de *Agrarismo e Industrialismo*, intitulado “Um Livro Fundador”, contradiz a própria visão de Brandão. Segundo ele:

Pensamos, ao contrário, que no contexto histórico dos anos vinte, a contradição principal opunha as forças sociais empenhadas em

libertar a nação do jugo dos fazendeiros do café, de seus associados locais e, por trás deles, do imperialismo inglês e estadunidense, exatamente como sustenta Agrarismo Industrialismo. Se discutível que tenha subestimado os camponeses (admitimos que falhou em não mencionar Canudos e Contestado), não deixou de salientar que sem mobilizar as massas trabalhadoras do campo a coluna Prestes não lograria levar adiante sua empreitada revolucionária (MORAES, 2006, p. 16-17).

Em uma carta de outubro de 2000, publicada em um livro organizado por J.R. Guedes, Dionysa Brandão Rocha, filha de OB e Laura, escreveu sobre a morte de seu pai:

A diabetização traiçoeiramente “cupinizou” o organismo forte e resistente do caboclo nordestino. Lentamente deixaram de ser ouvidos os tic-tacs da velha máquina datilográfica...

[...] Em vida, dava pouco trabalho. Até morrendo, procurava aliviar a preocupação dos seus. Calado e magro, resistiu à pneumonia de quarenta graus. Resistiu a vários AVCs (Acidente Vascular Cerebral). Após o último, começaram a introduzir no seu corpo e braços agulhas, sondas e outros aparelhos. Resistiu. Prenderam seus braços, o corpo foi amarrado à cama e as pernas imobilizadas. Clamava inofensivo, sem forças, tentando romper os cordões, ainda tentava protestar. Lábios cerrados, o olhar enérgico fuzilava. Dos olhos saíam faíscas de revolta, condenando sem queimar. Os médicos lutaram durante quatro horas. Não desejava esta última prisão. Não aceitava a ideia de prorrogar a tormenta – sua vida nestes últimos momentos.

Em vão... em vão. Veio mais um AVC. O corpo serenou em paz e descansou para sempre a sua mente a sua última revolta (Dionysa Brandão Rocha, 2005, p. 55-56).

Após apresentar essas breves indicações biográficas sobre a vida política e pessoal de Octavio Brandão, em que destacamos sua militância e obra na década de 1920 de acordo com o recorte de nossa pesquisa, apresentaremos a seguir, nos próximos tópicos deste capítulo, as principais características do seu pensamento político, suas influências, conclusões, teses defendidas, e por quais transformações suas ideias políticas passaram através de seus principais trabalhos entre os anos de 1922 e 1924, primeiros anos de sua militância comunista e de existência do PCB.

1.2. A transição do anarquista ao comunista: As ideias políticas em *Mundos fragmentários* (1922-1923).

O primeiro passo para a Libertação Universal, não resta duvida, é a Libertação Individual. Pois bem: o primeiro passo para esta consiste no facto de o individuo libertar-se da tyrannia da Opinião Publica, rompendo abertamente contra ella.

Octavio Brandão²⁰.

Octavio Brandão narra em suas memórias que, após o convite de Astrojildo Pereira para entrar no partido, e depois de diversas conversas e debates com o seu colega, começou o seu estudo de obras marxistas traduzidas do francês, inicialmente indicadas pelo próprio Astrojildo. Os primeiros livros indicados por Astrojildo, sobre a tradição política e de pensamento do materialismo histórico e dialético e o chamado “marxismo-leninismo”, foram: *O Estado e a Revolução*, *A Moléstia Infantil do ‘Esquerdismo’ no Comunismo* de Lênin e o *Manifesto Comunista* de Marx e Engels” (1978, p. 231).

Nos anos que seguiram a 1922, Brandão (1978, p. 231) menciona outras obras desses três autores como suas principais referências, os quais chamou de “os três maiores Mestres de toda a Humanidade”, em que se debruçou a conhecer e aprender dentro dos limites de seu autodidatismo e da prática militante. Não é demais afirmar que Brandão não é um acadêmico, no sentido de não ter os mesmos compromissos e funções que um professor ou pesquisador de uma instituição universitária. Assim sendo, o tratamento dado à sua forma de escrita e posicionamentos (como o seu estilo, critérios argumentativos, e seus objetivos intelectuais e pessoais) são de outra natureza, como pretendemos demonstrar durante todo este capítulo.

Em suas memórias, Brandão esclarece que as principais referências do PCB durante a década de 1920, ao contrário do que afirmam críticos e adversários do movimento comunista brasileiro e do marxismo daquele momento, passavam a largo de Stálin. Eram Marx, Engels e Lenin as principais referências políticas e aportes teóricos do grupo de Astrojildo Pereira e de todos os membros dirigentes do partido durante os primeiros anos de 1920, e não Stálin, pois este não era sequer

20 (BRANDÃO, 1922, p. 35).

conhecido ainda da militância geral brasileira. Apesar de existir um longo debate sobre as influências bolchevistas e soviéticas (incluindo os posicionamentos stalinistas) nos marxistas e comunistas latinos, vamos nos ater aqui às percepções do próprio Brandão:

Os trabalhos de Stálin eram desconhecidos na época. Seus artigos e discursos só apareceram em nosso país depois da morte de Lênin, durante a discussão contra Trótski. Seu livro *Os Fundamentos do Leninismo* só foi lido no Brasil muito depois. A princípio, Trótski era falado como um dos “chefes” da revolução. Na realidade, em 1922-1929, ele não exerceu influência no PCB (BRANDÃO, 1978, p. 233).

Tanto *Mundos Fragmentários* (1922) como *Rússia Proletária* (1923), ambos de autoria de Octavio Brandão, demonstram desconhecimento sobre a figura ou a produção textual de Stálin²¹. Desse modo, através desses dois escritos, é possível observar outros elementos, como suas principais referências políticas e intelectuais, sejam de anarquistas, comunistas, cientistas, poetas e de filósofos de tradições diversas como Kant, Nietzsche, Schopenhauer, Epicuro, Heráclito, Eliseu Reclus, e autores aos quais Brandão lança a sua crítica e demarca o seu afastamento intelectual, como Ruy Barbosa e autores cristãos (como Paulo de Tarso e Tolstói).

A partir desses dois textos, além de indicar as ideias e discursos defendidos em um período em que seus posicionamentos políticos estão em transição, é possível observar quais obras circulavam nos meios comunistas e anarquistas. Pretendemos assim apontar as influências teóricas de Brandão entre 1922 e 1923, e quais elementos políticos e estratégicos continuam em seu pensamento ou sofrem ruptura nos seus primeiros anos como comunista.

Em suas memórias, Brandão (1978, p. 233; 237) declara que sua perspectiva marxista foi o resultado da fusão do “realismo da luta revolucionária com o romantismo heroico”. Durante várias fases de sua trajetória, em diferentes textos,

21 São recorrentes leituras e críticas se referindo a década de 1920 como uma fase “stalinista” do PCB ou dirigida por membros “stalinistas” por causa da utilização do termo marxismo-leninismo, expressão que caracteriza o ensaio *Agrarismo e Industrialismo* em seu subtítulo. No entanto, essas críticas desconsideram, ou mesmo desconhecem, que o pioneirismo de Brandão em utilizar da expressão marxismo-leninismo, para referir-se ao método analítico que fundem os conceitos e a teoria dos dois principais autores comunistas, se deu anteriormente à sua utilização da Rússia soviética. O livro “Sobre os Fundamentos do Leninismo”, de Stálin, é organizado também em 1924 e não se tem menção a ele em nenhum dos textos de Brandão de nosso recorte. Ver em: AMARAL, 2003, p. 94-107; ROIO, 2004, p. 121; MORAES, 2014, p. 17-19; MORAES, 2007, p. 139-141. Trataremos um pouco sobre essa questão no próximo capítulo.

OB utilizou-se de expressões de estilo grandiloquente, uma visão apaixonada e por vezes até poética que caracterizam a sua escrita. Por exemplo, pelo uso frequente de superlativos e expressões “rebuscadas”, além da exaltação da natureza nacional. Cinco anos após a morte de OB, o filósofo marxista e crítico literário Leandro Konder (1985, p. 6-8) publica um artigo no qual critica a escrita e a figura do alagoano, as quais descreve de maneira caricatural e pejorativa: “O único alívio que seu ascetismo lhe permite é a elaboração de versos parnasianos, cheios de retórica humanista e brados de revolta”.

No entanto, o próprio Brandão, ainda na sua fase anarquista e libertária, em 1920, quando iniciou a escrita de *Mundos Fragmentários* (1922, p. 49), também criticava o que ele chamou de: “sabedoria pesada, mastodôntica de certos gramáticos e eruditos”, e defendia que “entre as grandes doenças mentais da História Moderna está o palavrismo: palavras... palavras...” (BRANDÃO, 1922, p. 32). É nesse mesmo sentido que Brandão cita criticamente Ruy Barbosa e sua influência nos letrados e intelectuais brasileiros. No aforisma 106, Brandão (1922, p. 35) chama Ruy Barbosa²² de “synthese do poviléo de rhetoricos que nos atordam com o seu gluglurejar”. Apesar disso, o então libertário reconhece a acusação de que a sua escrita²³ não era compreendida pela “plebe²⁴” e que o aconselhavam a “empregar uma linguagem mais ao alcance dela” (BRANDÃO, 1922, p. 17). Ele continua:

Ó não! Não baixarei á plebe. Pois se quero eleval-a, como vou baixar? Se a plebe quiser adquira azas, faça um esforço e se eleve á minha Acropole. Isto, enquanto é cedo. Porque senão, depois será tarde: terei desferido o vôo para os cimos solitários, os mares geleados, ainda não atingidos pelos mais ousados navegadores e aeronautas.

22 Em diversos outros aforismas, Brandão faz críticas a Rui Barbosa. Por exemplo, nos aforismas de números 103 e 105, diz que Rui Barbosa é um típico “palavrista”, e que a sua figura não seria grande se não fosse cercado pela “nulidade da camarilha” (BRANDÃO, 1922, p. 32).

23 Sobre a importância do escritor para Brandão: “116 O verdadeiro escritor não escreve para ser agradável a ninguém; se o quiserem, é tal como ele é. Cumpre a sua missão de escritor com quem cumpre um sacerdócio. E que sacerdócio! O mais alto que a História menciona” (BRANDÃO, 1922, p. 36).

24 OB não se isenta de criticar populares que trabalham para militares, igrejas e o Estado burguês: “Existe uma abjecta inconsciência no pedreiro que se presta a construir um quartel, um convento, uma igreja, uma prisão, como no typographo que imprime calumnias ou um livro canalha, como no metallurgico que forja canhões” (BRANDÃO, 1922, p. 12).

Em termos de comparação, em *Russia Proletaria* (1923), já na fase assumidamente comunista do autor, Brandão se mostra mais flexível aos leitores populares e proletários, além de defender a necessidade de uma educação política das massas. Em uma nota de rodapé, ele explica: “não se pode exigir tanta coisa de um simples trabalhador. Todavia, é necessário que ele tenha noções precisas sobre os pontos básicos da teoria: existência das classes, luta das classes, ditadura do proletariado, etc.” (BRANDÃO, 1923, p. 133).

Para além dos elementos criticados por Leandro Konder, sobre o estilo e a estética da escrita do alagoano, destacam-se o seu aspecto como leitor e tradutor de textos marxistas. Seu pioneirismo na introdução das ideias de Marx, Engels e Lenin, o coloca como um dos principais responsáveis por divulgar os conceitos desses três autores na década de 1920. Reconhecer o papel intelectual de Octavio Brandão, sobretudo nessa fase de transição de suas posições libertárias para os seus primeiros anos como comunista confesso, nos ajuda a melhor qualificar as suas particularidades como intérprete e divulgador do marxismo e do leninismo no Brasil, principalmente se considerarmos a sua rápida ascensão²⁵ como um dos principais dirigentes do PCB, ao lado de Astrojildo Pereira, Antonio Canellas, Cristiano Cordeiro, Paulo Lacerda e Rodolfo Coutinho.

Em 1920, ainda na sua fase anarquista, OB escreve o panfleto *Mundos Fragmentários* em homenagem à sua filha Sátva. Ele escreve no início da obra: [...] “na esperança de que a Mulher não seja no Futuro o ser infeliz que é no presente, dedico este livro implacável” (BRANDÃO, 1922, n.p.). O livro é escrito com estilo aforístico, com a exposição de suas críticas e pensamentos, trata de temas aleatórios, como a crítica a diversas religiões, à sociedade burguesa, à educação, à posição da mulher²⁶ na cultura burguesa, ao casamento civil e religioso, ataque a alguns pensadores da antiguidade e da modernidade (de Platão a Pascal) e

25 Marcos Del Roio (2004, p. 120) narra que Octavio Brandão entrou no partido oficialmente em 7 de novembro de 1922 e foi eleito para a Comissão Central Executiva (CCE) do PCB poucos meses após a sua filiação.

26 Da página 17 a 25, OB expôs suas opiniões sobre a mulher e a família. Em alguns de seus aforismas, aponta que o “domínio da mulher é o domínio da moral”, além de dizer que é sua a responsabilidade do lar e dos filhos por ser uma “modeladora das gerações futuras” (BRANDÃO, 1922, p. 19-20). Apesar de Brandão criticar o casamento civil e religioso como um contrato comercial em que a mulher é colocada como mercadoria, criticar a educação burguesa que as mulheres recebiam, e ainda criticar a posição inferior da mulher na sociedade burguesa como um todo, não significou que o escritor alagoano, e então anarquista, não reproduzisse os seus preconceitos e machismo como também os pensamentos e valores de sua época e sociedade.

políticos (como Rui Barbosa), elogio a diversos filósofos e poetas como Vyasa²⁷, Nietzsche e Walt Whitman. Declarou que o conteúdo desse texto era uma posição “contra o regime dominante, a mística e obscurantismo, em prol de um novo sistema social” (BRANDÃO, 1978, p. 197).

O panfleto de 76 páginas foi editado por uma pequena tipografia, Tipo-arte, de um artesão português conhecido por Fonseca, localizada na rua Ledo 68, no Rio de Janeiro. A ilustração da capa ²⁸ foi feita pelo pintor Miguel Capllonch²⁹ e traz dois homens enfrentando um monstro em formato de polvo em frente à aurora. De maneira literária e fantástica, OB explica a metáfora da imagem na introdução do texto:

O Polvo de mil tentáculos da Exploração e do Preconceito abarca o Globo terráqueo.
A Evolução, o Homem Dynamic, Prometeu proletário escudado na Força e na Justiça, vae aniquila-lo, para que a Instrucção Racional (livro) e o Trabalho fecundo apresentem ao Porvir o Mundo Novo e Liberto (BRANDÃO, 1922, n.p.).

Esse texto passou por diversos obstáculos que não são detalhados nas memórias de OB, mas, além das dificuldades de teor político, também passou por dificuldades financeiras para finalizar e imprimir a obra. Para *Mundos Fragmentários* ser publicado, houve uma espera de um ano e cinco meses (BRANDÃO, 1978, p. 197). OB considera que, quando a obra foi publicada, ele já teria “evoluído muito” em comparação ao período de 1919 a 1920, e que, desse modo, a obra teria “as mesmas falhas das brochuras anteriores”: a influência das ideias libertárias³⁰, o “idealismo filosófico no terreno da História”, e a não compreensão da necessidade de um “Estado socialista de transição” (BRANDÃO, 1978, p. 1978). Mesmo assim, considerou vantajosas as suas contribuições para as “concepções materialistas” e o seu combate ao “idealismo filosófico ou espiritualismo”.

27 Há várias menções a Vyasa, mas um especial, o de número 209 é inteiramente em sua homenagem, fazendo elogios e fazendo referências aos poemas dedicados a “Indra, Surya, Agni, Rudra, Vayu, Paramâtmâ...” (BRANDÃO, 1922, p. 62).

28 Ver o anexo A.

29 Brandão (1922, p. 57) faz menção ao pintor na sua obra, homenageando Capllonch escreveu: “Dentre os pintores, Miguel Capllonch, figura expecional onde se combinam o artista e o pensador”.

30 Sobre o anarquismo declarou: “Por isso, afirmo com toda a certeza: a obra dos anarquistas é a que mais mergulhou no amago das ondas do oceano social; é a mais perfeita, a de maior visão, porque deixando em paz os efeitos, luta, batalha pela extinção radical das causas morbíficas” (BRANDÃO, 1922, p. 8).

Considerando que o texto foi escrito em sua maior parte em 1920 e publicado em agosto de 1922³¹ (ele entrou no PCB em 15 de outubro de 1922), Brandão teve tempo para mudar algumas de suas declarações e polêmicas levantadas em sua fase anarquista³², como também de demonstrar as concepções bolchevistas e comunistas adotadas durante o ano de 1922. No entanto, optou por manter o texto original com mínimos acréscimos. Muito provavelmente manteve as ideias do livro devido às dificuldades já mencionadas para publicar o texto e à expectativa de conseguir vender a obra e arrecadar recursos, mesmo mantendo muito do conteúdo de seus ideais da fase anarquista. A última frase do folheto, que reforça essas dificuldades vividas pelo autor, é: “Só parece que todos os deuses e diabos do mundo inteiro se coligaram contra o meu pobre livro!” (BRANDÃO, 1922, p. 76).

É curioso que, segundo as memórias de *Combates e Batalhas* (1978), Brandão havia enviado, em 1922, alguns de seus textos e artigos, de sua militância ainda anterior à sua adesão ao marxismo, aos cuidados de Lenin em um endereço na Holanda. Entre o material enviado, se encontrava uma cópia do livro *Mundos Fragmentários* que, segundo consta na narrativa do alagoano, teria sido guardada na biblioteca pessoal de Lenin, no Kremlin (BRANDÃO, 1978, p. 260). O período de escrita e da publicação de *Mundos Fragmentários* nos dá indícios para pensar as múltiplas influências e tradições de pensamentos diferentes que vão se fundindo ou transitando num misto de matrizes políticas e culturais. Nesse sentido, Lacerda (2017, p. 156) reforça que:

[...] todo o processo de recepção implica um certo grau de adequação, pois as ideias circulam de um espaço social a outro sem seus contextos e os receptores as interpretam de acordo com as necessidades ditadas por seu próprio campo de produção.

O próprio livro *Mundos Fragmentários* documenta a posição anarquista do autor e, ao mesmo tempo, comunista e “egoísta-dionista³³”. É possível observar essas apropriações de posições políticas e culturais diversas no trecho a seguir:

31 Ao final do texto, é indicada a data de publicação de 28 de agosto de 1922 (BRANDÃO, 1922, p. 74).

32 Refere-se a si mesmo como um “ácrata moderno” (BRANDÃO, 1922, p. 30).

33 Em diversos aforismas de *Mundos Fragmentários*, Brandão menciona o termo “egoísmo” referente ao valor moral e a conduta de um anarquista. Já o “termo egoísta-dionista” seria uma referência ao dionisíaco nietzschiano, um conceito para referir-se a um tipo de moral superior à moral religiosa, cristã e burguesa, segundo a leitura do próprio Brandão.

Quanto a mim, não admito nem aceito a menor conciliação entre o meu anarchismo (atheu, anti-militarista, anti-burguez, anti-estatista, anti-christão, comunista e um tanto individualista, egoísta-dionysista) e outras quaisquer concepções como o socialismo de esmoler de Leão 13, o socialismo anti-catastrophico de Bernstein e Vandervelde, o socialismo panentheista de Tiberghien, o socialismo agrário de Henry George, o parlamentarismo dos socialisteiros italianos, o anarchismo deista de Tolstoi, o anarchismo nacionalista de Mas Gomeri, o comunismo pacifista de Lasalle, o reformismo de Jaurès, o anarchismo espiritualista ou theosophista, o guesdismo, o corporativismo, o trade-unionismo ou quaisquer reformismo.

A Idéa é irreductivel.

Meu anarchismo não admite biarchias ou triunviratos. Não procura conciliar antagonismo ferozes.

Deante de outra qualquer teoria adversaria, ou o a combate, ou a digere para expulsar-a depois como cousa impura, como escoria!

Ô anarchista do mundo, nada de acordos armistícios, conciliações!³⁴

Outra influência que se destaca na obra são as de matrizes religiosas e míticas, que podem ser identificadas no pensamento de Brandão, em 1920, como menções elogiosas à filosofia e à mitologia grega e hindu. Por exemplo, OB reivindica e defende as “concepções materialistas” a partir do “estudo das ciências naturais”, a necessidade do “domínio da física e da filosofia”, mas entendidas a partir do “antigo sentido helênico, isto é, o estudo de todos os fenômenos da Natureza ou do universo” através dos gregos da antiguidade (BRANDÃO, 1978, p. 198). Mais à frente no texto, o autor explica que a sua “physica” tem a ver com o que chamou de seu “egoísmo dionysico³⁵”, que seria um egoísmo que deseja a felicidade alheia, “um egoísmo superior” (BRANDÃO, 1922, p. 29), que também é uma referência direta ao filósofo Friedrich Nietzsche³⁶ (1844-1900).

Através do seu estilo de escrita aforístico, assemelha-se a obras nietzschianas como *Assim Falou Zaratustra* e *Para Além do Bem e do Mal*. Não somente há semelhança no estilo, mas há mesmo uma indicação no aforisma de número trinta, em que Brandão (1922, p. 11) declara ter lido a obra sobre Zaratustra em 8 de dezembro de 1917. E já nos dois primeiros aforismas da obra, Brandão usa as metáforas de uma “mina do Pensamento” e o “mineiro do Idéal” que se

34 Tentamos manter a ordem dos caracteres da publicação original de 1922.

35 Em outras passagens, OB fala em “posição individualista”, “prazer individual”, “egoísmo dionysico” (BRANDÃO, 1922, p. 29).

36 Em *Mundo Fragmentario*, OB diz considerar Vyasa e Nietzsche como “os maiores gênios da humanidade” (BRANDÃO, 1922, p. 31).

assemelham à história de Zaratustra³⁷. Brandão narra a figura desse “mineiro do Ideal” da seguinte forma: “empunha a picareta e atacando as rochas de preconceitos e velharias e revelando a fossilização das concepções antigas, vae descobrindo veios riquíssimos, pepitas incomparáveis, pedrarias maravilhosas” (BRANDÃO, 1922, p. 1). Em outro trecho, faz referência à sua própria influência e devoção ao filósofo alemão:

Destruir as velhas idéas do passado, as velharias absurdas – que ventura para um filho espiritual do poeta-philosopho.
[...] A tua voz, ó vidente imortal, vibrou como o grito de um novo Isaías (BRANDÃO, 1922, p. 11).

Apesar de tecer diversos elogios ao filósofo, diferencia a sua posição individualista do individualismo nietzschiano³⁸ sem dar detalhes ou uma explicação de cunho teórico, faz somente uma abstração escrita de maneira poética: “Meu individualismo não é individualismo de rapina á Frederico Nietzsche, nem a muralha chinesa á Max Stirner; meu individualismo é taça que desborda, é rio que transvaza” (BRANDÃO, 1922, p. 28). Mesmo na primeira edição de seu ensaio *Agrarismo e Industrialismo*, que circulou em 1924, utilizou-se do conceito nietzschiano de “vontade de potência”, e completa com “diria o filósofo”, e na segunda edição, de 1926, trocou-a por “vontade de dominação” para se referir aos interesses dos grandes industriais que eram desprezados pelos grandes fazendeiros (BRANDÃO, 2006, p. 27).

Com essas referências, *Mundos Fragmentários* faz diversas críticas ao cristianismo³⁹ ao mesmo tempo que faz a sua defesa do socialismo: “Para aflorar á

37 Em outro aforisma, Brandão retorna a essa metáfora: “205. Há quantos anos, ó Humanidade que minha alma, como a do Zarathustra alemão, te espera no alto da Torre do Idéal, assaltada pelas ondas terríveis!” (BRANDÃO, 1922, p. 61).

38 No apêndice da obra, Brandão lista uma série de obras, as quais indica “para a compreensão integral da corrente ideológica seguida pelo autor, é imprescindível a leitura methodica [...]”, em que se encontra o livro *Anticristo* na categoria “Anti-christianismo” e na categoria “Meditação philosophica” os livros “Aurora”, “La Gaya ciência”, “Humano, demasiado humano”, “El crepúsculo de los ídolos”, todos de autoria de Friedrich Nietzsche. Há também a indicação de obras sobre a vida e o pensamento de Nietzsche, como “La vie de Frédéric Nietzsche” de Daniel Halévy e “La filosofia de Nietzsche” de Lichtenberger. Em outro trecho, ele escreve sobre a morte de Deus e cita Schopenhauer: “Seria uma troça superior publicar-se um livro com a dedicatória seguinte: - À veneranda memoria de Jehovah, vulgo Deus, morto pelas bicoradas da pena de Schopenhauer” (BRANDÃO, 1922, p. 5).

39 Nas primeiras, a crítica a Cristo e ao cristianismo é exposta: “A originalidade do christianismo é uma fabula; ele não passa de um indigesto vatapá religioso” (BRANDÃO, 1922, p. 5). Em outro trecho, critica a falta de originalidade e de apropriação de outras culturas pelo cristianismo, citando o exemplo do costume popular católico do ex-votos, uma espécie de presente oferecido

terra o christianismo levou mais de 300 annos, e o socialismo revolucionário, sem nenhum auxilio divino, apenas 45 annos (1872-1917)⁴⁰ (BRANDÃO, 1922, p. 14). Brandão critica não somente o cristianismo, o principal alvo ao lado da cultura burguesa, mas também diversas correntes que ele considera como espiritualistas, místicos, além de católicos, judeus e positivistas (ou o que ele também chama de “comtistas”) como não originais, cópias de outras culturas como a hindu, persa e egípcia (BRANDÃO, 1922, p. 3-4). Essa crítica sobre Comte é uma constante também em outros textos, qualquer influência positivista nos textos de Brandão deveu-se à leitura de outros autores influenciados ou formados sobre o positivismo, corrente da época. Sobre Comte, escreveu:

Augusto Comte é no fundo uma manifestação de mysticismo humanitário. Suas alucinações religiosas não são mais do que uma caricatura indecente das suas visões philosophicas. Houve por certo algum desequilíbrio naquele cérebro de grande philosopho, de sociólogo medíocre e de mystico desastrado (p. 9-10).

Leandro Konder (1988, p. 153) reforça essa ideia de aversão de Brandão ao positivismo, e afirma que em 1927, quando o jornal A Nação fazia concessões a anarquistas e positivistas: “Nos termos do acordo feito com o PCB (e para a irritação de Octavio Brandão), Leônidas de Rezende insistia em publicar no jornal artigos nos quais misturava as ideias de Marx às do autor do Catecismo Positivista”.

Como já mencionado, um dos seus principais alvos é o cristianismo. Mas é nesse mesmo contexto que Brandão também critica a espiritualidade e a religião, em um sentido mais amplo⁴¹, demonstrando a sua crítica e intolerância também a outras matrizes religiosas e crenças. Por exemplo, considerou que Buda é “um atheu positivista” (BRANDÃO, 1922, p. 16), e, sobre crenças dos nortistas brasileiros, indígenas e africanos, afirmou que: “O nortista não é catholico em essência. No íntimo é fetichista, cheio das velharias medievaes, dos desvareamentos

por um fiel ao seu santo de devoção, normalmente como agradecimento ou por pagamento de promessa: “Os ex-votos nas igrejas catholicas são uma reminiscência das chapas votivas que os gregos suspendiam nos santuários do Peloponeso dedicados a Asklêpios” (BRANDÃO, 1922, pp. 6-7).

⁴⁰ Brandão continua no mesmo trecho: “E ainda se diz que o christianismo tinha poderes ilimitados e venceu por causa do patrocínio de Deus! Mas então esse Deus era muito fraco” (BRANDÃO, 1922, p. 14).

⁴¹ E em outros momentos, faz críticas a concepções religiosos gerais como: “Reencarnação, A imortalidade da alma e tudo quanto é mysticismo, theosophia, espiritualismo, religiosismo, estão na minha cesta de papeis sujos” (BRANDÃO, 1922, p. 16).

do indígena e das tremendas aberrações africanas” (BRANDÃO, 1922, p. 9). Considerou que o cristianismo, as crenças populares e religiões brasileiras seriam resultados da escravidão: “Nós, brasileiros, devemos pensar sempre que temos no sangue 4 seculos de chafurdamento mystico, de envenenamento metaphysico e theologico, de escravidão moral e mental” (BRANDÃO, 1922, p. 9).

Essa crítica a diferentes crenças e correntes religiosas não se deu somente pelas influências teóricas dos autores lidos por Brandão. Em parte, isso se deve também à própria circunstância do movimento operário do qual Brandão buscou fazer parte e se tornar influência. Em *Combates e Batalhas*, Brandão (1978, p. 251) identifica os jornais de tendência anarquista como *A Pátria*, do Rio de Janeiro, e *A Plebe* e *Vanguarda*, os dos de São Paulo, como exemplos do “oportunismo de ‘esquerda’”, responsáveis pela introdução nos meios operários do “espiritismo e a teosofia”, e coloca a inclinação de alguns líderes anarquistas para o “reformismo e a maçonaria”, como Álvaro Palmeira, a “teosofia”, como José Oiticica, além de outros para o “espiritismo e a confusão” (BRANDÃO, 1978, p. 252).

Em outros momentos, junto com a crítica à escravidão, faz ataques às políticas imperialistas. Ainda que Brandão, durante o texto, não utilize os termos “imperialismo” ou “neocolonialismo” para se referir à dominação e à influência branca e europeia em outros continentes, faz diversas referências às dominações estrangeiras na Ásia⁴² e África. Por exemplo, sobre a África escreveu:

Africa infeliz, levante-te!
Mineiros do Transvaal, carregadores do Congo Belga, oleeiros de Madagascar e da Senegambia, expulsae os “brancos” parasitas e fundae a Federação Africana.
De pé, negros do Sudan! (BRANDÃO, 1922, p. 60)

Mundos Fragmentários apresenta o jovem militante anarquista Octavio Brandão, que ainda se reconhece como libertário, apesar de demonstrar indícios de sua transição para a militância comunista. Existem no texto particularidades como:

42 Sobre a Índia escreveu: “Ó India terra do sonho, tu dormes e, no emtanto, a Grã Bretanha rouba e véla” (BRANDÃO, 1922, p. 51). Menciona um livro de Phillibert Soupé sobre a Índia em que o fez desejar que os hindus se libertassem de seu “*religiosismo*” e combatessem a inação e buscassem a independência e a sua libertação (BRANDÃO, 1922, p. 47). OB também presta solidariedade e defende a independência da Indochina, e acusa a ação de “banqueiros hindus, os usurários chineses, os vendedores de ópio, os dominadores indígenas e europeus” (BRANDÃO, 1922, p. 50). No contexto do aforisma de número 166, OB se refere aos indígenas da Indochina como os nativos, e critica a ação dos nativos que contribuem com a dominação europeia.

o estilo de escrita aforístico, a defesa de uma “revolução” moral e espiritual através do que ele chamou de “dionisiaco”, a valorização das ciências naturais e do “materialismo”, o combate aos “obscurantismos” (principalmente as crenças das igrejas católica e protestante, mas também outras crenças populares), ataque aos “palavristas” ou “gramáticos” (referências aos escritores eruditos e letrados de sua época, referente à *intelligentsia* nacional), e a cultura e os costumes burgueses.

Por outro lado, vê-se o início de sua simpatia pelo socialismo e os eventos revolucionários em Rússia, além de mostrar a sua solidariedade com a luta de outros povos. A imagem de um anarquista intransigente, rígido, é apresentada ao leitor, perspectiva que sofrerá mudanças significativas, ficando evidente a sua nova posição política em *Rússia Proletária* (1923) e, principalmente, *Agrarismo e Industrialismo* (1924-1926). A sua rápida adoção do comunismo não significou um conhecimento profundo dos textos de Marx, mas sim a sua apropriação de acordo com as necessidades políticas.

1.3. Em defesa da Rússia e dos bolcheviques: *Rússia Proletária* e a tradução do Manifesto do Partido Comunista (1922-1924).

Precisamos deixar de panaceias; a época é de medidas radicais. Não há quem, tendo meditado sobre esse estupendo movimento bolchevista, não lombrigue nele uma profunda e original feição social.

Lima Barreto⁴³

“E os erros?

Mas certamente que a Revolução terá seus erros.

No meio das condenações de typo degradantes que quereriam aproveitar-se do momento excepcional para roubar, saquear, violar, instalar o tzarismo ou uma democracia sórdida como a do Brasil ou a da Suíça, certamente que lá se foram inocentes.

Confessemol-o lealmente.

Mas julgarão acaso que uma obra tão gigantesca possa ser realizada sem erros?

Queriam que a Revolução Franceza conseguisse derrocar o feudalismo com pouco sangue derramado?

Queriam que o tzarismo e o capitalismo fossem esmagados facilmente como tomates podres?

Julgam então que a historia se faz com batalhas de soldadinhos de chumbo, após as quaes elles saem intactos?

Pensam que uma revolução é obra fácil como um castello de cartas, ou que é um dramalhão no qual as mortes são apparentes?

Erros!

Se os próprios deuses, tão dourados pela lenda, andaram pelo mundo fazendo asneiras (transformando-se em touro como Zeus, ou nascendo de

⁴³ Sobre o maximalismo defendido por Lima Barreto e a sua simpatia para com os bolcheviques, ver em: KONDER, 1988, p. 117-123.

uma virgem como Christina, ou querendo convencer com parábolas obscuras os burríssimos pescadores da Galiléa como Christo), que diremos dos homens?”

Octavio Brandão⁴⁴

Durante todo o período de escrita de *Russia Proletaria*, observa-se um jovem Octavio Brandão em processo de formação de suas ideias comunistas e abandono de algumas de suas antigas concepções anarquistas. Além da leitura de livros cedidos por Astrojildo Pereira, Brandão também é influenciado pelos acontecimentos de sua época, como o estado de sítio decretado em julho de 1922 como uma reação ao levante dos “18 do Forte” (ROIO, 2004, p. 115).

A primeira consideração sobre *Russia Proletaria* é que é uma coletânea de treze textos (ou “partes”, como dividiu o autor), que não estão em ordem cronológica, sendo o seu primeiro texto intitulado “Mãe-Russia”, com a data de 1º de janeiro de 1922, logo, meses antes de sua entrada oficial no PCB, e vai até 2 de dezembro de 1923⁴⁵. Para cada parte do livro, Brandão utiliza a data de escrita e uma data de acordo com um calendário novo, contado a partir da Revolução bolchevista⁴⁶. Nesse espaço de tempo, Brandão também publicaria artigos de Lenin, documentos da IC, a tradução do Manifesto Comunista, e os textos que iriam compor *Russia Proletaria* (ROIO, 2004, 120).

O início de sua escrita foi durante o trabalho de Brandão em sua farmácia. Segundo o próprio OB (1978, p. 234), *Russia Proletaria* é seu décimo trabalho⁴⁷ e

44 BRANDÃO, 1923, pp. 47-48.

45 Ressaltamos que a data mencionada de 2 de dezembro de 1923 é referente ao 5º capítulo de *Russia Proletaria*. O último capítulo não tem informada a data de sua escrita. É possível que essa ausência da data de escrita da 13ª parte (ou capítulo) tenha sido proposital, constando apenas as das de suas quatro prisões até o momento da publicação, que são: a primeira prisão de 13 de março de 1919 em Maceió, e as outras três prisões no Rio de Janeiro com as datas de 25 de março de 1920, 23 de maio de 1923 e 27 de junho de 1923 (BRANDÃO, 1923, p. 262-264).

46 Ele explica sobre o calendário na terceira parte da obra: “E, depois, venham dizer-nos que não devemos adoptar um calendário novo, cujo 1º dia seja o 7 de novembro de 1917, aurora da Libertação Universal, em lugar desse calendário grotesco que se inicia no nascimento de um judeu ultra-maníaco cuja grande obra é ter lançado a Humanidade no horror medieval e ter creado um bando de abutre” (BRANDÃO, 1923, p. 40).

47 Em *Mundos Fragmentarios*, há uma página que antecede a obra com uma lista de obras anteriores à venda, de autoria de Brandão, com os títulos: *A Mineralogia e a geologia dos Canais e das Lagoas*, Maceió, 1918 (esgotado); *Canaes e Lagóas*, 1919; *Apotamentos de um burguez por Salomão*, Rio, 1919 (esgotado); *Os desmoronamentos divinos por Brand.*, Rio, 1920 (esgotado); *Véda do Mundo Novo*, Rio, 1920 (esgotado); *Appello a nacionalidade brasileira*, Rio, 1922; *Mundos fragmentários*, Rio, 1922. Os livros que não estavam com a indicação de esgotado, se encontravam à venda no endereço de uma única livraria: “Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos – rua S. José, 82-Rio de Janeiro” (BRANDÃO, 1922, n.p.). Ver a imagem no Anexo B.

foi editado para ser publicado no jornal da *Voz Cosmopolita* (pertencente ao sindicato dos trabalhadores em hotéis, cafés e restaurantes). A arte da capa⁴⁸ foi feita pelo pintor Miguel Capllonch, assim como a de *Mundos Fragmentários*, e representava um grande operário quebrando os grilhões de diversos outros operários em torno do globo, com os nomes dos continentes.

Segundo as suas memórias, houve uma tiragem de 1.800 exemplares em duas edições, sendo que a primeira, de 23 de junho de 1923, teve que ser “picotada rapidamente e queimada para não cair nas garras da polícia política” (BRANDÃO, 1923, p. 235). Logo em seguida, a tipografia responsável pela obra (localizada no bairro do Méier) sofreu um saque. A segunda edição apareceu no ano seguinte, mas mantendo a data de 1923, devido a uma estratégia para “escapar às penas de uma lei reacionária, então aprovada” (BRANDÃO, 1978, p. 235). Nesse caso, a segunda edição de *Rússia Proletária* pode ter passado por algum tipo de revisão enquanto Brandão planejava ou escrevia o ensaio *Agrarismo e Industrialismo*.

Rússia Proletária (1923) é uma continuidade do que o próprio autor chamou de “fase de transição”, isto é, é observável nesse livro elementos de sua fase libertária e romântica misturados com o início de suas leituras e apropriações das ideias marxistas e bolcheviques. Esta fusão é importante, pois dela resultarão elementos da originalidade de Octavio, como também reforça a tese de autonomia existente no PCB daquele momento em relação às diretrizes kominternianas⁴⁹. Ao se referir à sua própria formação e à sua passagem ao comunismo, Octavio Brandão diz:

O que a humanidade levou um mínimo de 1917 anos a atingir, do cristianismo ao comunismo, um homem moderno, quase sem orientadores, leva 14 anos, e sendo um proletário que possa estudar levará muito menos.

[...] Como as víboras mudam de escamas, o cérebro muda de ideias para adaptar-se aos novos tempos (BRANDÃO, 1923, p. 132).

Há alguns elementos de continuidade entre *Mundos Fragmentários* e *Rússia Proletária*: a crítica ao positivismo de Comte como uma “castrocracia” ou “à velhacaria mystica de Comte” (BRANDÃO, 1923, p. 126-127); a Rui Barbosa, “o

48 Ver a capa e contracapa do livro de Octavio Brandão *Rússia Proletária* (1923) no anexo C.

49 Sobre a autonomia política do PCB na década de 1920, ver em: ZAIDAN FILHO, Michael. *PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985. p. 20-23.

nosso Ruy, o mais “caro” dos filhos do Brasil” (BRANDÃO, 1923, p. 10); e ao cristianismo e à cultura burguesa. No entanto, novos elementos agora são somados à sua crítica e a adoção de novas pautas, como a defesa do materialismo, o “dionisíaco” e Nietzsche ao lado da figura de Lenin:

No terreno religioso e philosophico, desenrola-se a mesma luta: entre Christo e Dionysos, entre Paulo de Tarso e Frederico Nietzsche, entre o espiritualismo e o materialismo.

Quem vencerá?

Aquelle que tiver maior força, maior visão do futuro: Nietzsche, Lenine, Dionysos.

O comunismo dominará o capitalismo, como o dionysismo dominará o christianismo, e o materialismo dominará o espiritualismo (BRANDÃO, 1923, p. 13).

Em suas memórias, Brandão (1978, p. 234) diz que a obra “teve falhas políticas ideológicas” e que o texto apresentava “incompreensões do marxismo, sobrevivências do passado e do idealismo filosófico”. Ainda assim, considerou que a obra teve importância apesar de suas falhas e que:

Rebateu as alegações dos adversários. Pregou a ditadura do proletariado. Combateu a mística, o cristianismo, o espiritismo e a teosofia. Sustentou decididamente o materialismo filosófico. Contribuiu para liquidar o anarquismo no Brasil. Atacou o reformismo.

A principal característica do conteúdo da obra é a defesa e a propaganda da Rússia governada pelos bolcheviques. O foco da obra é convencer os possíveis leitores⁵⁰ dos elementos benéficos da luta revolucionária, trazendo para o leitor o “resultado” dessa luta espelhado no paradigma da chamada “Russia Proletaria”.

50 Se refere aos anarquistas de maneira amigável, convidando-os a se organizarem “dentro das fileiras do Partido Comunistas”, destacando também a importância da unidade para “alcançar a unidade de acção – o que é impossível obter, deixando entregue a si própria a massa heterogênea dos syndicatos (catholicos, protestantes, espiritas, atheus, syndicalistas, bolchevistas, anarchists, etc.).

[...]-Impossivel fazer a Revolução!

E sem a coacção methodica do Estado proletário para o esmagamento systematico da burguesia que, como uma serpente cheia de veneno, levantará mil vezes a cabeça, não querendo morrer:

-Impossivel sustentar a Revolução!

Como combater a violencia organizada dos capitalistas? Com a violência desorganizada dos anarchists?

Não, caros companheiros!

O caminho é o do soviétismo. O fim da viagem é o comunismo integral” (BRANDÃO, 1923, p. 41-43).

Apesar de criticar o movimento anarquista⁵¹, faz um esforço para se mostrar simpático e respeitoso aos seus antigos companheiros ácratas, dizendo que o seu objetivo não seria o de denunciá-los e nem o de justificar a sua “deserção” do anarquismo. Destarte, reconhece os serviços prestados pelo anarquismo à “causa revolucionária”, mas não isenta os anarquistas de crítica, comparando os seus ataques aos bolcheviques com a metáfora de um gramático que lê escritores como Euclides da Cunha, Goethe e Shakespeare para destacar os pronomes mal colocados ou para descobrir as faltas de pontuação, argumentando que as prisões e condenações foram contingências se comparado ao potencial e às vitórias conquistadas, e cita Astrojildo Pereira para defender que a Revolução deveria ser interpretada sob a ótica de suas criações:

Por essas minhas palavras, repassadas de uma grande sinceridade, caros amigos e mestres, não podereis ver a atitude de quem procura denegrir os companheiros de hontem para assim achar uma razão de defesa á deserção.

Embora contrário no modo de agir, respeita-vos. E sou o primeiro a reconhecer os serviços que prestastes á causa revolucionaria.

Mas isto não obsta a que vos fale com a máxima franqueza.

Vossa campanha contra os bolchevistas lembra-nos a atitude de um grammatico que fosse ler Euclydes da Cunha para calar os pronomes mal collocados, ou ler Goethe e Shakespeare para descobrir as faltas de pontuação.

Pois na obra dos bolchevistas só descobris algumas prisões e condemnações?

E é isto a verdadeira obra da Revolução?

Essas cousas são aspectos secundários da batalha, contingencias da luta; não são o elemento essencial.

Uma revolução deve ser encarada sob o ponto de vista de suas creações, diz nos Astrojildo Pereira (BRANDÃO, 1923, p. 45).

É interessante ressaltar que Brandão, tanto em *Mundos Fragmentarios*, como anarquista, quanto em *Russia Proletaria*, enquanto militante comunista, tem em Astrojildo Pereira uma referência política, uma autoridade intelectual. No entanto, em suas memórias, não foram poucos os relatos sobre os conflitos entre os dois membros dirigentes. Brandão (1978, p. 255) chega a criticar a idealização, ou mesmo certa inocência, de Astrojildo em relação a alguns dos membros do PCB

51 Sobre os anarquistas: “- E o papel dos anachistas em toda essa epopéia? -Secundarissimo!” (BRANDÃO, 1923, p. 23).

e a alguns aliados⁵², tais como: Canelas em 1922, Sarandy Raposo em 1923, Maurício de Lacerda em 1924-1926, Leônidas de Rezende em 1926, Azevedo de Lima em 1927, além do escritor Machado de Assis, considerado por Brandão como um “niilista”. Dois casos são sintomáticos da relativa autonomia partidária, da liberdade ideológica e teórica, e mesmo de certa confusão organizativa, como o caso de Abílio de Nequete e o de Antônio Bernardo Canelas.

Abílio de Nequete foi responsável pela criação da União Maximalista, em 1918, em Porto Alegre. Brandão (1978, p. 243) chama esse grupo em diversos momentos de suas memórias como uma “seita”, e considerou Abílio como “um barbeiro-proprietário pequeno-burguês sírio”, além de “um fanfarrão e charlatão”, “um anarquista às avessas”, “desordenado”, “não sabia mais que falar interminavelmente”. Na fundação do partido, em 1922, Abílio de Nequete foi recomendado por Astrojildo Pereira como o primeiro secretário geral. Após ter sido preso por algumas horas, em julho de 1922, no Rio de Janeiro, se voltou contra o CCE do PCB, lançando várias críticas aos comunistas cariocas. Brandão foi o responsável pela CCE por escrever um relatório sobre as atitudes de Abílio. Mais tarde, Abílio de Nequete foi expulso do partido como traidor. Em 1924, Abílio escreve um folheto intitulado *Tecnocracia ou o 5º Estado*, em que defende que a sua doutrina é um desdobramento teórico de Marx, e afirma que o proletariado não tinha condições de ser o protagonista de uma revolução socialista, cabendo esse papel aos tecnocráticas (KONDER, 1988, p. 134).

Antônio Bernardo Canelas era um jornalista e artesão-tipógrafo. Brandão o conheceu enquanto militante anarquista, ainda quando estava em Alagoas. Ele dirigiu os jornais *Tribuna do Povo* e *A Semana Social*, além de ter criado uma escola (*La Ruche*) inspirada no anarquista Sébastien Faure. Devido à falta de dinheiro no caixa partidário, em 26 de junho de 1922, Astrojildo Pereira propôs a indicação de Canelas como delegado, representando o PCB no 4º Congresso da IC, pois este já se encontrava na Europa, em Paris. Lá, Canelas entrou em diversas polêmicas com os dirigentes do partido russo, a mais famosa foi um debate com Trotsky, em que

52 Todos esses nomes, em maior ou menor grau, estiveram envolvidos com algum tipo de polêmica no partido, com exceção obviamente de Machado de Assis (1839-1908), que Brandão considerava uma referência literária niilista e burguesa de Astrojildo Pereira e da intelectualidade brasileira. O caso Sarandy Raposo aconteceu por este, que estava à frente da Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira, buscar fazer alianças com o PCB e, ao mesmo tempo, buscava ganhar um auxílio dado do Governo Bernardes às cooperativas em 1924 (BRANDÃO, 1978, p. 255).

este teria chamado o brasileiro de “o fenômeno da América do Sul” (KONDER, 1988, p. 135). Ademais desconsiderou a consolidação da Rússia socialista, mostrou-se favorável à perspectiva da “consolidação do capitalismo mundial”, considerou como grandes questões nacionais brasileiras o “caciquismo e o messianismo”, disse que no Brasil não existia o reformismo, e defendeu a atuação dos comunistas brasileiros nos meios maçons. Após ter retornado ao Brasil em janeiro de 1923, o seu caso foi analisado pelo CCE, e ainda após diversos conflitos com os membros dirigentes, teve suas atitudes condenadas em junho de 1923. Somente em dezembro, desse mesmo ano, Canelas será expulso do partido como traidor. Astrojildo ainda teria intervindo ao escrever “um folheto rebatendo todas as alegações do traidor” (BRANDÃO, 1978, p. 258).

Devido a todos esses conflitos entre o delegado representante do PCB com a IC, o partido brasileiro foi aceito como simpatizante. Segundo a resolução da IC, o PCB conservava “restos da ideologia burguesa devidos à presença de elementos da maçonaria e influenciados por preconceitos anarquistas” (BRANDÃO, 1978, p. 259). Em 1º de julho de 1923, a IC escreve para o PCB, recomendando modificações na linha editorial da revista *Movimento Comunista*, ocupando o seu conteúdo mais com as questões diárias dos sindicatos e operários, partindo do princípio que: “Um partido que discute o marxismo e abandona os operários e os camponeses em sua miséria não é mais que um clube ordinário de discussão e não um PC” (BRANDÃO, 1978, p. 259). As recomendações da Internacional chegaram em um momento complicado, pois os comunistas brasileiros esperavam o fim do estado de sítio em dezembro de 1923, o que não ocorreu. No entanto, foi enviado como delegado da Internacional ao Brasil Rodolfo Ghioldi, que foi recebido por Brandão, e que reavaliou a situação brasileira a partir dos esforços do PCB (BRANDÃO, 1978, p. 259). Em 1924, Astrojildo e Rodolfo Ghioldi viajam para Moscou onde finalmente conseguiram o reconhecimento oficial da condição de “Seção Brasileira da Internacional Comunista” (KONDER, 1988, p. 143).

Essas discordâncias entre Astrojildo e Brandão (como o caso de Abílio de Nequete e o de Canelas) não significaram a falta de reconhecimento das qualidades mútuas. De mesmo modo, em diversas ocasiões, Octavio Brandão substituíu Astrojildo, fazendo suas tarefas quando da sua ausência. Por exemplo, em 1924, devido a uma viagem de Astrojildo para Moscou, Brandão (1978, p. 249; 255) ocupou o cargo de revisor do *Rio-Jornal*, nas oficinas de *O Imparcial*, além de ter

sido responsável pela atuação de frente nos sindicatos e pela correspondência com células do partido em outros estados e cidades.

Retomando a questão dos anarquistas em *Rússia Proletária*, outro esforço de Brandão para aproximar os anarquistas da luta dos comunistas é o de natureza teórico-ideológica. Através da citação de dois dos principais líderes bolcheviques, Lenin (1880-1924) e Nikolai Bukharin (1888-1938), justifica um ponto em comum entre anarquistas e comunistas, a abolição do Estado:

Na pag. 97 do “La Revolución y el Estado”, Lenine mostra que o marxismo coincide com o anarchismo na demolição da engrenagem actual do governo e por ahi se diferencia dos oportunistas (Kautsky, Bernstein).

Na pag. 112, diz:

“Não estamos em desacordo com os anarcchistas sobre as questões da abolição do Estado, como ponto de vista final; mas afirmamos, que, para alcançar este ponto, devemos fazer uso, temporariamente, dos methods do Estado contra os exploradores”.

[..] Achaes pouco?

Pois, vêde o que diz Bukharine na pag. 19 do “El programa de los bolcheviques”:

“A diferença entre a sociedade anarchista e a comunista não reside no facto de que uma teria um Estado e a outra não, já que não há Estado nem numa nem na outra (BRANDÃO, 1923, p. 43).

Isso não significa que não havia hostilidades. Naturalmente houve disputas políticas pela hegemonia do movimento operário, principalmente nos sindicatos, entre anarquistas e comunistas. Durante os primeiros meses houve uma tentativa organizada de persuadir os anarquistas e anarcossindicalistas, de modo que os comunistas “criticavam-nos, mas evitavam destruir as pontes que poderiam manter as duas partes em ligação” (KONDER, 1988, p. 132). Mas, com o aprofundamento dos acontecimentos na Rússia aumentam também as divergências. Astrojildo lamentava que as críticas dos anarquistas fizessem coro com o anti-sovietismo da imprensa burguesa, enquanto Fábio Luz, no jornal *A Plebe* de 23 de setembro de 1922, dizia que Astrojildo tinha se tornado um “vira-casa”, principalmente por ser um funcionário público: “da temporada em que esteve a sugar a teta do Estado, no estábulo do Tesouro Nacional, lhe ficou nos lábios o bom gostinho do leite” (KONDER, 1988, p.133). Em resposta, Astrojildo acusou Fábio Luz por “abandonar o terreno da luta de classes para tornar-se um ‘filantropo’”, e sarcasticamente recomendou-lhe que ingressasse na Liga Vegetariana e na Sociedade Protetora

dos Animais, pois, “aí estará ele em seu verdadeiro posto de paladino da humanidade” (KONDER, 1988, p. 133).

Entretanto, essas hostilidades não significaram uma concordância entre os membros dirigentes do PCB. Mesmo que OB se orgulhasse dos avanços dos comunistas nas conquistas de novos membros nas fileiras de seus concorrentes políticos, não significou que ele estava em concordância com os avanços sob quaisquer condições e métodos. Brandão (1978, p. 250) inclusive criticará a atuação de seus próprios camaradas entre os anos de 1923 e 1924:

Os sindicatos dos sapateiros e da construção civil eram duas posições do anarquismo e anarco-sindicalismo. Neles, os comunistas cometeram erros grosseiros. Fizeram ameaças aos adversários. Praticaram atos de indisciplina. Tentaram cindi-los. Isto impediu a conquista desses dois sindicatos. A luta prolongou-se durante anos.

Os comunistas dividiram o sindicato dos sapateiros, violando a decisão da Comissão Central Executiva do PCB. O velho sindicato anarquista vegetou miseravelmente. O novo sindicato, dirigido pelos comunistas, levou uma vida difícil sob os golpes dos estados de sítio. Depois, aproveitou o período de relativa legalidade em 1927-1929 e desenvolveu-se. Mas ficou debilitado com a reação de 1929.

Além dos anarquistas, também os intelectuais da época eram fortes rivais nas narrativas sobre a Rússia e os bolcheviques. Brandão descreve que a obra não teve grande repercussão, e menciona somente duas notas negativas sobre *Rússia Proletária*, de caráter “hóstis” e “policial”. Sobre as críticas e a repercussão da obra, é sintomático que uma dessas notas tenha sido escrita pelo acadêmico Osório Duque Estrada no “Registro Literário” do Jornal do Brasil, e chegou mesmo ao ponto desse crítico pedir “às autoridades que tomassem medidas contra o livro e contra o autor” (BRANDÃO, 1978, p. 235). Ao fazer sua crítica ao Estado policialesco e à cultura conservadora daquele momento, Brandão diz: “era assim a ‘crítica literária’ em 1924” (BRANDÃO, 1978, p. 235). Anos mais tarde, apareceu um professor municipal que fez críticas a partir de “desaforos e disparates”, em um artigo intitulado “A Falência da Rússia Proletária”, ao qual Brandão (1978, p. 235) recusou escrever uma resposta e nem sequer mencionou o nome do autor em sua biografia.

Nesse entremeio da escrita de *Mundos Fragmentarios* e *Russia Proletaria*, Brandão traduz o *Manifesto do Partido Comunista*. Segundo consta em suas memórias, em maio de 1923, sentado num tamborete em sua farmácia na rua

General Câmara 307, é iniciada a tradução do Manifesto escrito por Karl Marx e Friedrich Engels (BRANDÃO, 1978, p. 241-242). OB traduziu para o português a edição francesa, organizada e traduzida do alemão por Laura Lafargue⁵³ (1845-1911), e que foi revista pelo próprio Engels. A tradução foi publicada integralmente no jornal sindical *Voz Cosmopolita*. Mais tarde, também foi publicada em formato de folheto pelo partido de Porto Alegre, com a iniciativa do judeu Samuel Speisky.

Existem informações de que cópias da edição alemã e da francesa de o *Manifesto* já circulavam no Brasil no fim do século XIX e início do século XX. Claudio Batalha (1998, p. 133) diz que, no final do século XIX, havia uma tradução francesa de Joseph Roy do primeiro livro de *Capital* e, pouco depois, a tradução do *Manifesto* de Laura Lafargue. Também haveria referências ao panfleto de Marx como indicação de leitura recomendada pelo Partido Socialista Brasileiro, em 1902, como também teria servido de inspiração para o manifesto desse partido. Konder (1988, p. 142) descreve que o engenheiro Georg Magh teria traduzido uma parte de o Manifesto em 1919, mas está tradução não teria sido divulgada na íntegra. No entanto, ao que diz respeito a principal e pioneira iniciativa de tradução para o português do *Manifesto*, foi realizada por Octavio Brandão (BATALHA, 1998, p. 134; KONDER, 1988, p. 142). Konder (1998, p. 48) escreveu:

Durante muitos anos, ainda, só quem podia ler textos em francês, em italiano, em alemão ou em espanhol tinha condições para acesso direto ao Manifesto. Até que, em 1923, o ex-anarquista Octavio Brandão, convertido ao movimento comunista, traduziu o Manifesto para o nosso idioma. O texto foi publicado pelo jornal *Voz Cosmopolita*, a partir do número 38 (correspondente a 1º de dezembro de 1923. O jornal era, como se lia na primeira página, o “órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e anexos”. Em seguida apareceu em forma de livro, impresso em Porto Alegre (1924), com a indicação: “traduzido da edição francesa de Laura Lafargue (filha de Marx), revista por Engels”. Outra tradução seria feita em 1931, por um tradutor anônimo, e lançada em São Paulo pela editora Unitas.

Segundo Marisa Midori Deaecto (2013, p. 17) uma análise da primeira edição do *Manifesto Comunista* reforçava a ideia de que uma pequena fração dos militantes comunistas tinha contato com a literatura marxista internacional (principalmente russa na língua francesa). Isso se devia a “quanto a economia do livro refletia a

53 Jenny Laura Marx foi filha de Karl Marx com Jenny von Westphalen.

precariedade dos meios e das mentes na época” e ao próprio formato da edição brasileira: uma brochura pequena de 48 páginas, suas páginas de papel de jornal, e uma pequena tiragem de dois a três mil exemplares. Deaecto (2013, p. 17) continua: “A tipografia se assemelha muito à de um jornal, o que nos leva a pensar que os tipos e a composição tenham sido feitos em pequena gráfica, especializada na impressão de efêmeros”. Curiosamente, apesar de citar uma pequena intervenção do tradutor (Octavio Brandão) no fim do texto, Deaecto fala da tradução de o *Manifesto*, a recepção da obra, suas condições editoriais e de circulação, mas não menciona o nome do tradutor⁵⁴. Na edição do *Manifesto* de 1931, publicada pelas Edições Estudos Sociais do Rio de Janeiro e pelas Edições Unitas de São Paulo, não há referência ao nome do tradutor, à língua original ou à edição que foi utilizada para a tradução, e Batalha (1998, p. 135) afirma que “desse momento em diante, passa a ser comum a ausência de informações sobre o tradutor e a edição traduzida”.

Brandão se dedicava ao estudo da língua francesa não somente para as tarefas da militância, mas também como um meio de ganha-pão para sustentar a sua família. Em meados de 1923, após o nascimento de sua segunda filha, Vólia, mudou-se da rua Riachuelo 172 para a rua do Curvelo 11, no bairro de Santa Teresa, em que morou com a família de 1923 a 1931, devido às dificuldades financeiras (BRANDÃO, 1978, p. 248). Para conseguir uma renda para os custos familiares, começou a aceitar trabalhos de traduções de textos de gêneros e conteúdos diversos que, algumas vezes, iam contrários às suas posições políticas e morais (BRANDÃO, 1978, p. 249):

A pequena farmácia não dava para viver. Aceitei o trabalho que apareceu. Fiz do francês algumas traduções de novelas fantasistas, mal pagas. Eram inócuas, política e ideologicamente. Um dia, comecei a traduzir mais uma. Parei. Era uma novela pornográfica. Não consegui mais traduções. Nem me pagaram os atrasados. Tal a torpeza da época.

54 Durante o texto e em nota explicativa, Marisa Midori Deaecto (2013, p. 17-18) cita que a sua fonte é uma tradução de o *Manifesto Comunista* para o português a partir da edição francesa de Laura Lafargue, e revista pelo próprio Engels, publicado para a língua portuguesa, com indicação de Porto Alegre e data de 1924. É interessante notar que ela fala, em nota de rodapé, sobre as informações do “aparato crítico (paratexto)”, mas mesmo assim não menciona o nome do tradutor.

Mesmo com o pioneirismo na tradução de o *Manifesto*, em setembro de 1924, o jornal carioca *A Rua* teria ironizado a edição brasileira, dizendo que o Brasil era o “país que por último o editou” (KONDER, 1988, p. 142). Além do pioneirismo de Brandão em traduzir o texto marxista, o PCB também foi pioneiro na distribuição dessas obras através do tráfico ilegal de textos marxistas, além da divulgação de palestras realizadas às escondidas para fugir das apreensões e prisões policiais. A partir desses elementos, é possível considerar que havia uma estratégia de agitação para promover as ideias marxistas nos meios operários:

Iniciou no Brasil, o estudo direto do marxismo pelos trabalhadores em geral e operários em particular.

[...] A polícia não dormia. Destruiu, no Rio de Janeiro, todos os exemplares que encontrou. Em abril-maio de 1924, a Agência dos Correios de Porto Alegre confiscou e queimou centenas de exemplares. Eram estas as atitudes “culturais” do governo Bernardes e de seus agentes em 1924.

Mas o PCB organizou o transporte ilegal e salvou a esmagadora maioria da edição.

A obra espalhou-se pelo Brasil. Marinheiros amigos levaram-na por toda parte. Cada exemplar era lido e relido. Passava de mão em mão. Multiplicaram-se os estudos coletivos, conversas e debates espontâneos.

[...] Incansavelmente, em torno do Manifesto Comunista, fiz na ilegalidade palestras e leituras para os trabalhadores do Rio de Janeiro e Niterói. Astrojildo e Paulo de Lacerda fizeram o mesmo (BRANDÃO, 1978, p. 242).

Em maio de 1924, foi confiscado um caixote com 150 exemplares do livro *Rússia Proletária* pela polícia, causando um prejuízo de 450 mil réis, além de terem prendido o destinatário das obras (BRANDÃO, 1978, p. 235). Em junho de 1925, em Recife, o administrador dos Correios de Alagoas, através de um documento oficial, comunicou Octavio que, por ordem da Diretoria Geral, livros como *Rússia Proletária* estavam proibidos de serem transportados pelos Correios do Brasil. Em São Paulo, a obra também sofreu censura:

A cidade de São Paulo, em julho de 1924, foi evacuada pelos revoltosos do general Isidoro Dias Lopes e invadida pelas tropas do general reacionário Potiguara. A propósito, D. Maria Lacerda de Moura, intelectual mineira que vivia em São Paulo, narrou-me posteriormente: as hordas de Potiguara assaltaram a sede do sindicato dos operários gráficos e, tendo encontrado aí exemplares do *Rússia Proletária*, foram picando-os a facão, no meio de gritos selvagens de ódio.

Eram assim as atitudes “culturais” dos militares no tempo do governo Bernardes (BRANDÃO, 1978, p. 236).

É importante ressaltar que, mesmo antes da escrita de *Agrarismo e Industrialismo*, Brandão já refletia sobre o tema que se tornaria uma tradição dentro dos debates sobre o “capitalismo dependente brasileiro”, o atraso industrial em favorecimento da economia agrária, a subordinação econômica e a introdução do Brasil no cenário geoeconômico e geopolítico internacional:

Em 1922, fui compreendendo melhor que a burguesia brasileira se subordinou e se adaptou, servilizando-se ao sistema social dominante. Por esta e outras razões, a burguesia brasileira foi incapaz de criar sua própria economia, sua política, sua democracia, seu estilo, cultura e ideologia. Sempre a reboque dos latifundiários brasileiros e capitalistas estrangeiros. Daí a aversão e o desprezo que ela merece (BRANDÃO, 1978, p. 237).

João Quartim de Moraes (2014, p. 16-17) defende que essa experiência de transição política de Brandão é um resumo representativo do que estava acontecendo com a “vanguarda operária brasileira” que, por sua vez, teria invertido a relação histórica de primeiro a introdução do marxismo e, posteriormente, o comunismo, de acordo com o modelo europeu. Em um depoimento dado ao CPDOC⁵⁵, Brandão fala sobre as causas e o contexto político que o fizeram abandonar a militância anarquista:

Depois, quando chegou 1921, passei por uma crise. Dois anos e meio de anarquismo, eu vi que terminava em derrota. Caminho, não vejo nenhum. Ir para onde? Não tem. O ano de 1921 foi um ano de crise. Por um lado, uma felicidade extraordinária com Laura, no casamento com Laura; mas do outro lado, uma crise política, moral e filosófica. Ir para onde? Não sei. Voltar ao anarquismo, não volto. O anarquismo está perdido. Foi o principal culpado dessas derrotas. Demos tudo. Sacrifício total, em tudo e por tudo. Centenas de militantes, e, no final, nada. E não víamos nenhuma saída. Por isso; porque o anarquismo não queria a política, não queria a máquina do Estado; queria essas pequenas comunas agrícolas, o federalismo sem concentração. Então, não tinha futuro nenhum. Bakunin não compreendeu isso; Kropotkin não o compreendeu também; mesmo

55 Depoimento de Octavio Brandão concedida ao CPDOC em 1977, Rio de Janeiro, e publicada em 1993. Os dois entrevistadores na ocasião foram Maria Cecília Velasco e Cruz e Renato Lessa. A ocasião desta entrevista ocorreu devido à pesquisa “Trajetória e Desempenho das Elites Políticas Brasileiras”, como parte do projeto institucional do Programa de História Oral do CPDOC iniciado em 1975.

homens de valor como eles dois não compreenderam nada de nada (BRANDÃO, depoimento, 1993, p. 23).

Em resumo, *Mundos Fragmentarios* e *Russia Proletaria* são documentos que evidenciam esses elementos da transição política de Octavio Brandão, que primeiro provinham da sua experiência como anarquista, o entusiasmo com a Revolução bolchevique, os elementos indiretos do positivismo dos intelectuais progressistas da época (ainda que Brandão critique e não reconheça o positivismo de Comte), e o balanço pessoal negativo da experiência anarquista. Além disso, o contexto político nacional e intrapartidário mostram as condições difíceis para a elaboração teórica e estratégica mais refinadas, como também a falta de consensos e conflitos internos, como os casos de Canelas e Abílio de Nequete, reforçando mais uma vez uma certa autonomia intelectual e organizativa em relação às diretrizes da IC.

Capítulo 2 – De *Agrarismo e Industrialismo* a *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*: referências teóricas e impactos (1924-1930).

A revolução não é um ato taumatúrgico, é um processo dialético de desenvolvimento histórico.

Antonio Gramsci

A maior parte da obra de Marx e Engels e, sobretudo, de Lênin, tem um conteúdo essencialmente prático e joga com elementos, circunstâncias e problemas que representavam a própria experiência histórica de que participavam. Reside nisso, aliás, o significado profundo do marxismo, que unindo indissolivelmente teoria e prática, apresenta uma elaboração teórica permanente da própria história em curso e em seu desenvolvimento dialético.

Caio Prado Jr.⁵⁶

A revolução não é canja. É feijoadá completa, de cana: exige estômago sólido.

Astrojildo Pereira⁵⁷.

As ideias políticas de Brandão da década de 1920, sobretudo as que se referem a sua leitura classista do desenvolvimento histórico do Brasil como em *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes do Brasil* e *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*, podem ser inseridas em duas tradições intelectuais brasileiras. A primeira é um debate mais genérico, globalizante, e pouco definido, de uma tradição ensaística de diferentes abordagens e métodos sobre algum aspecto da cultura, política ou econômica da sociedade brasileira, isto é, a preocupação central com temas em torno do desenvolvimento nacional, assim como os obstáculos para esse desenvolvimento. Sobre esta tradição, citamos autores muito conhecidos dos cursos universitários das Humanidades, como por exemplo: Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Antônio Cândido, Paulo Prado e Antônio dos Santos Figueiredo.

⁵⁶ Ver em: PRADO JR, Caio. Os fundamentos econômicos da revolução brasileira. A Classe Operária. Rio de Janeiro: 19 de abril de 1947, pp. 4-7. Também publicado em: PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). Caminhos da Revolução Brasileira. São Paulo: Boitempo, 2019. pp. 128.

⁵⁷ Frase retirada de uma carta de Astrojildo Pereira para Evardo Dias, Rio de Janeiro, 16/08/1928. ASMOB. In ANDRETO, Lucas Alexandre. A formação do Partido Comunista do Brasil (PCB) na cidade de São Paulo (1922-1930). Dissertação de Mestrado. UNESP: 2018, p. 6.

A segunda diz respeito a tradição marxista brasileira, uma gama das mais diversas correntes de pensamento socialista, em especial, em torno do debate da teoria da revolução. Além de Octavio Brandão, é possível identificar nessa tradição nomes de intelectuais, escritores, acadêmicos e políticos como: Luiz Carlos Prestes, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Roberto Sisson, Caio Prado Jr., Astrojildo Pereira, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Leôncio Basbaum, Alberto Passos Guimarães, Ana Montenegro, Nelson Werneck Sodré, Franklin de Oliveira, Elias Chaves Neto, Luciano Martins, Florestan Fernandes, Carlos Marighella, Ruy Marini, Érico Sachs e Theotonio dos Santos⁵⁸.

Entre as mais variadas concepções estratégicas e formulações teóricas desses autores é possível identificar, em linhas gerais, a preocupação com a duração e o desenvolvimento do processo histórico que possibilitaria a organização de estratégias político-revolucionárias. Muitas dessas interpretações históricas definiram uma caracterização do Brasil, tais como: a tradição e potencial agrário, com lenta introdução da urbanização; a necessidade de um projeto de modernização econômica a partir da industrialização (ganha destaque o papel da burguesia); a superação das estruturas do passado colonial; uma ruptura com o imperialismo europeu e, depois, estadunidense, principalmente ao que diz respeito a dependência econômica brasileira; e por último a incorporação de proletários, trabalhadores rurais e as massas populares (em geral) na luta social e revolucionária (PERICÁS, 2019, p. 9).

É nesse sentido que através do ensaio *Agrarismo e Industrialismo* (1924-1926) e o artigo *O Proletariado perante a revolução democrático pequeno-burguesa* (1928) que observamos as primeiras formulações analíticas mais refinadas de OB sobre os aspectos sociais, econômicos e políticos do Brasil. De modo que, destacaremos os objetivos e preocupações estratégicas com os caminhos que os comunistas e a revolução deveriam trilhar segundo esse autor. Esses dois ensaios, para além do estilo e da estética adotadas, tem objetivos políticos e intelectuais diferentes do já exposto *Rússia Proletária* (1923), sendo este último uma espécie de cartilha, manifesto ou propaganda em defesa do paradigma da Rússia governada pelos Bolcheviques. Os dois ensaios, escritos entre os anos 1924 e 1928, poderiam

⁵⁸ Sobre os autores mencionados ver em: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira (orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014; PERICÁS, Luiz Bernardo (org.). *Caminhos da revolução brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2019.

ser lidos como uma espécie de amadurecimento de Octavio Brandão sob as perseguições de Arthur Bernardes e o seu estado de sítio, e as tentativas de adentrar nos meios anarcossindicalistas e sindicais.

2.1. Referências teóricas e a questão do marxismo-leninismo no ensaio *Agrarismo e Industrialismo* (1924-1926): condições e repercussões.

Na vida subterrânea, em 1924, mais uma vez tirei partido do próprio infortúnio. Iniciei a batalha contra o imperialismo.

Octavio Brandão⁵⁹.

Em 28 de julho de 1924, na clandestinidade, Octavio Brandão dá início a escrito do seu ensaio de interpretação política e histórica do Brasil, *Agrarismo e Industrialismo: ensaio marxista leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil*, o seu 15º trabalho publicado. Segundo o próprio autor, escondido da polícia de Artur Bernardes, sob condições precárias, utilizando do pseudônimo de Fritz Mayer⁶⁰ e com a falsa indicação de que o texto teria sido publicado em Buenos Aires, Brandão teria concluído a “parte fundamental” do texto em menos de um mês (BRANDÃO, 1978, p. 284), terminado a obra a 22 de agosto de 1924 (BRANDÃO, 1978, p. 285).

Ao visitar a casa do jornalista e conterrâneo Rodolfo Mota Lima, à rua Paula Matos 35, e após ter lido uma edição francesa de *Imperialismo etapa superior do capitalismo*⁶¹ de Lenin, Brandão teve notícias da derrota dos militares sob o comando do General Isidoro Dias Lopes (1865-1949) que haviam tomado quartéis em São Paulo. Foi na casa de seu amigo, na sala de jantar, que começou a escrever o seu ensaio. Mesmo não terminado, o ensaio circulou em cópias datilografadas, servindo para orientar as teses defendidas por Astrojildo Pereira durante o II Congresso do PCB nos dias 16 a 18 de maio de 1925 (MORAES, 2014, p. 17; PEREIRA, 1979, p. 92). Zaidan Filho (1985, p. 48) destaca a importância da conjuntura daquele momento nas teses elaboradas por Octavio Brandão e que foram defendidas no II Congresso do PCB:

⁵⁹ (BRANDÃO, 1978, p. 284).

⁶⁰ Brandão (1978, p. 286) espalhou que o suposto escritor Fritz Mayer era um “oficial alemão que participara da insurreição de São Paulo e se encontrava na Argentina”.

⁶¹ Em suas memórias, Brandão (1978, p. 285) se refere ao título da obra de Lenin como *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*.

Na verdade, o grande princípio heurístico das teses do II Congresso é mesmo a conjuntura brasileira: as revoltas “tenentistas” do 5 de julho. É preciso esclarecer também que neste período não havia ainda sido formado o Bureau Sul-americano da IC. A revolução chinesa, por sua vez, não havia sido derrotada e o imperialismo americano também ainda não aparecia como o mais forte. Assim, neste contexto de relativa autonomia, pôde o PCB, voluntariamente ou não, produzir uma elaboração teórico-política mais específica, mais colada à conjuntura brasileira.

Em geral, os dirigentes do PCB tinham uma desconfiança do “moralismo politicamente ambíguo dos ‘tenentes’” (KONDER, 1988, p. 162). No entanto, os tenentes também expressavam uma das canalizações mais expressivas de insatisfação das camadas médias brasileiras em relação a conjuntura política nacional, não diretamente, mas pela “mediação de motivações ‘corporativas’ e ideias ‘militaristas’” (KONDER, 1982, p. 162). Foi dessa forma que, no fim de 1927, Astrojildo Pereira foi autorizado a encontrar Luís Carlos Prestes na cidade de Puerto Suarez, na Bolívia, com objetivo de aproximar o tenente Prestes do marxismo e do PCB.

A escrita e divulgação do ensaio está inserida em um momento em que o PCB se esforça com diversas outras iniciativas de agitação e propaganda, como o trabalho do semanário *A Classe Operária* (nos meses de maio a julho de 1925), o folheto comemorativo da Revolução bolchevique em 7 de novembro do mesmo ano, e um folheto em memória de Lênin em janeiro de 1926. Nesse mesmo ano o ensaio *Agrarismo e Industrialismo* já era conhecida pela polícia política de Artur Bernardes, havendo invasões a tipografias e apreensões das publicações. Brandão narra um episódio interessante de resistência de operários tipógrafos no Rio de Janeiro, que ficava próximo da Polícia Central, onde após uma invasão policial:

[...] os operários, com maior sangue-frio, na cara da própria polícia, jogaram toda a composição nas caldeiras das linotipos. Os cães de fila de Bernardes deram a busca. Revisitaram por todos os lados. Nada perceberam. A vigilância, a fidelidade e o sangue-frio dos operários salvaram a situação! (BRANDÃO, 1978, p. 286).

Segundo suas memórias, OB esforçou-se na tentativa de divulgação da obra⁶². Entregou cópias a amigos, ao camarada Paulo Lacerda que levou o texto a Moscou ainda em 1926, ao oficial da marinha Lucas Paulino que foi responsável por encaminhar um exemplar a Luiz Carlos Prestes (que já se encontrava na Bolívia). O ensaio também não ficou isento de ataques e críticas negativas já no ano de sua publicação e nos seguintes. Em uma crítica de Jackson Figueiredo na Gazeta de Notícias, o resenhista disse que temia que após o “ensaio teórico, viesse um ensaio prático, revolucionário socialista” (BRANDÃO, 1978, p. 286). Em 1931, no jornal *A luta de Classe*, foi a vez das críticas trotskistas que classificaram a obra como um “bazar de monstruosidades teóricas. Esse ataque [nas palavras de Brandão] mostra que o livro nada mais tinha de comum com o trotskismo” (BRANDÃO, 1978, p. 287).

No reconhecido trabalho do brasilianista John W. Foster Dulles (1977, p. 222) *Anarquistas e Comunistas no Brasil* existe um equívoco, apontado por Moraes (2007, p. 141; 2014, pp. 17-18), de que *Agrarismo e Industrialismo* teria sido finalizado em 22 de agosto de 1924. Esse erro se deve ao fato de que Brandão termina a sua obra com acréscimos posteriores a versão que foi distribuída em 1924. Por exemplo, o alagoano faz referências ao 1º de maio de 1925 (BRANDÃO, 2006, p. 118). No artigo “Uma etapa da história de lutas⁶³”, Brandão (2006, p. 192) reconhece que escreveu o penúltimo capítulo em 1925 e o último em 1926.

A questão da cronologia de *Agrarismo e Industrialismo* é relevante, pois, existem tentativas teórico-interpretativas de aproximar as leituras dos comunistas da década de 1920 com as posições stalinistas, sobretudo devido à proximidade do subtítulo do ensaio de Brandão com o ensaio *Sobre os fundamentos do leninismo*⁶⁴ de Stálin (1924). A questão da convergência da utilização de termos e expressões em comum é no mínimo complexa, pois, não significaria que os autores em questão

⁶² O General Ximeno de Villeroy, discípulo de Benjamin Constant, que tomou parte pela República em 1889 e nos movimentos dos revoltos nos anos de 1922 a 1927, também mencionou o ensaio *Agrarismo e Industrialismo* no seu livro *Benjamin Costant e a Política Republicana* (BRANDÃO, 1978, p. 286).

⁶³ O texto foi publicado originalmente em 20 de janeiro de 1957 no jornal Imprensa Popular, do Partido Comunista, e foi republicado como um apêndice na edição de *Agrarismo e Industrialismo* de 2006 pela editora Anita Garibaldi.

⁶⁴ João Quartim de Moraes se utiliza do título traduzido como *Sobre os problemas do Leninismo*. Optamos em utilizar a tradução *Fundamentos do Leninismo* de acordo com: “J.V. Stálin – Obras – 6º vol., Editorial Vitória, 1954 – traduzida da edição italiana da Obras Completas de Stálin publicada pela Edizioni Rinascita, Roma, 1949”. Ver em: Stálin, J.V. *Fundamentos do leninismo*. 18 de maio de 1924. In <https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/leninismo/index.htm>. Acesso em 26 de setembro de 2020.

teriam utilizado o mesmo conceito, isto é, o mesmo sentido. De outro modo, Brandão também fala em hegemonia⁶⁵ no seu ensaio, mas seria impossível Brandão ter lido Gramsci ou ter utilizado exatamente o mesmo sentido conceitual que o filósofo italiano iria elaborar anos mais tarde, ou que haveria uma relação direta ou indireta dos dois autores pelo simples fato de serem comunistas. Ou ainda que Brandão (2007, p. 79) ao falar em “opressão do proletariado” estaria antecipando as lutas anti-opressão da segunda metade do século XX e início do século XXI, mesmo que este já tecesse críticas ao contrato do casamento civil e religioso e questionasse sobre o lugar da mulher na sociedade burguesa como é mencionado em *Mundos Fragmentários* (1922, pp. 17-25).

Segundo João Quartim de Moraes (2007, pp. 139-140), através de uma análise da cronologia editorial da bibliografia staliniana, concluiu que Brandão dificilmente teria lido o ensaio de Stálin. Mesmo Agrarismo Industrialismo, iniciado em julho de 1924 não teria sido influenciado pelo conceito de “leninismo” ou “marxismo-leninismo”⁶⁶ do georgiano, tendo uma diferença mínima de três meses entre os dois textos:

Nos seus escritos de 1923, Stálin não emprega o termo “leninismo” (que só em abril de 1924, logo após a morte de Lênin, definirá como “o marxismo da época do imperialismo e da revolução proletária”), mas simplesmente o tratamento partidário de “camarada Lênin”. A fórmula “marxismo-leninismo”, entretanto, só seria lançada na URSS no final da década. Mesmo então, seu sucesso não foi imediato: só após o término da Segunda Guerra Mundial passou a designar internacionalmente os partidários de Stálin, sobretudo a partir da ruptura sino-soviética, quando a direção do PC da China, assumindo a defesa teórica e política do legado staliniano contra o “revisionismo kruchoviano”, erigiu-se em guardião do “marxismo-leninismo”. Mas, em 1924, nem Stálin nem qualquer outro dirigente do comunismo internacional designava o *corpus* teórico-doutrinário de seu movimento pela expressão “marxismo-leninismo”. Não é de excluir, até prova em contrário, que Brandão, ao definir seu ensaio

⁶⁵ A expressão *hegemonia* era usual e já havia sido utilizada por Lenin e Pavel Axerold, entre o final do século XIX e início do XX. Em geral, o termo expressa “direção”, “preeminência”, “domínio” ou “supremacia” política, mas também é usado em amplos contextos como em economia, literatura, psicologia e até na linguística. Gramsci só irá desenvolver esse debate nos Cadernos do Cárcere, entre 1926 e 1937. Ver mais em: COSPITO, Giuseppe. Hegemonia. In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs.). Dicionário Gramsciano. São Paulo: Boitempo, 2017. Pp. 365-368; COUTINHO, Carlos Nelson. Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 1981. pp. 52-60.

⁶⁶ João Quartim de Moraes afirma: “Já nos referimos à novidade, naquele momento, da expressão ‘marxista-leninista’, que ainda não fazia parte do vocabulário do Comintern. Brandão antecipou-se a uma inovação ideológica que refletia o imenso impacto da revolução socialista russa e o reconhecimento da decisiva importância de Lenin, seu principal dirigente” (MORAES, 2014, p. 18).

como “marxista-leninista”, tenha antecipado com agudíssima intuição intelectual uma evolução doutrinária que, mesmo na própria União Soviética, só se configuraria vários anos depois (MORAES, 2007, pp. 140-141).

Moraes (2007, p. 139) explica que seria pouco provável a hipótese de que Brandão teria lido *A questão da estratégia e da tática dos comunistas russos*, de Stálin, que foi publicado na edição da revista Pravda de 14 de março de 1923, ou mesmo o esboço desse texto publicado anteriormente, em julho de 1921, intitulado *Estratégia e tática políticas dos comunistas russos*. Seja através da leitura de artigos, ou de alguma conferência que mencionasse Stálin e suas ideias, a influência mais próxima de Stálin, segundo João Quartim de Moraes, seria pela utilização da noção de *estratégia* e *etapa*. Entretanto, as categorias apontadas por Moraes como “stalinianas” são utilizadas em textos anteriores por Lenin⁶⁷ como em *Esquerdismo: doença infantil do comunismo* (2014) de 1920, ganhando os sentidos atribuídos ao stalinismo nos anos depois da morte de Lenin. Outro exemplo é que, já na velhice, em suas memórias, Brandão (1978, pp. 23-24) divide sua própria vida em cinco *etapas* e o processo de sua formação ideológica em três *etapas*⁶⁸, pensado muito em termos de “fases”, ou “momentos”, de sua trajetória.

Em *Combates e Batalhas*, Brandão (1978, p. 218) relata que o PCB desconhecía os trabalhos de Stálin e suas referências teóricas, mencionando nas propagandas do partido somente “Marx, Engels e Lenin”. Brandão (1978, p. 26) ao descrever algumas de suas experiências de lutas e dificuldades sofridas, coloca ao lado dos anos de Estado de sítio, promovido pelo governo de Artur Bernardes, e os anos da “guerra fascista hitleriana”, quando de seu exílio na Europa, o período dos

⁶⁷ O título do terceiro capítulo de *Esquerdismo: doença infantil do comunismo* é, justamente, *As principais etapas da história do bolchevismo*, segundo a tradução adotada pela editora Expressão Popular revisada pelo professor Ronaldo Coutinho, valeu-se da tradução e das notas da publicação portuguesa de 1977 pelas *Edições Avante!*. Nesse capítulo, Lenin organiza a história das lutas que levaram a Revolução bolchevique em seis momentos: 1) anos de preparação (1903-1905); 2) anos de revolução (1905-1907); 3) anos de reação (1907-1910); 4) anos de ascenso (1910-1914); 5) Primeira Guerra Imperialista Mundial (1914-1917); 6) Segunda Revolução Russa (de fevereiro a outubro de 1917).

⁶⁸ Brandão dividiu a sua vida em 5 etapas que são: “1º etapa – A infância. Em viçosa de Alagoas, de 1896 a 1908. 2º etapa – A Adolescência. Em Alagoas e Pernambuco, de 1908 a 1919. 3º etapa – A Juventude. No Rio de Janeiro, de 1919 a 1931. 4 etapa – Na Europa. De 1931 a 1946. 5º etapa – De volta ao Brasil. De 1946 a 1976” (BRANDÃO, 1978, pp. 23-24). Sobre a sua formação ideológica divide em três etapas: 1º pela Libertação Espiritual do povo brasileiro. Desde 1912, no Recife. 2º Militante da classe operária. A partir de 1917, em Maceió. 3º - Combatente pelo socialismo científico de Marx, Engels e Lênin. Desde 1922, no Rio de Janeiro, até hoje” (BRANDÃO, 1978, p. 24).

“quatro anos dos expurgos de Stálin”⁶⁹. Mais tarde, em artigo publicado na *Imprensa Popular*, em 26 de outubro de 1956, Brandão descreveu resumidamente a situação russa e a sua impressão sobre o assunto quando do II Plano Quinquenal até a Segunda Guerra Mundial:

Era no fim do período do segundo plano quinquenal. A vida melhorou extraordinariamente. Havia a fartura, o bem-estar, a arte e a cultura, ao alcance de todos os homens e mulheres. Maravilhas! Em contraste, porém, tive de suportar quatro anos de terríveis expurgos, no ambiente de terror, cuja simples denúncia, hoje, transtorna os camaradas mais frios.

Finalmente, terminaram os expurgos. Íamos respirar, livres do pesadelo. Mas, em 1939, a guerra estourou no Ocidente. A vida começou a piorar na União Soviética. Em 1941, veio a invasão dos exércitos da Alemanha nazista. Resisti aos quatro anos da guerra mais terrível de toda a história universal. Terminou a hecatombe. A vida foi melhorando. Mas parti com a família (BRANDÃO, 1956, p. 3).

Konder (1988, p. 142) considerou que a teoria marxista no PCB era precária, pois o partido não dispunha de uma difusão eficiente do pensamento de Marx, e os materiais disponíveis eram muito precários. De modo que até 1926, a maior parte dos recursos era investido na agitação e não na formação dos seus quadros, de modo a não sobrar “praticamente nada para estudos e publicações teóricas”. Em outro trecho, Konder balanceou que a falta de aprofundamento teórico por parte dos dirigentes do PCB se dava por causa da urgência de suas tarefas:

Mesmo que um Octavio Brandão ou um Astrojildo Pereira já conhecessem tais escritos (e é possível que os conhecessem, de fato) [se referia a *Crítica do Programa de Gotha*], estavam – como os demais militantes – absorvidos por tarefas urgentes, relativas à organização do partido, à agitação e propaganda no meio operário: dedicavam-se de corpo e alma à luta política cotidiana, através de denúncias simples da opressão e da exploração do trabalho. As

⁶⁹ Ainda que sutilmente, Brandão registra a sua crítica ao período stalinista ao considera-lo um dos tantos momentos difíceis que enfrentou em sua vida. Igualmente, faz uma rápida crítica a Ditadura militar brasileira e a China, em seu *Combates e Batalhas*, aos 80 anos de vida, ao dizer que: “Nos últimos anos, vivi muito preocupado com a situação trágica do Brasil, com a terrível tensão internacional e as atitudes absurdas do governo da China Popular, além das dores pessoais – os inúmeros reveses, injustiças e incompreensões” (BRANDÃO, 1978, p. 25). É difícil saber mais sobre quais opiniões Brandão tinha em relação ao regime de Stálin, já que o segundo volume de suas memórias, justamente o volume que trata do seu exílio e de sua experiência como morador da URSS quando do governo de Stálin e da Segunda Guerra Mundial, nunca foi publicado. No entanto, apesar das possíveis críticas, Brandão não pode ser considerado um antistalinista ou anti-soviético. Essas questões não podem ser reduzidas a uma simples dicotomia, ou dualismo político.

questões filosóficas eram, naturalmente, deixadas de lado: os poucos – pouquíssimos! – militantes qualificados não tinham motivação para mergulhar no campo da política cultural e nele travar as batalhas que os intelectuais liberais ou conservadores lhes proporcionavam. Para que se dispor a explicar a Elysio de Carvalho que o princípio da ética marxista não era propriamente o “egoísmo de classes” e sim a superação da divisão da humanidade em classes?

Do I Congresso do PCB a 1924, período chamado por Brandão (1978, p. 218) de “Os Primeiros Passos” ou “A primeira etapa”, a principal inspiração do comunista teria sido a obra *O Estado e a Revolução* de Lenin (2017) de 1918. No período de 1924 a 1929, intitulado de “A Primeira Ascensão” ou segunda etapa da história do PCB (BRANDÃO, 1978, p. 219), as principais inspirações seriam as obras de Marx, Engels e Lenin, que serviram como orientação na sua iniciativa de realizar o trabalho de base, levando as ideias desses autores “às fábricas e oficinas, aos sindicatos e bairros operários”. Brandão menciona como principal inspiração nesse momento os textos leninianos *Que fazer?* e *A Moléstia Infantil do “Esquerdismo” no Comunismo*⁷⁰:

Pela primeira vez em toda a História do Brasil, os comunistas, tomando como base o livro imortal de Lênin, caracterizaram o imperialismo como a dominação do capital monopolista e financeiro, parasitário e moribundo [...].

Nesta segunda etapa, o PCB abandonou, de fato, a palavra de ordem de ditadura do proletariado, como tarefa imediata. Levou as ideias de Marx, Engels e Lênin às fábricas e oficinas, aos sindicatos e bairros operários. Procurou popularizar as realizações da União Soviética. Sustentou o movimento nacional-libertador dos países coloniais e dependentes. Realizou o 2º e o 3º Congressos.

O PCB inspirou-se no “Plano de um jornal político para toda a Rússia”, publicado no livro de Lênin, *Que Fazer?*, e fundou, em 1925, sob o estado de sítio, o jornal legal de massas *A Classe Operária*. Orientou-se pelo livro de Lênin – *A Moléstia Infantil do “Esquerdismo” no Comunismo* e conquistou vitórias nos sindicatos, mesmos dirigidos por amarelos e policiais. Fundou a Federação Sindical do Rio de Janeiro em 1927 e a Confederação Geral do Trabalho em 1929. Realizou grandes comícios do 1º de Maio, especialmente no Rio de Janeiro, na Praça Mauá, em 1927, 1928 e 1929 (BRANDÃO, 1978, p. 219-220).

⁷⁰ Outra tradução é: LENIN, V. I. O esquerdismo: doença infantil do comunismo. São Paulo: Expressão Popular, 2014.

Enquanto Brandão descreve uma imagem mais positiva em relação aos esforços teóricos da agremiação comunista, Leandro Konder (1988) defende em diversos momentos do seu livro, *A Derrota da Dialética*, a escassez dos textos clássicos marxistas. Segundo Konder (1988, p. 143), nas memórias de Heitor Ferreira Lima, os comunistas não conheciam o livro *Que Fazer?* De Lenin, a polêmica sobre os *narodniki* e o estudo sobre o capitalismo na Rússia. Leôncio Basbaum teria sido incumbido, em meados da década de 1920, de realizar um curso sobre *O Capital* de Marx, no entanto se declarou incapacitado para realizar a tarefa, pois ele nem sequer tinha o livro. Trataram de lhe arranjar um resumo da obra possibilitando-lhe a leitura e cumprimento da tarefa atribuída (KONDER, 1988, p. 143).

De todo modo, o que se percebe é que a principal referência teórica e prática para a organização das atividades partidárias e das estratégias adotadas, de 1922 a 1929, são essencialmente os textos de Lênin. Brandão esclarece que o seu “padrão de análise é um padrão universal” é inspirado em Lênin, e complementa que “baseia-se no internacionalismo leninista” (BRANDÃO, 2006, p. 28). Ele justifica que analisar a revolta de 1924 em São Paulo de maneira isolada faria com que se perdessem aspectos relevantes de suas significações fundamentais.

Como aponta Moraes (2007, p. 142) “Brandão inscreveu-se entre os inventores do marxismo-leninismo” e, coloca ainda, que o verbete sobre esse conceito na enciclopédia *Marxism, communism and Western society*, escrita por uma equipe de “kremlinólogos” estadunidenses, esclarece que a expressão só teria surgido no final da década de 1920 e utilizada por publicações oficiais soviéticas a partir de 1931. A. M. Deborin seria outro intelectual que, juntamente com o grupo em seu entorno na Academia Comunista, utilizou a expressão para se referir aos “institutos de pesquisa marxista-leninistas” em março de 1928. Mesmo se considerarmos a versão final de *Agrarismo e Industrialismo* de 1926, ainda assim, Brandão seria um pioneiro na utilização e divulgação da expressão do mesmo modo que antecipou a popularização de seu uso. Assim sendo, Moraes (2007, pp. 142-143) defende que:

O Pioneirismo intelectual de Brandão não se limitou, portanto, à aplicação do marxismo-leninismo na interpretação do Brasil: abrangeu a própria caracterização da doutrina por meio da qual o interpretou. Reforça-se assim a hipótese de haver sido espontânea

sua convergência com o marxismo de Stálin, ou para ser mais exato, com a evolução doutrinária do marxismo sob a ditadura staliniana, já que o próprio Stálin relutou em utilizar a fórmula lançada na URSS por Deborin. Só no final dos anos 30 empregou a em artigo que redigiu para a *História do Partido Comunista da União Soviética*.

Ademais, Felipe Castilho de Lacerda (2017, p. 158) explica que a recepção dos conceitos marxistas não se deu como uma prática de estudo e formação acadêmica, mas que o uso da literatura marxista ocorreu de maneira adaptada às práticas de agitação e propaganda:

A recepção da literatura comunista não ocorreu em um ambiente que propiciava o debate acadêmico das ideias e, dessa forma, as reflexões de Octávio Brandão em sua apropriação do marxismo não ocorreram como ato de erudição de um intelectual acadêmico. Ao se observar as edições comunistas dos anos 1920, logo se percebe seu sentido fundamental: a agitação política das massas. Destarte, a função elementar da produção intelectual de Brandão nessa década foi a de formar e informar a base do partido. A prática intelectual do líder comunista foi determinada por uma diversidade de fatores, entre os quais podemos citar: 1) as tarefas ideológicas das quais a direção kominterniana incumbia os comunistas brasileiros; 2) a área sócio-cultural ocupada pelos comunistas.

A estrutura do ensaio *Agrarismo e Industrialismo* é organizada em três partes: “analyse”, “synthese” e “a revolta permanente”. As duas primeiras partes foram terminadas em 1924 e a terceira parte acrescentada somente em março de 1925. A primeira parte é subdividida em 17 capítulos⁷¹, a segunda parte em um único capítulo, e a terceira e última parte subdivida em dois capítulos (*Dentro do Brasil e Percorrendo o Universo*).

Brandão discorreu mais sobre a primeira parte, tanto em número de capítulos como em número de páginas, do que poderíamos concluir, em um primeiro momento, ser a parte mais importante da obra, onde os principais elementos são apresentados ao leitor. Chama a atenção dessa primeira parte a grande variedade de temas tratados pelo autor e a sua organização. Por exemplo, o primeiro capítulo intitulado *Origens da Revolta de 1924* estar dividido em *causas econômicas*, *causas políticas* e *causas psicológicas*. Este último aspecto, o de caráter “psicológico” é interessante, pois faz com que OB fuja das caracterizações vulgares do marxismo

⁷¹ Somente quatro capítulos dessa primeira parte são subdivididos. Os capítulos de números I, III, XIV e XV, respectivamente com os títulos *As Origens da Revolta de 1924*, *A Situação Nacional*, *A Rivalidade Imperialista Anglo-americana*, e *O Proletariado*.

como uma simples interpretação “reducionista” (ou mais comum “determinista”) da economia ou da economia-política.

Brandão explica que a revolução russa teria abalado mundialmente o que chamou de “espírito de revolta” e “desejo de transformação”, onde criou-se um cenário em que a pequena-burguesia pôde desiludir-se “de obter melhorias pelos ‘canais competentes’, isto é, pela via legal, jurídica, pacífica, reformista” (BRANDÃO, 2006, p. 28). Brandão descreve uma espécie de “caldo de cultura para a ação revolucionária”, que somando aos elementos anteriores, aponta também o liberalismo presente no Exército se colocava como oposição ao “espírito tacanho, feudal, dos governantes”, e resultaria na esperada *terceira revolta* (JOSÉ DA SILVA, 2007, p. 146).

Entretanto, alguns dos “erros” de interpretação de OB sobre as ideias contidas de Marx, Engels e Lenin, nos ajudam a pensar também sobre as suas apropriações de acordo com as necessidades históricas de sua conjuntura. Por exemplo, no início do texto, Brandão (2006, p. 25) garante que “mesmo vencida a segunda revolta [pelos tenentistas de 1924], a terceira há de vir como uma necessidade fatal”. O fatalismo descrito pela expectativa com uma terceira revolta não é definida por Brandão como a “revolução proletária” ou a “revolução socialista”, mas apontada como uma revolta contra o regime oligárquico e organizada pela pequena burguesia. Logo o “fatalismo” de OB é mais estrito e objetivo espacial e temporalmente. Angelo José da Silva (2007, p. 142) reconhece o esquematismo e mecanicismo de algumas das análises de *Agrarismo e Industrialismo*, mas destaca que as suas interpretações representaram também avanços:

Dentro de seu contexto, o trabalho de Brandão foi um avanço. Rompeu com as considerações raciais e naturais para a explicação do Brasil e conseguiu, mesmo com todo o seu esquematismo, antecipar eventos e desdobramentos da cena política brasileira, que nenhum conservador ou liberal jamais sonhara. Brandão realiza uma ruptura a partir do momento em que utiliza em suas análises o arsenal clássico do marxismo como a luta de classes, a análise do desenvolvimento econômico, as relações políticas internacionais.

Ao se referir às causas econômicas que levaram às origens da revolta de 1924, OB destaca o aumento de impostos, a crescente miséria e aumento dos custos de vida, o empobrecimentos de pequenos comerciantes, todos derivados da política de empréstimos, déficits, emissões, moratórias, fundings, medidas

econômicas promovidas pelo governo de Epitácio Pessoa (1919-1922) e o Banco do Brasil, além de amplamente promovidas pelos jornais *O Imparcial*, e o *Jornal do Comércio*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *A Pátria*, *A Notícia* e o *Rio Jornal* (BRANDÃO, 2006, pp. 26-27). A originalidade é que Brandão coloca todas essas questões do contexto econômico nacional inseridas nas condições do mercado internacional, daí a dependência econômica “ancorada no endividamento, na inflação e na carestia etc.” (JOSÉ DA SILVA, 2007, p. 144).

Uma continuidade de *Agrarismo e Industrialismo* em relação às obras anteriores de Brandão (tratadas no capítulo anterior) é o uso do tom de denúncia, acusatório, por vezes até debochado, como quando diz: “O reforçamento da velha oligarquia de politiqueiros paulistas e mineiros. Um Congresso de bonzos que lambem as patas do Buda-fazendeiro de café” (BRANDÃO, 2006, p. 27). Na primeira edição, ao se referir ao exército, diz que este estava “impregnado de positivismo filosófico”, depois na edição de 1926 foi substituída por “espírito tacanho, feudal, dos governantes”, reforçando a sua crítica ao positivismo (BRANDÃO, 2006, p. 28). Apesar dessa crítica, Angelo José da Silva (2007, p. 147) considera que muitos dos equívocos de Brandão se deram devido a sua influência por Euclides da Cunha, principalmente de suas análises que relacionavam a raça e o meio físico, semelhantes nas expostas em *Os Sertões*, estruturado a partir de “a terra, o homem, a luta” no ensaio de Brandão.

É interessante notar que pelo menos desde 1923, com *Rússia proletária*, OB denuncia o fascismo⁷² europeu e, ao tratar sobre a “Situação Internacional” em *Agrarismo e Industrialismo*, destaca a violência e o racismo fascista como elementos da situação política e diplomática internacional:

A burguesia recorreu aos processos mais astutos com Lloyd George, a Inglaterra, mais ilusionistas com Wilson, nos Estados Unidos, mais violentos com Harthy e Mussolini, na Itália, a fim de amassar o proletariado recua em disfarçada bancarrota. O deputado Farinneri, “líder” do fascismo racista, isto é, ultraviolento, na sessão de 4 de agosto do Conselho Nacional Fascista, já reconhece a necessidade de renunciar à violência – estranha linguagem na boca de um fascista – só compreensível como prova da insanidade. O

⁷² Sobre o fascismo italiano e Mussolini declarou: “Os piores facínoras a ocupar os mais altos cargos. As lutas armadas entre fascistas e proletários. A desmoralização da política sindical de Mussolini. O acirramento da guerra de classes dentro dos próprios sindicatos fascistas, apesar de Mussolini negar a existência das classes” (BRANDÃO, 2006, p. 30).

punhal fascista é importante contra a revolução mundial (BRANDÃO, 2006, p. 29).

A crítica ao fascismo tem a ver com o estilo proposto de Brandão, inspirado em Lenin, de analisar “o quadro internacional para aí situar a realidade nacional”. A partir dessa perspectiva internacional leninista é que Brandão inspira a sua análise sobre a *origem política* das revoltas tenentistas (JOSÉ DA SILVA, 2007, p. 144).

2.2. Em defesa da política de alianças com a pequena burguesia e a revolução democrática-burguesa (1927-1928).

A revolução democrática pequeno-burguesa é uma criadora de possibilidades. À sua sombra preparar-nos-emos para nossa verdadeira obra. Não podemos ser contrários a essa revolução.
Octavio Brandão⁷³.

O texto *O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa* foi publicado originalmente no oitavo volume da revista Autocrítica em 1928 e na tribuna de debates do III Congresso do PCB. Brandão inicia o artigo defendendo a urgência do tema sobre a ascensão das forças revolucionárias brasileiras, não somente no campo da propaganda e da teoria, mas também no campo político institucional, eleitoral e militar. São perceptíveis as mudanças e o amadurecimento político do ensaísta se comparado com as obras anteriores como *Mundos Fragmentários* e *Rússia Proletária*, sobretudo nos temas da organização, estratégia, diretrizes e os meios materiais para a concretização da almejada revolução proletária no partido e nos movimentos sociais. Sob o contexto político de 1927 e 1928, esse artigo é uma continuidade direta, um aprofundamento, das teses e da perspectiva do ensaio *Agrarismo e Industrialismo*.

Inaugura-se com esse artigo a centralidade de um dos temas mais recorrentes entre teóricos e militantes de matrizes marxistas e socialistas, a questão da revolução brasileira. Os dois problemas centrais apresentados no artigo são: o primeiro é a defesa da chamada *revolução democrática pequeno-burguesa* em um país, descrito por Brandão como, semicolonial e em plena dominação imperialista do capitalismo. O segundo problema diz respeito à postura e à organização,

⁷³ Ver em: BRANDÃO, 1985, p. 128.

ideológica e partidária, necessárias para a prática da *revolução proletária* perante a pequena-burguesia. Zaidan Filho (1985, pp. 48-49) descreve os objetivos e a definição de Brandão para o caráter da revolução brasileira daquele contexto:

[Brandão] define o caráter específico da revolução brasileira: nem burguesa, nem proletária. Democrático-pequeno-burguesa. Suas forças motrizes: a pequena burguesia, apoiada criticamente pela classe operária e o seu partido. Suas tarefas: lutar pela liberdade de expressão e organização dos trabalhadores. Segundo Brandão, a revolução democrática brasileira seria *pequeno-burguesa* porque era dirigida pela pequena burguesia, que, no Brasil, era eminentemente urbana e não rural (camponesa) como na Rússia, pois a pequena burguesia na Rússia era o camponês e, no Brasil, era o revoltoso de 1922 e 1924, proletarizado e radicalizado. Cabia, portanto, aos comunistas, na busca da aliança com os revoltosos pequeno burgueses, a tarefa de lutar para que a revolução democrática fosse colocada num plano inclinado que a fizesse rolar no sentido da profundidade da revolução proletária.

Zaidan Filho (1985, pp. 48-49) explica que o campesinato ainda não era entendido como uma classe política organizada, isto é, uma expressão político-ideológica influente e unificada nacionalmente, como na Rússia soviética. Referindo-se às resoluções e conclusões do III Congresso do PCB sobre o congresso anterior, publicado na revista *La Correspondência Sudamericana*, Zaidan Filho (1985, pp. 48-49) escreve:

A propósito, o II Congresso do PCB fazia a seguinte análise da situação do campesinato brasileiro: “A grande massa dos 7 milhões de obreiros agrícolas e lavradores pobres, nacionais e imigrados do estrangeiro, dispersa de norte a sul, heterogênea, amorfa, completamente desorganizada e desamparada. Vencida pela miséria e a exploração. Roída pelas enfermidades. Submetida à ignorância e a superstição. Grande e fundamental problema para o PCB.

De modo que, apesar de ter considerado como um “grande e fundamental problema” a questão dos camponeses, acabaram por não dar uma resposta de acordo. Apesar disso, e fugindo da alcunha determinista, Brandão não ignora a hipótese das múltiplas possibilidades pelas quais poderiam caminhar a revolução proletária brasileira. Sua argumentação nesse ponto é defendida não de maneira engessada, mesmo que o termo “etapa”, utilizado em diversos momentos do texto, possa sugerir. Muito pelo contrário, distante do que alguns chamariam da

problemática “teleologia-marxista” ou “determinismo teórico”, a hipótese das contingências é levantada, e considerada de maneira flexível com um maior número de possibilidades do que havia sido elaborada em *Agrarismo e Industrialismo*.

Algumas das possibilidades consideradas foram: um cenário em que houvesse a vitória da revolução proletária internacional (não somente na Rússia, e antecedendo a almejada a revolução brasileira); ou o envolvimento do Brasil em conflitos bélicos internacionais⁷⁴ e os seus desdobramentos em crise econômica (como por exemplo, o aumento do desemprego e do encarecimento dos custos de vida), sobretudo se afetado o setor cafeeiro, principal setor econômico. Outrossim, Brandão alerta que as teses defendidas no artigo se baseiam na perspectiva do contexto imediato de sua escrita, havendo necessidade de adaptação de acordo com as circunstâncias históricas: “Por conseguinte, se a perspectiva modificar-se, nossa tese terá de modificar-se igualmente, acompanhando a realidade” (BRANDÃO, 1985, p. 122).

Estas projeções, ponderações e o reconhecimento de múltiplas possibilidades pelo autor sobre os caminhos da revolução brasileira, não são um simples exercício de teleologia, característica identificadas nas chamadas “filosofias da história”, como a crítica vulgar e reducionista do marxismo poderia concluir de modo a desqualificar os seus teóricos. Afinal, a crítica histórica também deve considerar os valores e percepções historicamente construídos e sua variabilidade, visto que o autor reconhece as contingências históricas e faz ressalvas no seu próprio ensaio, baseando-se em hipóteses e projeções. Não é uma perspectiva teleológica, pois, a revolução proletária é o objetivo final a ser resultado de um processo histórico dinâmico de lutas, isto é, que deve ser construído, e não a sua consequência de maneira independente de quaisquer outros fatores. É nesse sentido que Brandão defende a necessidade de adaptação e a revisão teórica, de acordo com as demandas históricas. Reforçando esse argumento ele continua: “Poderemos afirmar que o Brasil atual está no caminho da conquista imediata do poder pelo proletariado? Seria uma loucura” (BRANDÃO, 1985, p. 1922).

O empecilho para a revolução proletária, de acordo com esta perspectiva, e que será criticada mais tarde pelo SSA-IC, é a necessidade dos meios que a

⁷⁴ Brandão (1985, p. 1922) compara a situação ocorrida Japão e Rússia de 1904 e 1905 como um possível paradigma. E ainda considera a possibilidade de que o Brasil entrasse em conflito com a Argentina. Todos esses elementos lançados como hipóteses e projeções de cenários.

preparem, eis a função da chamada *revolução democrática-pequeno burguesa*, como etapa transitória e antecessora. A própria experiência acumulada das lutas, que vinham de 1922 e 1924, além de sua própria militância dentro do PCB sob o Estado de sítio, influenciariam uma certa percepção em Brandão de que o trabalho de propaganda nos sindicatos e movimentos operários eram insuficientes para os fins almejados, o que não significa de modo nenhum o seu abandono. Uma das projeções de OB, de caráter cético e de autocrítica, é a possibilidade de traição dos pequenos burgueses para com o proletariado, justifica:

Se, porém, não tivermos capacidade, se não nos prepararmos desde agora, não alcançaremos a desejada hegemonia, seremos enrodilhados e derrubados pelos pequenos burgueses. Estes, não tendo encontrado a necessária força no proletariado, pôr-se-ão a reboque dos grandes burgueses, farão um pacto com os mesmos, trairão a revolução democrática.

Por conseguinte, o problema atual é o da atitude do proletariado e do seu partido diante da revolução democrática pequeno-burguesa, *prelúdio fugaz da revolução proletária* [Grifo do autor], se o proletariado e o seu partido se prepararem de fato, orgânica e ideologicamente, com a devida antecedência, isto é, desde já. Não estamos a discutir a segunda etapa (a nossa) e, sim, a primeira etapa do processo revolucionário brasileiro (BRANDÃO, 1985, pp. 122-123).

Brandão (1985, p. 123) invoca novamente o paradigma da Revolução Russa e a necessidade de seus revolucionários se aliarem com anarquistas, a esquerda do Partido Social-Revolucionário e a pequena burguesia rural. Desse modo, dentro da conjuntura imediata do autor, não se poderia ir muito mais longe desse quadro. E segue a sua argumentação citando, em diversos momentos, Lenin:

Toda a história do proletariado russo está cheia de compromissos com aliados. A luta política é, entre outras coisas, a arte de saber tirar o máximo partido dos aliados.

[...] O simplismo antimarxista que reduz a zero uma questão de enorme complexidade!

[...] Lênine, no mesmo livro ["A Moléstia Infantil"], à página 77, acentua: "toda a história do bolchevismo, antes e depois da revolução de novembro, está cheia de casos de manobra, de combinação e de compromissos com os outros partidos, sem excetuar os partidos burgueses" (BRANDÃO, 1985, p. 123).

Ressaltamos aqui o tipo de leitura que Brandão invoca ao citar o próprio Lenin, e as expressões por ele destacadas no texto leniniano, que sugerem uma

certa interpretação situacionista: “manobra”, “saber tirar o máximo”, “combinação”, “compromissos” e “utilização dos antagonismos de interesses”. Termos esses que, para se referir à necessidade do uso político das alianças e de sua reorganização de acordo com interesses do proletariado e do seu próprio partido, também poderiam ser interpretados negativamente por colegas, críticos e superiores da Internacional.

Brandão esclarece que há cuidados necessários para que essas alianças de caráter momentâneo, limitado na sua organicidade e ideologicamente, não desfaçam todo o objetivo final, a ideologia, além do próprio trabalho construído até então do movimento comunista e operário. Assim, a necessidade do cuidado com a delimitação de interesses e posições, dos grupos envolvidos na aliança, é de suma importância para não serem confundidos ou mesmo de sofrerem apropriação de suas reivindicações. Sobretudo, o cuidado para que não haja influência demagógica da burguesia no proletariado de sobressalto.

Outro cuidado defendido é a necessidade da continuidade da ação paralela de forças independentes nas lutas empreendidas pela aliança (se referindo provavelmente às lutas mais pontuais de reivindicações e de protestos sociais, de caráter mais reformista e sindical), a continuidade na crítica da pequena-burguesia revoltosa, e a crítica às tendências fascistas de alguns membros dos revoltosos da pequena-burguesia: “Critica seriamente as tendências fascistas entre os revoltosos para que a revolução democrática não degenere em ditadura fascista” (BRANDÃO, 1985, p. 126). Tudo isso também pode ser entendido como sugestões ou mesmo como uma espécie de “protocolos de segurança”.

Em outra menção a Lenin, Brandão cita o livro *Esquerdismo: Doença infantil do comunismo* para justificar e esclarecer os possíveis erros cometidos nesse processo. Projeta-se nesse momento do suposto “erro”, uma espécie de reivindicação indireta de que a IC por sua vez viria em auxílio para os comunistas brasileiros. Como será analisado no próximo tópico, esse texto será criticado juntamente com as teses de *Agrarismo e Industrialismo* pelos representantes da IC na América Latina, assim como a ajuda para reorientar o PCB não será de acordo com as expectativas esperadas de Brandão e os outros dirigentes do partido. Após defender a necessidade da política de alianças, a partir do modelo russo e dos argumentos do principal líder bolchevique no livro *Esquerdismo: doença infantil do*

*comunismo*⁷⁵, além de insinuar um certo oportunismo estratégico, Brandão propõe a realização de no mínimo três alianças.

A primeira aliança defendida por Brandão diz respeito aos revoltosos pequeno-burgueses, basicamente os membros do movimento tenentista, e a grande burguesia liberal, definida como os grandes industriais e comerciantes. A luta nessa etapa é direcionada contra o que chamou de “czarismo brasileiro” (basicamente representado pelo Partido Republicano, os coronéis e fazendeiros de café, o Estado agrário).

Na próxima etapa, a segunda aliança, é realizado um redirecionamento da política de alianças entre os proletários (urbanos e rurais) com os revoltos pequeno-burgueses, agora, contra os imperialistas, a grande burguesia em geral e os resquícios do que chamou de “feudalismo” (diga-se, os grandes proprietários rurais e coronéis regionalistas). Esta aliança já indicaria a ruptura da pequena-burguesia com a grande burguesia nacional e estrangeira, os maiores interessados na economia ruralista brasileira, e seria em si o início da etapa de transição da revolução democrática para a revolução proletária (BRANDÃO, 1985, p. 125).

E a terceira, mas não necessariamente a última etapa, a redução e estreitamento da estratégia de alianças entre o “proletariado urbano e rural com a fração verdadeiramente revolucionária dos pequeno-burgueses” (de outro modo, uma divisão interna dentro da pequena burguesia), conquistando, assim, “o poder, estabelecendo a república proletária” (BRANDÃO, 1985, p. 125). Independente de futuras novas situações, logo, das possíveis outras alianças que poderiam surgir, já que o próprio autor reconhece que a “variedade das combinações políticas é inesgotável”, o proletariado deveria estar sempre sendo organizado e dirigido pelo o partido que o representa, nesse caso o PCB (BRANDÃO, 1985, p. 125).

Novamente, Brandão defende a necessidade de manter certas condições de independência do proletariado e de seu partido em relação à pequena-burguesia, para não colocar o movimento operário a “reboque” ou mesmo de servir como “trampolim” para o sucesso de outros interesses, ou do surgimento pela fusão de operários e da pequena-burguesia de uma “terceira categoria social”. Brandão preconiza que “tudo isto é abstrato ou faria o jogo da grande burguesia”, e continua:

⁷⁵ Brandão menciona que a obra utilizada foi de uma edição francesa de 1924 traduzida como “A Moléstia Infantil” (BRANDÃO, 1985, p. 123). Nos referenciamos pelo título “Esquerdismo: a doença infantil do comunismo” da tradução brasileira, publicada pela Editora Expressão Popular.

“O que preconizamos é uma ação paralela de forças independentes, visando a um fim comum: a derrubada do inimigo comum. Uma frente única da qual o Núcleo de Defesa dos Direitos Constitucionais foi o embrião e demonstra a possibilidade” (BRANDÃO, 1985, p. 127). A aliança é uma estratégia e não um objetivo em si, o alvo é a conquista da hegemonia política do movimento operário nos meios disponíveis daquela conjuntura. Como exemplo concreto, Brandão menciona a atuação do jornal *A Nação*:

Para certos companheiros não precisamos de aliados. Para outros, devemos aliar-nos à pequena burguesia, como reboque; tal foi a atitude de “A Nação”, nos primeiros tempos, em 1927, enquanto nos últimos meses realizou o contrário: empurrou o proletariado para a hegemonia, como vimos nos meetings e nas greves contra a lei Aníbal de Toledo (BRANDÃO, 1985, p. 126).

Brandão criticou a posição do que chamou de “oportunismo de esquerda (anarquismo)”, para aqueles que repelem a política de aliança, e o que chamou de “oportunismo de direita (menchevismo)”, para os que aceitam se aliarem sob quaisquer condições. Os exemplos dados para essa crítica são, respectivamente, os casos de Coutinho e Leônidas, que “desertaram do Partido” (BRANDÃO, 1985, p. 127). A defesa de Brandão é basicamente em preparar o Partido para a possível e futura “terceira revolta”: “Não tomar atitude alguma seria um dos erros piores” (BRANDÃO, 1985, p. 127).

Citando Marx e Engels⁷⁶, no *Manifesto Comunista*, coloca que até o próprio Materialismo Histórico-Dialético considera que, em momentos específicos da luta de classes, o proletariado lute ao lado da burguesia quando esta “age revolucionariamente” contra os seus adversários em comum (BRANDÃO, 1985, p. 128). Brandão afirma a inevitabilidade das lutas futuras, a diferença entre fusão e a aliança proposta, e do papel da pequena-burguesia, logo, da necessidade de que o partido dos comunistas não tomasse uma postura sectária:

Não falseemos a realidade: conosco ou sem nós as massas oprimidas desesperadas pela miséria e pela opressão feudal e

⁷⁶ Brandão menciona o Manifesto do Partido Comunista em “tradução brasileira” em aspectos gerais e até a numeração de algumas páginas para se referir a ideias específicas que reforçam o seu argumento. Prática comum para os meios universitários, mas não em textos panfletários e artigos jornalísticos, o que mostra a tentativa de Brandão em reforçar a sua tese através de argumentos de autoridade ao citar os idealizadores do materialismo histórico-dialético.

cheias de esperança de um rastilho de liberdade, entrarão na batalha, ao lado dos revoltosos. E, nós, como vulgares oportunistas, seríamos vergonhosamente rebocados pela massa trabalhadora, quando o nosso dever é guia-la, não consentindo com uma fusão com os revoltosos e sim numa aliança de classe independente. Conosco ou sem nós, a massa trabalhadora entrará em batalha: eis uma das grandes lições da revolta de 1924, quando centenas, talvez milhares de operários iam pedir armas ao general Isidoro e este recuava espavorido do espectro do comunismo... (BRANDÃO, 1985, p. 128).

É mencionada uma afirmação de Lênin, citada por S. Guirinis, em “L’Internationale Syndicale Rouge” de outubro de 1927, em que o líder bolchevique teria defendido que o marxista é o primeiro a prever uma época revolucionária enquanto “os filisteus dormem o sono dos escravos devotados aos senhores” (BRANDÃO, 1985, p. 129). Ao citar Marx e Engels, novamente se baseando em *O Manifesto Comunista*, defende a revolução na Alemanha, e faz um paralelo com a situação brasileira:

Podemos 80 anos depois, parafrasear Marx e Engels: o Brasil se encontra em marcha para uma revolução democrática pequeno-burguesa e realizará essa revolução em condições mais avançadas da civilização mundial e com um proletariado mais desenvolvido que o da Inglaterra em 1688 e o da França em 1799. Por conseguinte a revolução democrática pequeno-burguesa do Brasil poderá ser o prelúdio da revolução proletária (BRANDÃO, 1985, p. 129).

É interessante que Brandão use a citação de Lenin para afirmar que a revolução democrática pequeno-burguesa seria previsível por um marxista, logo a sua própria previsão da época revolucionária o colocava em posição de alerta, mas também de autoridade. Nesse trecho de *O Manifesto*, acaba por escapar da exclusividade do paradigma russo. As próprias experiências revolucionárias da Alemanha, mas também das chamadas “revoluções burguesas” da Inglaterra e da França são colocadas como paradigmas. E em seguida faz uma nova paráfrase baseando-se em uma análise da China por Bukharin:

Parafraseando Bukharine, sobre a revolução chinesa, declaramos: A revolução democrática pequeno-burguesa do Brasil poderá ser uma revolução de libertação nacional, fazendo desaparecer o feudalismo e os restos da escravidão, extinguindo a dependência econômica e política, atacando a sujeição imperialista estrangeira, colocando o país em pé de igualdade com as potências burguesas. Efetuar-se-á num país semicolonial, lutando ao mesmo tempo

contra o feudalismo e o imperialismo coligados, realizando o nosso 1799, e uma revolução lembrando a chinesa antes da traição de 1927. Será tanto mais anti-imperialista quando melhor soubermos conquistar os revoltosos. Será na primeira etapa uma revolução pequeno-burguesa em que o proletariado irá transformando-se na verdadeira força motora (BRANDÃO, 1985, p. 130).

A necessidade da revolução democrático-pequeno burguesa se dá também como instrumento contra a dominação das potências imperialistas que impõem as condições de trabalho e produção de riqueza no Brasil. Não é somente um simples processo epistemológico de apropriação ou interpretação de Marx, Engels, Lenin e, até mesmo, Bukharin realizado por Brandão, mas uma tentativa de defesa sistemática comprobatória, ao citar as obras e até mesmo as páginas desses autores, de que os principais teóricos do socialismo (considerando as suas divergências) estariam em comum acordo quanto à etapa democrático-pequeno burguesa e à aliança com a pequena burguesia revoltosa.

Brandão justifica que a pequena-burguesia não é a mesma pequena-burguesia de 1919 e 1920, em que teria tido um papel contrarrevolucionário. Graças a processos de proletarização e revolucionarismo, a pequena-burguesia vai modificando o seu próprio perfil, assim como os exemplos de 1922 e 1924 defendidos em *Agrarismo e Industrialismo*. Porém, Brandão a todo instante atenta para a instabilidade ideológica da pequena-burguesia, e por essa razão não seria suficiente estar em aliança somente no campo ideológico, fazendo igualmente importante:

uma aliança orgânica dentro da qual o proletariado lutará pela hegemonia. O fio ideológico é fragilíssimo. Em condições semelhantes, facilmente a pequena burguesia revoltosa lançar-se-á nos braços da grande burguesia. Com a aliança ideológica e orgânica, essa viravolta não será fácil (BRANDÃO, 1985, p. 130).

É interessante que Brandão critique os limites da propaganda para conscientizar as massas proletárias, pois, estas manteriam as “ilusões pequeno-burguesa e manobrada por pequeno burgueses confucionistas”, é daí a necessidade de aproximação com a pequena burguesia como parte do processo para “educar” a massa proletária, “numa dupla frente única pelo cume e pela base, obrigando-os a desmascarar-se ou a tomar atitudes cada vez mais radicais” (BRANDÃO, 1985, p. 1930). E é citando, novamente, Lenin, que Brandão chama a

atenção para a tarefa do “chefe proletário” para mostrar as diferenças de classe, persuadir a pequena-burguesia, e colocar-se ao lado dos operários. Nessa citação de Lenin, Brandão dá uma nova conotação para a pequena-burguesia, antes praticamente reduzida aos tenentistas, acrescentado “com mais precisão: os camponeses mais pobres” (BRANDÃO, p. 131).

Mas a diferença entre a leitura de Lênin sobre a burguesia na Rússia para a situação da burguesia brasileira, segundo Brandão (1985, p. 131), é que esta última seria urbana enquanto a primeira é rural. Apesar disso, embora o foco da estratégia defendida não seja o campesinato, os trabalhadores rurais são em diversos momentos evocados, tanto em *Agrarismo e Industrialismo* quanto em *O Proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa*.

Há camaradas que dizem perdermos tempo com a revolução democrática pequeno-burguesa [...]. O melhor meio não é semear, pregando abstratamente, a revolução proletária, esperando que ela caia do céu. É ver o que no presente pode servir de veículo para ela. Ou como dizia Lênine: é preciso encontrar o anel particular da cadeia o qual permitirá a passagem para o anel seguinte...
[...] Se o proletariado mostrar-se indiferente, a grande burguesia abocanhará em dois tempos a revolução pequeno-burguesa. Talvez o nosso sacrifício seja grande. Mas não será maior que os sofrimentos por que temos passado e os martírios que ainda nos esperam à sombra dos agrários (BRANDÃO, 1985, p. 131).

Brandão utiliza-se do argumento da “Circular do Comitê Central” de março de 1850 (“Carlos Marx y la Internacional”, Madrid, 1923, p. 93), em que Marx teria preconizado que o partido deveria atuar tanto no campo da legalidade quanto da ilegalidade, de modo que o operariado brasileiro pudesse lutar ao lado dos pequeno-burgueses ao mesmo tempo se opor a estes através da construção de comitês operários, conduzindo a luta para uma “conclusão comunista” (BRANDÃO, 1985, p. 132). Novamente citando Lenin (em *Oeuvres Complètes*, Paris, tomo XX, página 204) e parafraseando a sua crítica ao trotskismo, Brandão afirma:

“O trotskismo declara: ‘Nenhum czar, um governo operário’. Está errado. A pequena burguesia existe, não é possível eliminá-la de nossos cálculos. Mas ela tem duas partes. Sua parte mais nobre marcha com a classe operária”.
Nós também dizíamos: A pequena burguesia existe. Sua parte mais pobre marcha para nós. Apenas a pequena burguesia na Rússia era o camponês e no Brasil o revoltoso de 1922 e 1924, proletarizado e radicalizado (BRANDÃO, 1985, p. 132).

Ao citar o texto *O que fazer?* De Lênin, Brandão defende que: “Só podem temer alianças temporárias, mesmo com elementos incertos, aqueles que não tem confiança em si próprios” (BRANDÃO, 1985, p. 132). E ressalva a importância dada por Lênin a burguesia dos países “coloniais e semicoloniais”, diferenciando os “países oprimidos e os opressores”, e continua (BRANDÃO, 1985, p. 132):

O C.C. e o C.C. E. do PC russo, numa resolução publicada na “Correspondance Internationale”, a 20 de agosto do ano passado, dizem: “a linha leninista que a IC tem aplicado considera necessário um acordo com a burguesia dos países coloniais e semicoloniais mas somente em etapas determinadas do desenvolvimento e em condições inteiramente determinadas”. E citam Lênine: “Qual a ideia mais importante, a ideia principal de nossas teses? A diferença entre os países oprimidos e os opressores”. É preciso que a IC conclua acordos provisórios, mesmo alianças com a democracia burguesa das colônias e dos países atrasados; entretanto não deve fundir-se com está e sim, pelo contrário, manter absolutamente a independência do movimento proletário, mesmo, em uma forma mais positiva”.

Brandão conclui defendendo que a aliança do proletariado e da pequena-burguesia revoltosa do Brasil era “rigorosamente marxista-leninista” (BRANDÃO, 1985, p. 132), uma estratégia que já havia sido defendida por Lênin e a IC, e, portanto, um caminho necessário para a “terceira revolta”, a síntese das revoltas de 1922 e 1924 que estava por vir em um futuro muito próximo. Zaidan Filho (1985, p. 49) diz que Astrojildo Pereira⁷⁷ defendeu as teses de Octavio Brandão naquela ocasião, de modo que esse artigo “conduziu, ainda em 1928, a um elenco de conclusões e propostas políticas sobre a conjuntura brasileira incrivelmente realista para a época em que foi elaborado” (ZAIDAN FILHO, 1985, p. 49).

No entanto, as teses de Brandão, e defendidas pelo grupo dirigente do PCB, serão alvo de duras críticas pelo Secretariado Sul-Americano da Internacional Comunista, sendo usado como justificativa para modificações importantes nas diretrizes que estavam sendo tomadas até aquele momento. A ruptura na elaboração teórico-política do PCB tem a ver com as mudanças na Comintern e na

⁷⁷ Está em: Astrojildo Pereira. “La política brasileña y la situación del partido”. In La Correspondencia Sudamericana, 15-30/09/1928.

URSS, principalmente depois do VI Congresso de 17 de julho a 11 de setembro de 1928. Nesse Congresso houve, pela primeira vez, uma seção especial referente à temática da América Latina e as estratégias a serem adotadas pelos seus respectivos PCs.

2. 3. Do auge ao fim do BOC e o exílio: Octavio Brandão e as mudanças no PCB e na Internacional (1927-1931).

Os sectários lerão pela centésima vez o “Manifesto”, de Marx e Engels, afirmarão a queda fatal do capitalismo e sairão bradando pelos “cafés”.

Octavio Brandão⁷⁸.

Em 1927, com o fim do estado de sítio (1922-1926), o Bloco Operário (BO) tem a sua primeira eleição vitoriosa com o deputado Azevedo Lima através da frente única proposta pelo PCB⁷⁹, apesar de que este começaria a agir de maneira independente gerando alguns conflitos nas diretrizes do bloco. No ano seguinte, agora transformado em Bloco Operário e Camponês (BOC), Octavio Brandão e Minervino de Oliveira são eleitos como intendentess para o Conselho Municipal do Rio de Janeiro. A criação do Bloco Operário e Camponês surgiu como uma resposta à demanda de uma “frente única” e à tentativa de articulação com outros setores como o tenentismo e a pequena burguesia.

Ao que parecia, a aproximação com Luís Carlos Prestes estava em pleno andamento. Também em 1927 foi formada a direção provisória da Juventude Comunista (JC) com João Celso, Manuel e Leôncio Basbaum, e tinham como objetivo principal propagandar as ideias bolcheviques e o socialismo nos diretórios acadêmicos e nas portas de fábricas, além da venda do jornal *A Classe Operária*.

⁷⁸ Ver em: BRANDÃO, 1985, p. 128.

⁷⁹ O CCE do PCB escreve uma carta aberta, publicada no jornal *A Nação* de 5 de janeiro de 1927, para os parlamentares que se identificavam com as lutas socialistas e a dos trabalhadores (tais como Maurício Lacerda, Azevedo Lima, Evaristo de Moraes, além de diversos outros centros e organizações de empregados e proletários), os convidando a se unirem em uma frente única eleitoral para que lançassem candidatos em comum com objetivo de que juntos vencessem o pleito. Além dos nomes citados, o artigo também convidava para a frente única o Partido Socialista, o Centro Político dos Operários do Distrito Federal, o Centro Político dos Chauffeurs, o Partido Unionista dos Empregados do Comércio, o Centro Político Proletário da Gávea, o Centro Político Proletário de Niterói (BERNARDES, 1995, p. 131).

A JC será oficializada na sede da UTG em agosto de 1928, lançando também o jornal *O Jovem Proletário* (BERNARDES, 1995, p. 129).

A através de Brandão, o seu principal fundador e organizador, o BOC terá uma forte participação na greve dos gráficos em 1929, em São Paulo, e crescerá muito rapidamente, chegando a contar com cerca de 60 Comitês em fábricas, sindicatos e bairros operários, reforçando a imagem de popularidade de Octavio nos meios operários do Rio de Janeiro e Niterói (BERNARDES, 1995, p. 133). Com o fechamento do jornal *A Nação* em agosto de 1927, devido à *lei acelerada*, o semanário *A Classe Operária* será reeditado, com o objetivo de propaganda do BOC. Nessa mesma época também foi criado o Comitê de Mulheres Trabalhadoras⁸⁰, sob influência do PCB, com Laura Brandão, Minervino de Oliveira, Joaquim Nepomuceno e Octavio Brandão como os seus fundadores.

Mas, apesar desses sucessos, no interior do partido, o BOC sofreu com prisões, a dissolução de comícios e a ação policial em diversas filiais espalhadas em cidades como Niterói, Rio de Janeiro, Santos, Ribeirão Preto, Sertãozinho, Catanduva, além dos Estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais (DULLES, 1977, p. 338). Além disso, começaram a surgir discordâncias em relação as eleições e a aproximação com a pequena-burguesia, tais como Joaquim Barbosa e Rodolfo Coutinho, aliando-se a eles Lívio Xavier, Aristides Lobo e Hilcar Leite (alguns destes futuros dissidentes trotskistas). Essas divergências tornavam-se cada vez mais complicadas pois tinham questões internas e externas a serem resolvidas, como a avaliação da situação nacional e a relação com a direção do PC da URSS e a IC (KONDER, 1988, pp. 162-163). Em relação ao desgaste externo, Konder (1988, p. 164) descreve que:

A direção da Internacional Comunista – já completamente hegemonizada pelo PC da União Soviética – previa uma nova crise do capitalismo e uma nova onda revolucionária no mundo. Ao longo dos anos 20, o movimento comunista vinha sofrendo um sério desgaste: de 1921 a 1928 – segundo Fernando Claudín -, o número de comunistas nos países capitalistas se reduziu à metade (de cerca de 900 mil ele baixou para uns 450 mil), ao passo que o

⁸⁰ Além de Laura Brandão, outras mulheres que integravam e militaram no Comitê de Mulheres Trabalhadoras foram: Maria Lopes, Isaura Nepomuceno, e a operária têxtil Rosa Bittencourt, que segundo teria dito Astrojildo Pereira, teria sido a primeira mulher brasileira a ingressar no PCB como militante oficialmente, logo após a fundação do partido em 1922. Rosa Bittencourt teria sido delegada no Congresso Mundial da Mulher na URSS em 1930 (BERNARDES, 1995, p. 133).

número dos social-democratas dobrou (de mais ou menos três milhões, se elevou a mais de seis milhões).

No final do ano de 1927, a IC decidiu romper e endurecer as relações com os social-democratas. No VI Congresso da IC, em julho de 1928, foi decidida a rejeição de quaisquer blocos e alianças entre o partido comunista e a posição nacional-reformista, de modo que essa nova política levou a uma colisão direta com os empreendimentos e estratégias adotadas pelos dirigentes do PCB de então, em especial Octavio Brandão. Para Zaidan Filho (1985, pp. 49-50), o interesse da Comintern pela América Latina foi devido ao contexto político internacional:

O interesse súbito da IC pela América Latina, que faz a sua “estreia” como delegação no VI Congresso, pode ser explicado, por um lado, pelo fracasso da insurreição de Cantão, comandada pelo Comintern, e, por outro lado, pelos problemas que ameaçavam colocar o declínio da Inglaterra em proveito dos EUA no que diz respeito à política imperialista na América Latina. Para os informes e resoluções do VI Congresso da IC, a atuação da delegação latino-americana, suas influências sobre o III Congresso do PCB e o grande *tournant* de 1929.

Para a Comintern, em 1930, era necessário que o PCB se preparasse para poder encabeçar a insurreição revolucionária das grandes massas”, pois acreditavam que haveria um “rápido amadurecimento da situação revolucionária” resultante da luta de classes agravada pela crise econômica, sobretudo “passível de explodir por ocasião das eleições presidenciais” (DULLES, 1977, p. 339).

Entre os dias 3 a 5 de novembro de 1929, após a realização do III Pleno do CCE do PCB, aconteceu o I Congresso do BOC em um casebre localizado entre Campo Grande e Guaratiba, organizado clandestinamente, pois o Conselho Municipal havia se recusado a ceder o prédio para a realização do evento. Nesse Congresso, houve uma modificação no nome, agora chamado de Bloco Operário Camponês do Brasil (BOCB), apesar de os seus próprios militantes e estudiosos do tema costumarem a se referir ao nome BOC até a sua extinção. Participaram pouco mais de 30 delegados que representavam 44 organizações associadas ao BOCB, de 12 Estados brasileiros (KAREPOVS, 2006, p. 140). O objetivo era de ajustar a orientação do BOCB as decisões do III Pleno do CCE do PCB, sobretudo ao que dizia respeito ao chamado “terceiro período”, ou “terceira revolta”, de modo que o BOCB e o PCB passaram a compartilhar a mesma plataforma e política.

Segundo Dainis Karepovs (2006, pp. 141 – 142), a principal diferença em relação a 1927, quando “fazia-se uma discussão política a respeito da importância da participação dos trabalhadores em um processo eleitoral e de fazê-la sob a forma de frente única”, é que agora o novo programa tinha um aspecto mais doutrinário, com o objetivo de angariar não somente mais votos para os seus candidatos, mas principalmente de “conquistar militantes para realizar a ‘revolução agrária e anti-imperialista’”. A respeito da continuidade com o programa de 1927 manteve-se a postura em relação ao imperialismo, o reconhecimento de jure da URSS, a defesa da anistia, a autonomia do Distrito Federal, e as leis de exceção e pautas relacionadas ao trabalho e educação⁸¹.

O que chama atenção é que não haviam se referido à formação de sovietes como forma organizativa, que era apresentada por outros PCs como alternativa ao legislativo, parecendo mais ou menos implícito que concordavam com a manutenção do Poder Legislativo, que para Karepovs (2006, p. 142) era comprovado no item referente à “legislação social, quando o programa apresentou a reivindicação do prosseguimento da tramitação do ‘Código do Trabalho’, então parado no Senado Federal”. O programa do BOC também contemplava pautas em relação aos militares, trabalhadores rurais e índios⁸². Sobre a classe média:

⁸¹ No programa haviam: a reivindicação de redução jornada para 7 horas por dia e redução da jornada semanal para 40 horas; a taxa dos impostos deveria ser organizada por classes, isentando o proletariado, redução de 50% dos impostos para a classe média, e aumento para proporcional da burguesia, e a extensão do imposto de renda para os grandes proprietários rurais; a extensão do direito de voto para os analfabetos (pela primeira vez na história da República brasileira), o direito do voto feminino, a ampliação do exercício do voto e cidadania, de modo a incorporar as grandes massas no processo eleitoral (mesmo que críticos e céticos em relação a eficácia do voto), e a redução de 21 para 18 anos de idade para o exercício do voto (KAREPOVS, 2006, pp. 143-144).

⁸² Para além da já política de alianças, o BOC passou a se preocupar em conquistar os militares para as fileiras dos comunistas brasileiros, de modo que o programa também servia de propaganda para se aproximar de militares, com pautas como: “alargamento radical dos insignificantes direitos atuais”, “supressão dos castigos físicos”, “aumento do soldo e melhoria do ‘rancho’ já eram indicativas da atuação dos comunistas entre os militares” (KAREPOVS, 2006, p. 144). Sobre a questão agrária e dos camponeses, apesar de estar contemplada no seu programa, ainda se registrava mais como “um desejo de ação do que propriamente o resultado de uma atuação e o acúmulo de experiência”, mostrando dados sobre a concentração da propriedade rural, críticas a elevação dos preços do café, a relação dos grandes fazendeiros com o imperialismo e sua consequente dependência econômica, além da defesa da “anulação de dívidas, confisco e nacionalização das terras, reforma agrária e ‘criação dos organismos armados dos operários agrícolas’” (KAREPOVS, 2006, p. 145). Já sobre os índios, o programa equiparava com a questão das “massas rurais em geral”, e reivindicavam o direito de “criar uma civilização própria, como está sucedendo na União Soviética” (KAREPOVS, 2006, p. 144). Sobre a Classe Média, tema tratado pelos comunistas desde 1925, colocavam-se como apoiadores dos tenentes “revoltosos de Copacabana, S. Paulo e Coluna Prestes”, apesar de criticarem os “desvios dos elementos direitistas” (KAREPOVS, 2006, p. 146).

Depois de afirmar-se que a classe média “rigorosamente não forma uma classe”, o programa do BOC dedica-se a descrever o perfil profissional de seus componentes (incluindo, obviamente, tenentes e capitães...) e a enfatizar o processo de proletarização a que estariam sendo submetidos. Como resultado dessa visão, o programa do BOCB destacou que a principal luta da classe média seria contra a classe capitalista, deixando subjacente a questão da aliança com o proletariado. Diante tal quadro, foram apresentadas reivindicações propondo redução de impostos e aluguéis e incentivos para a construção de casas para os membros da classe média⁸³ (KAREPOVS, 2006, p. 146).

Durante o I Congresso do BOC, agora BOCB, também foram escolhidas as próximas candidaturas, que deveriam ser oriundos da classe operária, optando por Minervino de Oliveira (marmorista) e Gastão Valetim Antunes (ferroviário), respectivamente para os cargos de presidente e vice. Também foram escolhidas a candidatura de Phenelon José Ribeiro (estivador) para senador, e Mário Grazzini (gráfico) e Paulo Lacerda (advogado e jornalista) para disputar o cargo de deputado federal. Foi permitido que as demais candidaturas fossem escolhidas pelos Estados, além de uma maior flexibilização em relação ao perfil social dos candidatos (KAREPOVS, 2006, p. 147).

Já em 1930 o BOCB também teria indicado para concorrer ao Senado Federal José Francisco da Silva (que já havia perdido as eleições em setembro de 1929 para a prefeitura de Niterói), além de Dutiviliano Ramos (operário gráfico) e Domingos Brás (tecelão) como representantes do Rio de Janeiro para o Congresso Federal, Aristides Lobo e Plínio de Melo (os dois ex-membros dirigentes do PCB) como candidatos, respectivamente, por São Paulo e pelo Rio Grande Sul para o Congresso Nacional (DULLES, 1977, p. 337).

Em 1929 o PRP lançava a candidatura de Júlio Prestes, candidato do então presidente Washington Luís, e a Ação Liberal lançava a candidatura de Getúlio Vargas, e devido ao teor social e trabalhista do seu Programa conquistou o apoio de parte significativa dos membros do PCB e do BOC (DULLES, 1977, p. 337). Segundo Leôncio Basbaum (1976, p. 78), a posição de neutralidade, ou melhor de

⁸³ O programa do BOCB ainda contemplava uma resposta a histórica acusação anticomunista em relação as apropriações, esclarecendo que não confiscaria as “casinhas dos subúrbios, o lote do camponês pobre, a lojinha, a quitandinha, a pequena oficina – as pequenas propriedades em geral – nem os objetos de uso pessoal, indispensáveis à manutenção e a reprodução”; e ainda expressavam que sua questão era em relação as casas dos grandes proprietários e as empresas imperialistas (KAREPOVS, 2006, p. 146).

omissão, de Luís Carlos Prestes teria favorecido a vitória da AL, além de sugerir que Prestes aceitava a candidatura de Vargas à presidência da República (BERNARDES, 1995, p. 145). Com as eleições de 1930, o BOCB teve um baixo coeficiente eleitoral, mesmo no Rio de Janeiro. Minervino de Oliveira recebeu 534 votos e seu candidato a vice 515 votos, já o candidato do BOCB ao Senado conquistou somente 629 votos (DULLES, 1977, p. 338). A derrota nas eleições fez com que os comunistas se dividissem sobre as expectativas e possibilidades, isto é, sobre as posições que poderiam ser tomadas, somadas às críticas de seus adversários trotskistas⁸⁴.

Apesar de toda a organização (estratégias, o programa etc.) do BOCB, em 1929, houveram muitas prisões e repressões policiais a manifestações e greves organizadas ou apoiadas pelos representantes do BOCB e do PCB, como a greve dos trabalhadores gráficos em São Paulo⁸⁵ (em que esteve presente Laura Brandão), além de outros comícios, passeatas e protestos. No dia 7 de outubro daquele ano, Octavio, Laura e Minervino foram presos por participarem de uma greve na fábrica de tecidos Barreto, em Niterói (BERNARDES, 1995, p. 142). Após a soltura destes e o fechamento da sede do BOC, o novo desafio era planejar o seu Primeiro Congresso nacional, em que foi aprovada o seu novo programa e escolhida os seus novos candidatos às eleições de 1930⁸⁶ (BERNARDES, 1995, p. 142). No entanto, o Congresso (que se encerrava como um comício) foi reprimido pela ação policial, além do fechamento do jornal *A Classe Operária* e ataques aos intendentos comunistas no Conselho. No fim de 1929 foi aprovado um projeto de lei que proibia a publicação dos intendentos comunistas nas páginas oficiais do Conselho Municipal, o Diário de Debates (BERNARDES, 1995, p. 144).

⁸⁴ Sobre as críticas trotskistas ao desempenho eleitoral do BOC, John W. Foster Dulles (1977, pp. 338-339) escreveu: “Quando *A Lucta de Classe*, o novo órgão trotskista brasileiro, analisou o resultado das eleições ponderou que, apesar da repressão policial, o PCB deveria ter desempenhado melhor figura no Distrito Federal, onde pelo menos 20000 dos 59478 que votaram nas eleições presidenciais seriam “genuinamente” operários. Segundo os dados do jornal, a maioria para presidente, no Distrito Federal, foi de 576 eleitores e, para deputado, 1181, i.e., dois por cento do eleitorado que compareceu às urnas. *A Lucta de Classe* atribuiu o fracasso eleitoral do PCB, no Distrito Federal, à política falsa de sua direção e à desorganização geral em todos os setores do partido”.

⁸⁵ Sobre o episódio que durou meses da greve dos trabalhadores gráficos em São Paulo e sua repercussão, além de outros protestos e manifestações no ano de 1929, ver em: BERNARDES, 1995, pp. 137-142.

⁸⁶ Os nomes dos candidatos do BOC para as próximas eleições eram: “para Presidente da República, o próprio Minervino, tendo como vice em sua chapa o ferroviário Gastão Valentin Antunes; para Senador, Fenelon José Ribeiro; para Deputados Federais, o advogado Paulo Lacerda e o gráfico Mário Grazini (BERNARDES, 1995, p. 143).

Quase ao mesmo tempo do III Pleno do PCB, entre os dias 22 de outubro a 5 de novembro de 1929, ocorriam diversas reuniões na IC sobre questão brasileira em que estavam presentes brasileiros, entre eles Astrojildo Pereira (que estava em Moscou desde 15 de abril, como membro suplente do CEIC, eleito no VI Congresso), além de membros do Secretariado Sul-Americano e convidados. Nessas reuniões, Astrojildo relatava a militância dos comunistas brasileiros em frente a conjuntura nacional, como as atividades do jornal *A Classe Operária*, o BOC, as relações com os sindicatos, as políticas de valorização do café e de estabilização monetárias do governo de Washington Luís, o processo de radicalização das massas, a aproximação com Prestes, a oscilação dos tenentistas entre o proletariado e a Aliança Liberal, e o crescimento da influência do PCB apesar de sua pouca introdução entre os meios camponeses.

Já naquele momento, os membros da IC não pouparam críticas. O letão Abraham Iakovlevitch Heifetz, conhecido por Guralski, reconhece o crescimento da importância do caso brasileiro para a IC, mas relaciona os erros do PCB com outros partidos latino-americanos, tais como a falta de clareza em relação a “revolução democrático-burguesa” e o papel dos PCs, pois, na sua interpretação, os partidos comunistas estavam a reboque e dependentes da pequena burguesia (KAREPOVS, 2006, pp. 148-149). O búlgaro Stoian Minev, chamado por Stepanov, líder soviético próximo de Stálin, defendeu uma intervenção mais dura e direta no PCB, chegando a citar, de maneira sarcástica, trechos dos artigos e ensaios de Brandão, que foi considerado como “teórico reconhecido do partido”, servindo de exemplo da posição secundária dos comunistas brasileiros em relação a pequena burguesia, dizendo ainda que deveriam centrar a sua atividade no PCB ou no BOC (KAREPOVS, 2006, pp. 50-151). Considerou que o PCB não era um verdadeiro partido comunista e sequer uma organização de massas, estando ainda em um “estado embrionário” e, além das falhas nas cidades, não tinha realizado a aproximação com os camponeses ou nenhuma organização ou sindicato de “operários agrícolas”, e que BOC servia somente para objetivos eleitorais e parlamentares, impedindo “de fazer a preparação política das massas para executar a revolução democrático-burguesa”, de modo a não “guiar a revolução, de obter a hegemonia do proletariado nessa revolução” (KAREPOVS, 2006, p. 150-151).

Outra crítica, um pouco mais ponderada e positiva, foi feita pelo suíço Jules Humbert-Droz, que reconheceu que houve desvios, mas que esses erros poderiam

ser corrigidos, além de defender que a toda ação política do PCB e do BOC lhes haviam servido como experiência política. No entanto, a posição de Humbert-Droz se devia ao fato dele ser oposição ao grupo de Stoian Minev (grupo stalinista majoritário, mas ainda não hegemônico), partidário da ala de Nikolai Bukharin. Para a ala bukharinista havia uma estabilidade relativa do capitalismo global que impedia a criação de situações favoráveis aos objetivos revolucionários, de modo que o Brasil não teria as condições necessárias para a tarefa imediata de tomada do poder (KAREPOVS, 2006, p. 152).

Heitor Ferreira Lima, simpatizante de Bukharin, alfaiate e estudante da Escola Leninista da IC, também se encontrava nessas reuniões em Moscou, chegou a intervir contrário a fala de Minev. Defendeu que os erros do PCB foram devido ao atraso e à falta de diretivas da IC, passíveis de correção, e que a crítica de Minev era “unilateral” e uma “terrível amálgama”, já que não haviam sido exigidas a prática das resoluções do X Pleno do CEIC nem para a Escola Leninista. Minev respondeu a crítica dizendo que o “camarada Silva” (Heitor Ferreira Lima) ainda era um aluno da Escola Leninista, e que deveria tomar a sério as críticas ao invés de defender uma “casa dificilmente defensável” (KAREPOVS, 2006, p. 153). Na reunião seguinte, no dia 27 de outubro, Lima pediu a palavra para se retratar, voltando atrás na sua posição enfática da última sessão. Isto se deveu ao fato, de que naquela altura, era de conhecimento que a facção de Stálin crescia progressivamente, o que de fato foi confirmado em meados de 1930 quando da eliminação de adversários (KAREPOVS, 2006, p. 152).

O italiano Ruggero Grieco, chamado também de Garlandi, responsável do Secretariado da América Latina da IC, também mencionou o caso brasileiro como exemplo para os demais países latino-americanos. Considerou um erro a organização de um bloco operário e camponês em qualquer país, defendendo que o protagonismo deve ser do proletariado a frente da revolução democrática-burguesa, sendo tarefa do proletariado a conquista da hegemonia dos meios de massas e populares. Propôs que a discussão deveria ser transformada em uma resolução com diretivas concretas aos brasileiros, com a tarefa de liquidar o Bloco após as eleições no Brasil e a criação de organizações camponesas. O documento com as diretivas foi discutido, escrito e aprovado em 5 de novembro de 1929. Não optaram pela dissolução do BOCB antes das eleições por considerarem que não poderiam perder a oportunidade de agitação política daquele contexto. No entanto,

um dos problemas dessas diretrizes é que não havia nenhuma orientação ou clareza na maneira como os camaradas brasileiros deveriam corresponder e as etapas necessárias para dissolução do bloco, de modo que a questão ficou “aberta” ou “livre” para a decisão dos dirigentes do PCB (KAREPOVS, 2006, p. 154).

O grupo dirigente do PCB estava submetido e debilitado ao ver o seu trabalho construído desde sua fundação sendo atacado por duras críticas pelos chefes da IC. Foi permitido ao fim das sessões o retorno de Astrojildo Pereira com a tarefa de implementar as “diretrizes”, de modo a preparar também o terreno para as mudanças impostas para que “não caíssem no Brasil como um raio em céu azul” (KAREPOVS, 2006, p. 156). Em Moscou, no início de 1930, o principal dirigente da IC e porta-voz do PC soviético na Comintern, Dimitri Manuilsky, instruiu os partidos comunistas a “romperem o cordão umbilical que os prendia à sociedade burguesa de classe” (DULLES, 1977, p. 340). Dessa maneira, a IC decide interferir e reorientar de maneira direta nos partidos filiados da América do Sul, principalmente com o objetivo de preparem os seus quadros para a próxima, e esperada, crise do capitalismo.

Segundo a ótica da IC, os partidos latino-americanos “encontravam-se na estaca zero do movimento revolucionário, ou a reboque, na esteira de outras classes, perdendo a sua individualidade” (BERNARDES, 1995, p. 146). Para Dimitri Manuilsky, a formação dos blocos operários e camponeses na América Latina colocava-os em uma posição de partidos “paralelos” aos partidos comunistas, além de sua colaboração disfarçada para a Coluna Prestes, suas consequências eram consideradas como uma “degeneração” e “desastrosas” (DULLES, 1977, p. 340).

Logo foi enviado o lituano August Guralski, comunista da “linha dura” e conhecido como “Rústico”, para ser o novo diretor responsável pelo Secretariado Sul-Americano (DULLES, 1977, p. 340). Guralski havia sido responsável por operações militares junto ao PC alemão, sua fama junto com a de Beka Kun era de serem “atrasados, primitivos, truculentos” (KONDER, 1988, p. 164). Para Guralski esta era uma grande oportunidade, pois este se encontrava em desgraça por ter sido considerado como um zinovievista pela direção stalinista, acusado de estar ao lado da oposição da então administração da URSS.

Astrojildo Pereira, que havia viajado para Moscou no início de 1929, retornava em janeiro de 1930 com a difícil missão de proletarizar ou “bolchevizar” o PCB, e entre as suas tarefas também estava a missão de reduzir em seus quadros

o número de intelectuais na direção do partido, o que levou, por exemplo, ao afastamento de Leôncio Basbaum do Comitê Central. É interessante destacar que a resolução com as diretrizes passou com aprovação pela comissão Política do Secretariado Político do CEIC em 8 de fevereiro de 1930, chegando ao Brasil somente após as eleições de 1º de março e tornada pública somente no dia 17 de abril, através da publicação em *A Classe Operária*. As resoluções foram discutidas e aprovadas pelo Presidium do Comitê Central do PCB, acatando como justas as críticas e assumindo os erros, como “incompreensão do caráter democrático-burguês da próxima etapa da revolução brasileira (revolução agrária e anti-imperialista)” (KAREPOVS, 2006, p. 156). Sobre o conteúdo do documento referente ao BOCB:

[...]reafirmou-se sua condição de “segundo partido operário que não faz uma política revolucionária consequente” e que substituiu o PCB. Embora não falasse expressamente em dissolução do BOCB, o documento propunha que o PCB deveria ser o “único” partido revolucionário, o que, nos meandros comunistas, deixava clara a decretação de sua extinção (KAREPOVS, 2006, p. 153).

Em abril, Astrojildo e Brandão foram até Buenos Aires para a conferência dos PCs latino-americanos, um conclave em que o Secretariado Sul-Americano da IC faria um exame crítico dos erros do PCB, pois, estes dois foram considerados oriundos da pequena burguesia e haviam cometido “desvios de direita” (DULLES, 1977, p. 340). A situação brasileira havia sido colocada em debate, com duras críticas as ideias defendidas por Brandão e sua militância junto ao BOC. Plínio Melo, que estava incumbido de apresentar um relatório sobre as atividades do PCB no Rio Grande do Sul, fez severas críticas à direção do CCE do PCB em que asseverou que cometiam o erro de fazer diversas concessões a pequena burguesia e por não se comportarem de maneira realmente marxista.

Brandão foi considerado o principal expoente teórico do PCB naquele momento e principal alvo das críticas. Durante duas semanas, Brandão foi obrigado a “ouvir 16 discursos críticos e difamatórios a sua pessoa”, acusado de ter pregado a “teoria da revolução democrática pequeno-burguesa”, além de sua orientação ser considerada como menchevista, antileninista e antimarxista por negar a “hegemonia do proletariado na revolução democrático-burguesa” (DULLES, 1977, p. 341). As resoluções do III Congresso do PCB foram tachadas pela Comintern como

“oportunistas” por cometerem o erro de se basear na “teoria da terceira revolta”, além de adaptar esta política, considerada como “seguidista”, do BOC (DULLES, 1977, p. 341). Mesmo antes do fim da conferência, o jornal *A Classe Operária*, de 17 de abril de 1930, publicava a *Resolução da Internacional Comunista Sobre a Questão Brasileira*, segundo a qual o PCB deveria se distanciar de quaisquer revoltas do tipo ocorridas pelos tenentistas em 1922 e 1924, de modo que deveriam evitar a influência de Luís Carlos Prestes (pois este era popular entre as massas), chamado de “*infiltração prestista*”. Octavio Brandão foi obrigado a fazer diversas autocríticas mesmo a contragosto:

Em Buenos Aires, Brandão demonstrou grande desgosto com a nova política de extrema-esquerda, que se opunha a aliança com os não-comunistas e propugnava uma revolução puramente comunista, com a instituição de conselhos e da ditadura do proletariado no Brasil. Viu-se sozinho nessa posição. Ameaçado de expulsão do Partido, acabou envolvido em dezenas de autocríticas e aceitando ideias em que não acreditava (DULLES, 1977, p. 341).

Enquanto Dimitri Manuisky e August Guralsky impunham as novas orientações aos partidos latino-americanos, Prestes que se encontrava em Buenos Aires havia tomado uma posição em relação aos caminhos que deveriam ser seguidos pelo movimento revolucionário brasileiro, pois não conseguia mais segurar a sua insatisfação com o programa da Aliança Liberal. Nessa ocasião escreve o famoso Manifesto de Maio⁸⁷, em que afirma a necessidade de mudança na orientação política devido ao “momento revolucionário brasileiro”, e acusa como “farsa eleitoral metódica e cuidadosamente preparada pelos politiquinhos” (PRESTES, 2019, p. 111). Considerou que os interesses populares estavam sendo “sacrificados” em nome de uma “campanha aparentemente democrática”, que nada mais era que sustentar “as duas causas da opressão política que vivemos e das crises econômicas sucessivas”, as duas causas que também são a base que sustenta economicamente os oligarcas nacionais: “a grande propriedade territorial e o imperialismo anglo-americano” (PRESTES, 2019, pp. 111-112). Prestes (2019, p. 112) acusa a AL por aproveitar do “profundo espírito revolucionário”, e continua:

Apesar de toda essa demagogia revolucionária e de dizerem os liberais que propugnam pela revogação das últimas leis de

⁸⁷ Originalmente o Manifesto de Maio foi publicado no *Diário da Noite*, em 29 de maio de 1930.

opressão, não houve, dentro da Aliança Liberal, quem protestasse contra a brutal perseguição política de que foram vítimas as associações proletárias de todo o país durante a última campanha eleitoral [...].

A tudo assistimos calados, sacrificando o prestígio moral da revolução, sempre crentes no milagre que seria a eventualidade de uma luta armada entre as duas correntes em choque, e que dessa luta entre os dois interesses pudesse talvez surgir a terceira corrente, aquela que viesse realmente satisfazer as grandes necessidades de um povo empobrecido, sacrificado e oprimido por meia dúzia de senhores, que, proprietários de terras e dos meios de produção, se julgam a elite capaz de dirigir um povo de analfabetos e desfibrados, na opinião deles e dos seus sociólogos de encomenda.

[...] A revolução brasileira não pode ser feita com o programa anódino da Aliança Liberal. Uma simples mudança de homens, um voto secreto, promessas de liberdade eleitoral, de honestidade administrativa, de respeito à Constituição e moeda estável e outras panaceias nada resolvem, nem podem de maneira alguma interessar à grande maioria da nossa população, sem o apoio da qual qualquer revolução que se faça terá o caráter de uma simples luta entre as oligarquias dominantes.

É interessante destacar que o artigo de Prestes tem diversas convergências com a interpretação de *Agrarismo e Industrialismo* de Octavio Brandão, principalmente no que diz respeito a descrição da conjuntura política e econômica brasileira. Ademais *O Manifesto de Maio* é anterior ao ensaio de Caio Prado Jr. *A Evolução Política do Brasil* de 1933. Apesar de usar a expressão “regime feudal da propriedade agrária” ou “regime de exploração semifeudal”, Prestes (2019, p. 113) também descreve como problemas nacionais: “a grande propriedade territorial e o imperialismo anglo-americano”, “latifúndio”, e a persistência de “um regime de semiescravidão e semisservidão”. Ele acrescenta que apesar dos investimentos estrangeiros no país contribuírem para o crescimento da produção e da vida econômica, as riquezas naturais e os produtos fabricados eram todos canalizados para o exterior, isto é, Prestes está falando sobre um mercado voltado para a exportação (antes de Caio Prado Jr.). Além das rendas do povo e dos empréstimos, os serviços públicos também dependiam do capital inglês e norte-americano, tais como os transportes e a indústria em geral, além de extensões territoriais que eram reservas de minério de ferro em Minas Gerais, partes do Amazonas e do Pará “onde talvez estariam os nossos depósitos petrolíferos” (PRESTES, 2019, p. 113).

Em uma entrevista em 11 de junho de 1930, Brandão disse, de maneira cuidadosamente preparada ao periódico *O Jornal*, que as palavras de Prestes no

seu manifesto eram as de um revoltoso pequeno-burguês que pretendia o impossível: “substituir o proletariado pela pequena burguesia, na direção da revolução agrária e anti-imperialista” (DULLES, 1977, p. 348). Na crítica do PCB, Prestes não havia manifestado sobre o essencial em seu manifesto, “a hegemonia do proletariado nessa próxima etapa da revolução brasileira”, de modo que o líder tenentista almejava um golpe militar onde se “serviria das massas laboriosas”, de modo que o resultado final seria “em proveito da burguesia brasileira e dos imperialistas” (DULLES, 1977, 349). Para Brandão o texto também não poderia ser considerado “comunista”, pois não mencionava o PCB, a URSS ou a IC em nenhum momento, nem tampouco Prestes poderia ser considerado o único dirigente do proletariado e das massas de trabalhadores. E já com sua opinião adaptada, Brandão censurou a fala de Prestes dizendo que não havia reconhecido que:

O Partido Comunista fora o único a ver com clareza a situação, o único a denunciar o papel contrarrevolucionário tanto dos conservadores como dos liberais, “dois grupos de surradores dos operários e lacaios dos agiotas de Londres e Nova Iorque”, o único a criticar o silêncio cúmplice da Coluna Prestes ante a “chantagem política” da Aliança Liberal, o único a desmascarar a demagogia de Maurício de Lacerda na hora em que o chefe da Coluna Prestes só se atrevia a criticar esse mistificador em cartas secretas como a de 22 de novembro, silenciando publicamente sobre a tapeação desse indivíduo que explorava a revolução brasileira, i. e., a parcela brasileira da revolução mundial, em benefício de sua candidatura a deputado.
[...] Brandão afirmou que a Coluna Prestes, “pequeno-burguesa”, seria incapaz de criar um governo baseado em sovietes ou conselhos de operários, camponeses, soldados e marinheiros. Criticou o manifesto por não acentuar que todo o poder deveria ser concentrado “exclusivamente nas mãos destes conselhos” e por não ressaltar a necessidade de se armar o proletariado e se desarmar a burguesia e os grandes proprietários (DULLES, 1977, p. 349).

Logo o PCB adotaria a “devoção extrema ao ‘obreirismo’”, segundo as diretrizes da conferência de Buenos Aires, em que deveriam dar os postos mais altos de sua direção aos seus integrantes “genuinamente operários (DULLES, 1977, p. 340). As consequências desta conferência foram muito duras para os então dirigentes do PCB, que foram destituídos da direção partidária e a dissolução do BOC (BERNARDES, 1995, p. 146). Ao final daquele ano, Guralski teria derrubado Astrojildo Pereira da direção do partido. Konder (1988, p. 165) afirma que:

Essa derrubada significava o fim de uma era: já não se tratava mais de procurar, embora canhestramente, interpretar a realidade brasileira à luz de um marxismo capaz de se renovar em contato com uma realidade singular, inédita; tratava-se de receber de fora um “marxismo-leninismo” codificado e aplica-lo ao Brasil de acordo com as instruções estritas do produto importado.

A literatura marxista encontrou uma grande dificuldade no início da década de 1930, já que o principal divulgador de Marx, Engels e Lenin no Brasil era o próprio PCB, e este se encontrava em uma crise interna e sob a pressão e interferência dos representantes latino-americanos da IC. Houve um crescimento da posição obreirista devido ao medo de uma aliança entre os trotskistas e o Prestismo e as novas orientações da direção stalinista da IC. Em um artigo na *Revista Comunista* dos meses de janeiro e fevereiro de 1931, os novos dirigentes do PCB faziam ataques aos trotskistas e a Prestes:

[...] os dirigentes comunistas denunciavam os “renegados agentes vendidos ao imperialismo ianque”, “o partido policial de Josias e Plínio”, acusando-o de estar acumpliciado com “os chefes do trotskismo brasileiro (Mário Pedrosa, Aristides Lobos e outros)”; indicavam Aristides Lobo como o “agente mais responsável de Prestes”; atribuíam a Prestes o objetivo principal de “combater o Partido Comunista, tratando de desagrega-lo por intermédio de seus agentes, ao mesmo tempo em que ele próprio se declara comunista para poder, com mais um argumento, melhor lutar contra o partido do proletariado”. E concluíam: “Não compreender esta jogada de Prestes e do préstimo é o maior perigo que paira sobre nosso partido” (KONDER, 1988, pp. 173-174).

Desde o VI Congresso da IC, em 1928, a consolidação do stalinismo na URSS e as novas diretrizes para os PCs, de intensificarem a política de proletarianização, o principal objetivo era de atrair os operários das indústrias e ensiná-los o “marxismo-leninismo”. Através dessa posição que ficou chamada de obreirista, os intelectuais e pequeno-burgueses, em tese, deveriam se submeter as orientações operárias. Mas, na prática, os intelectuais (entre eles Brandão e Astrojildo) e aliados pequeno-burgueses eram desprezados, ao ponto de serem orientados a modificar o seu comportamento e modo de vida para se aproximarem de um tipo “operário” (BERNARDES, 1995, p. 147).

Brandão mesmo tendo protestado com o que considerava ser um equívoco, não apenas obedeceu a nova linha imposta pelo Secretariado Sul-Americano, como

também precisou defender em público as novas mudanças. Algumas décadas mais tarde, em 26 de outubro de 1956, aos 60 anos de idade, Brandão escreveu um artigo intitulado “A política de Quadros”, publicado na Imprensa Popular⁸⁸, em que narra sua experiência na virada para década de 1930:

O Primeiro ostracismo. Fui relegado ao ostracismo político durante 5 ½ anos, de abril-maio de 1930 a janeiro de 1936. Fui golpeado por uma linha política e ideológica absolutamente falsa.

Em 1930-1934, o nosso P.C. atravessou um período trágico e terrível. Em 1930, em Buenos Aires, realizou-se uma desgraçada conferência dos P.C. Nela, o Birô Sul-americano da Internacional Comunista impôs ao nosso P.C. uma linha absolutamente falsa: a Revolução Soviética imediata. Por imposição do Birô, a Comissão Central Executiva, que dirigiu o nosso P.C. desde o nascimento, durante oito longos e duros anos, foi liquidada em cinco minutos. O PC ficou sem direção durante quinze anos.

Por ocasião da conferência de Buenos Aires, tentei resistir. Estava sozinho. Fui ameaçado de expulsão e relegado ao ostracismo. Tive de suportar 16 discursos de ataques, inclusive pessoais. Voltei ao Brasil. Tive de comparecer a mais de 50 reuniões, para fazer a “autocrítica” de erros imaginários, em lugar dos erros reais que cometi em 1924-1928 – a incompreensão do caráter da revolução, de suas forças motrizes e do papel dos camponeses. Fui preso mais uma vez e deportado do Brasil com Laura e três crianças.

Em Moscou, em 1931-1935, levei uma vida de contrastes. De um lado, vivi apaixonadamente a grandiosa realidade da revolução, acompanhei com entusiasmo o primeiro plano quinquenal, a construção dos fundamentos do socialismo, a industrialização, a coletivização da agricultura e a revolução cultural. Mas, de outro lado, em Moscou, em 1931-1935, vencido mas não convencido da linha de Revolução Soviética imediata, passei muita penúria e continuei no mesmo ostracismo trágico e injusto. Laura e as quatro crianças sofreram as consequências dolorosas.

Em janeiro de 1936, houve um ato de justiça política e moral. Terminou o ostracismo. Meu trabalho passou a ser aproveitado.

Após o retorno ao Rio de Janeiro, vindo do conclave realizado em Buenos Aires, no último dia de maio de 1930, Brandão tem o seu passaporte confiscado, e em junho a polícia invade a sua casa em busca de documentos. Dias depois, a polícia viria a encontrar uma mala de documentos na casa de um operário no morro do Catumbi, em que se encontravam livros, artigos, apontamentos pessoais e escritos de Brandão, além de fotografias e a correspondência com sua esposa (BERNARDES, 1995, p. 200). Laura Brandão tomou a iniciativa de tentar resgatar essa documentação reivindicando-as na polícia, e chegou a escrever uma carta

⁸⁸ Ver Anexo D.

publicada no *Diário de São Paulo* em 9 de agosto de 1930 onde fazia a sua denúncia:

Se o proletariado e os intelectuais do Brasil não protestarem, todas as obras literárias e científicas inéditas de Octavio Brandão serão destruídas por um auto de fé na Polícia Central. [...] Acostumada a ver nosso modesto lar invadido pelos agentes policiais que revolviam todos os papéis íntimos e carregavam documentos precisos... que durante anos rolaram por vários esconderijos... Há quase dois meses vou à Polícia Central ansiosa para reaver estas obras. Em vão! A polícia pretende destruí-las num auto de fé como já fez com outros trabalhos de meu companheiro... apelo para o povo, para os homens de cultura e, em particular para o proletariado, não permitirem que sob o pretexto de luta política, a polícia destrua obras literárias e científicas. Seria um crime contra a cultura permitir em silêncio a consumação deste monstruoso auto de fé (Laura Brandão apud BERNARDES, 1995, p. 150).

Mesmo com todas as iniciativas e protestos essa documentação não pode ser recuperada, e ainda a casa de Brandão vivia sob a vigilância da polícia. Em outubro foi preso à meia-noite em seu domicílio e levado para a Casa de Detenção, à rua Frei Caneca, permanecendo lá durante 21 dias, até que a Polícia Central foi invadida por “trabalhadores militantes e simpatizantes do PCB”, o que possibilitou a libertação de Brandão (BERNARDES, 1995, p. 151). No dia seguinte, em um comício na Praça Mauá contra a Aliança Liberal e Getúlio Vargas, Brandão, que discursava na ocasião, foi preso novamente juntamente com Minervino de Oliveira, e levados para a famosa “geladeira” da Casa de Detenção. Após ter retornado de uma transferência ao hospital por ter ficado doente, Brandão fica preso durante 105 dias, saindo somente em fevereiro de 1931⁸⁹ (BERNARDES, 1995, p. 151).

Apesar de livre no início de 1931, Brandão encontrava-se sem emprego e sem o mandato de intendente. Foi-lhe dada a tarefa de reeditar *A Classe Operária* que estava suspenso desde 1929. Nesse mesmo período, Laura havia sido presa junto com as suas três filhas após um passeio. O objetivo de sua prisão era de

⁸⁹ Laura Brandão denunciou contra as arbitrariedades cometidas pela polícia no Jornal do Brasil em 6 de dezembro de 1930: “Após 62 dias na Casa de Correção e no Pavilhão dos Criminosos Primários, na Detenção, o meu esposo, o escritor e proletário Octavio Brandão, continua sem processo, sem acusação, sem ter sido interrogado pelas autoridades [...] de todas as suas 14 prisões a do dia 25 foi a mais brutal. Metido num cubículo, a saúde abalada por anos de lutas e perseguições, sem sol, sob a friagem, no mais profundo isolamento adoeceu gravemente... Transferido pelo atual diretor para uma saleta, melhorou, mas não se restabeleceu. Reivindico, mais uma vez, do chefe de polícia a transferência de Octavio Brandão para um quartel” (Laura Brandão apud BERNARDES, 1995, p. 152).

interroga-la sobre o paradeiro de Brandão, mas nem Laura ou suas filhas sabiam onde ele se encontrava. João Domingos Silva, um operário simpatizante do PCB, recebeu 600 mil réis por entregar o esconderijo de Brandão, que estava na redação do jornal, sendo preso em 23 de abril de 1931 (BERNARDES, 1995, p. 154).

Já liberada, Laura e as três filhas foram visitar Brandão que estava preso, mas a polícia permitiu somente que as crianças pudessem falar com o pai. Laura já habituada a circunstâncias parecidas, estrategicamente, entregou um bilhete escondido, com uma mensagem de apoio e consolo, nas mãos de sua filha Vólia para ser entregue a Octavio (BERNARDES, 1995, p. 155). Durante sua prisão, Laura militou para que Brandão não fosse deportado para a Colônia Correcional de Dois Rios, na Ilha Grande. Ela escreveu para o Correio da Manhã em 17 de maio de 1931:

Solto, o meu esposo não pode voltar a trabalhar, porque as perseguições recomeçaram e ele teve que viver escondido por quase dois meses [...] Preso novamente ele e mais vinte e cinco companheiro estão numa lista da secretaria da Detenção para serem deportados para a Colônia Correcional de Dois Rio como se fossem criminosos. Ali serão surrados, como já o foram seus companheiros José Maria e Manoel Soares. Esposa e mãe, protesto contra esta selvageria e reivindico a liberdade de meu marido cujo pretendo crime é ser um homem de ideal. Protesto igualmente contra os espões que a polícia põe no meu encalço, bloqueando-me a casa dia e noite (Laura Brandão apud BERNARDES, 1995, p. 156).

Apesar da luta de Laura Brandão, e das sugestões de Octavio Brandão para que fosse transferido para Alagoas ou algum país da América Latina, o governo decidiu-se por deportá-lo para a Alemanha, em Bremen. As crianças Sáttva (9 anos), Vólia (8 anos) e Dionysa (5 anos) e sua mãe seriam deportadas juntamente com Brandão. Na tarde de 18 de junho de 1931, cercados pela polícia, a família é reunida no cais, em frente ao navio Weser que os levaria para a Europa (BRANDÃO, 1995, p. 157).

Capítulo 3 - A Memória e a Historiografia sobre Octavio Brandão.

A história, com tudo o que desde o início ela tem de extemporâneo, sofrido, malogrado, se exprime num rosto – não numa caveira.

Walter Benjamin.

Alguns dados. Nem todos. Sem conclusões. Para quem me aceita são inúteis ambos. Os curiosos terão prazer em descobrir minhas conclusões, confrontando obra e dados. Para quem me rejeita trabalho perdido explicar o que, antes de ler, já não aceitou.

Mário de Andrade⁹⁰.

O objetivo deste capítulo é demonstrar as mudanças de significado e as leituras realizadas sobre o papel e o legado de Octavio Brandão, não apenas pelos camaradas de seus *combates e batalhas*, mas também pelos seus críticos e pelo meio acadêmico universitário. Desse modo, pretendemos demonstrar diversos indícios que explicam o ostracismo político em que se encontrou a memória da trajetória política e da produção intelectual de Brandão. Defendemos que a pouca atenção dada para o autor de *Canais e Lagoas* e de *Agrarismo e Industrialismo* pode ser lida como uma expressão política de seleção e construção da memória, que excluiu um sujeito histórico, como objeto de pesquisa ou como uma fonte de informações, e que contribui com outra perspectiva sobre a história do movimento operário e das ideias marxistas no Brasil.

Assim sendo, serão apresentados três tópicos: o desenvolvimento da historiografia da classe operária no Brasil e o lugar que Octavio Brandão ocupou; os indícios documentais e bibliográficos que demonstram o ostracismo que ficou relegado à memória da trajetória política e da produção intelectual de Brandão; e, por último, o debate historiográfico sobre as dificuldades e possibilidades de se escrever a história dos comunistas. Desse modo, mostraremos os espaços em aberto nas pesquisas acadêmicas e suas possibilidades a partir do alagoano e comunista Octavio Brandão.

90 Ver em ANDRADE, Mário de. Prefácio Interessantíssimo. In *Pauliceia Desvairada*. 1 ed. Barueri: Ciranda Cultural, 2016, p. 5.

3.1. A historiografia da classe operária no Brasil e o lugar de Octavio Brandão: apontamentos sobre as pesquisas acadêmicas.

Apresentamos agora uma síntese da trajetória da historiografia da classe operária no Brasil. Focamos nas produções que privilegiaram o recorte cronológico da Primeira República, de modo que relacionamos o desenvolvimento dessa historiografia com o lugar de Octávio Brandão nas produções acadêmicas, analisando o papel e a importância que foram atribuídas a sua militância política e sua produção intelectual.

Adotamos aqui a periodização do desenvolvimento da historiografia da classe operária no Brasil proposta por Cláudio Batalha⁹¹ (2001), de modo a descrever as principais tendências, temas, abordagens e fontes nesse campo de pesquisa. A historiografia da classe operária no Brasil pode ser dividida em cinco períodos: (a) a produção militante; (b) as sínteses sociológicas; (c) os brasilianistas e o início da historiografia acadêmica do movimento operário; (d) a produção dos anos 1980, de sua ampliação, fragmentação e crise; e, por último, (e) as perspectivas para os impasses e novas tendências de pesquisa.

A produção militante tem como características gerais: o estilo de escrita “hagiográfico”; o objetivo de dar legitimidade às organizações, indivíduos e às políticas sociais defendidas pelas organizações do movimento operário; a construção de uma cronologia baseada em episódios importantes para a classe e o movimento operário; além de uma concepção teleológica própria de seu desenvolvimento histórico (BATALHA, 2001, p. 147). Tanto no Brasil como em outros países, os primeiros escritos sobre a classe operária foram elaborados por

91 As linhas gerais da historiografia da classe operária a partir de obras que servem de exemplos das principais tendências das décadas 1920 e 1930 até 1980 são tratadas por Claudio Batalha em artigo publicado em 1998. O artigo “Os desafios atuais da História do Trabalho” (2006) complementa as informações do primeiro, mas, principalmente, mostra uma mudança no olhar do autor sobre as suas conclusões de 1998, permanecendo intactos os exemplos dados por ele sobre o desenvolvimento da historiografia da classe operária e sua periodização, mesmo que no segundo artigo o enfoque seja a história do trabalho (e nesse sentido mais geral, englobando a temática da classe operária). Sobre isso, ele diz: “Tenho que carregar o peso de ter produzido um texto que buscava estabelecer a trajetória percorrida pela história do trabalho no Brasil, mas que terminava com um balanço extremamente pessimista da situação então vivida nesses estudos (BATALHA, 1998). Escrito em meados dos anos 1990, o artigo refletia a crise nesse campo, ressaltada em todas as análises daqueles anos. Se hoje não tenho maiores reparos a fazer à avaliação que realizei da trajetória percorrida pela história do trabalho no Brasil, das várias fases que marcaram esse percurso, no que diz respeito ao estado atual dos estudos na área, o texto é evidentemente datado e não reflete a mudança da situação ocorrida nos últimos anos do século passado (BATALHA, 2002) e nos primeiros anos do século XXI” (BATALHA, 2006, p. 88).

indivíduos militantes e integrantes da classe operária, podendo ter sido produzidos tanto por sindicalistas, como também por jornalistas, advogados, ou por simpatizantes oriundos de outras categorias profissionais (BATALHA, 2001, p. 146). Octavio Brandão, por exemplo, era farmacêutico por formação profissional (embora tenha se ocupado na maior parte da vida como escritor e jornalista), Leôncio Basbaum (1907-1969), também militante do PCB, era formado em medicina, e Astrojildo Pereira (1890-1965) atuava como jornalista e crítico literário.

Claudio Batalha acrescenta à produção militante diversos formatos de documentos, como relatórios, folhetos, periódicos, além de outros tipos de publicações oficiais ou semioficiais. Batalha (2001, p. 146-147) cita como exemplo: os artigos “Apontamentos de direito operário”, de 1905, de Evaristo de Moraes, publicado no *Correio da Manhã*; os relatórios encaminhados ao Segundo Congresso Operário Brasileiro, de 1913, e publicados na *Voz do Trabalhador*; os folhetos da União dos Operários em Construção Civil, de 1919, do Rio de Janeiro; e as publicações de Barbosa, de 1908, e de Assistência Pública e Privada no Rio de Janeiro (pela Prefeitura do Distrito Federal, em 1920).

Entre as décadas de 1950 e 1960, a produção militante continua a ser produzida, mas aumenta a preocupação com o teor historiográfico. Durante esse período, esse tipo de produção assumirá novas formas: efemérides, histórias “corte” ou “inaugurais” e memórias. As *efemérides* baseiam-se nos principais fatos cronológicos do movimento operário e de suas organizações representativas, tais como: “greves, congressos, lançamentos de publicações, fundações de associações e partidos” (BATALHA, 2001, p. 147). O exemplo desse tipo de história militante, dado por Cláudio Batalha, é o de Hermínio Linhares⁹², publicado originalmente em 1955.

Já as histórias “corte” ou “inaugurais” incluem principalmente aquelas vinculadas ao Partido Comunista e teriam como característica principal a divisão da história da classe e do movimento operário em antes e depois de 1922, isto é, do ano da fundação de sua agremiação. O período posterior a 1922 seria então um “momento de corte, inaugurador de uma nova etapa na vida da classe”. Os textos

92 Ver mais em: LINHARES, Hermínio. *Contribuição à história das lutas operárias no Brasil*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.

de Astrojildo Pereira⁹³ e Jover Telles⁹⁴, os dois de 1962, são exemplos desse tipo de produção (BATALHA, 2001, p. 147).

E a última forma da produção militante são as memórias. O fato de essa forma de se escrever a história militante ter sido feita por não acadêmicos dificulta a delimitação do período do seu surgimento. Esse tipo de obra manteve uma certa constância para ser publicada, demonstrando um interesse das editoras por esse gênero, ainda que por editoras pequenas e médias, além de permanecer, de modo geral, “incólume as modas literárias e acadêmicas” (BATALHA, 2001, p. 147). Também há alguns exemplos de obras que extrapolam a década de 1960, como a de Edgar Rodrigues⁹⁵, José Antonio Segatto⁹⁶, Sodré⁹⁷ e Eder Sader⁹⁸.

Dos exemplos citados acima, Astrojildo Pereira ganha um destaque com a coletânea de artigos escritos entre 1947 e 1961, e publicados em formato de livro intitulado *A Formação do PCB* (PEREIRA, 1962). Nessa coletânea, Astrojildo descreve os principais acontecimentos que antecederam a fundação do PCB até o terceiro congresso do partido, realizado entre 29 de dezembro de 1928 e 4 de janeiro de 1929 (BATALHA, 2001, p. 148). Nela, se encontra a concepção que a fundação do PCB, em 1922, seria um evento inaugural na história operária brasileira, uma nova etapa de amadurecimento na construção das estratégias, ideologia e organização do movimento operário. Batalha faz uma dura crítica a essa coletânea:

Há uma dimensão fortemente anacrônica nessa obra, uma vez que as críticas de Astrojildo Pereira à política do PC naqueles anos são sempre formuladas do ponto de vista da política vigente no partido à época em que os artigos foram escritos, ou seja, com uma distância de mais de vinte anos (BATALHA, 2001, p. 148).

93 Ver mais em: PEREIRA, Astrojildo. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1962.

94 Ver mais em: TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

95 Ver mais em: RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e Sindicalismo no Brasil (1913-1922)*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1972. RODRIGUES, Edgar. *Novos Rumos: história do movimento operário e das lutas sociais no Brasil 1922-1946*. Rio de Janeiro: Mundo Livre, s.d. RODRIGUES, Edgar. *Alvorada operária: os congressos operários no Brasil*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

96 Ver mais: SEGATTO, José Antonio. *Breve história do PCB*. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

97 Ver mais em: SODRÉ, Nelson Werneck. *Contribuição à história do PCB*. SP: Global, 1984

98 Ver mais em: SADER, Eder et al. *Introdução a uma história do movimento operário brasileiro no século XX*. Belo Horizonte: Veja, 1980.

Nessa crítica, Batalha desconsidera o fato de que a preocupação com a prática da análise temporal e histórica, apesar de ser um ponto chave e reivindicado pelas tradições marxistas, não é algo essencial para a prática militante, sobretudo daqueles que não são vinculadas às instituições e tradições acadêmicas. E, ainda, poderíamos nos perguntar sobre a crítica de Batalha, agora sim, sob a perspectiva da crítica histórica: qual crítica, feita em qualquer período histórico, não está sob as circunstâncias e o ponto de vista da política vigente de sua época de criação?

Sena Júnior (2017, p. 182) chama a atenção para o fato de que não há uma história-tradição dentro do PCB, isto é, não há uma história oficial e institucional-partidária, não há uma história única dentro do próprio partido. O que de fato existe são relatos de experiências particulares, memórias, autobiografias, escritas de si e esparsas tentativas de histórias-síntese do partido, como por exemplo, os textos de Octavio Brandão, Astrojildo Pereira, Everardo Dias, Leoncio Basbaum, Heitor Ferreira Lima, Gregório Bezerra, entre tantos outros.

Astrojildo Pereira não se empolgou com a perspectiva de escrever uma história do PCB. Mesmo tendo escrito textos-síntese sobre o partido e o movimento operário, Astrojildo acreditava que as condições adversas, os longos períodos de ilegalidade e a perda e prisão de documentos colocavam os comunistas em uma posição em que o melhor seria aguardar que se elaborassem monografias sobre períodos específicos, além de coletâneas de documentos, depoimentos pessoais, memórias e reportagens (SENA JÚNIOR, 2017). Assim, uma das dificuldades de pesquisa é que, apesar de os comunistas terem consciência da preservação de documentos e da importância da escrita de artigos e pequenas monografias sobre a sua história, não tomaram uma iniciativa mais ousada de promover pesquisas mais profundas ou mesmo um texto oficial sobre a história dos comunistas brasileiros.

Marly Gomes Vianna (2012) aponta que uma comissão chegou a ser criada, em 1960, pelo Comitê Central do PCB, responsável por escrever uma história do partido, mas que não obteve os resultados almejados. Essa comissão era composta por Astrojildo Pereira, Mário Alves, Apolônio de Carvalho, Renato Guimarães e a própria Marly Vianna (2012, p. 18). Esse episódio reforça a ideia de não haver uma história oficial sobre o PCB e os seus militantes e intelectuais.

Senna Júnior (2017, p. 187) sustenta que muitas dessas leituras se assemelham à postura de Georges Haupt, que “aponta para as mazelas de uma

historiografia utilitarista que só funciona como instrumento de legitimação e autolegitimação da memória e do presente”, nomeando esse tipo de produção como uma “história-tradição”. No entanto, se desconsiderarmos o caráter militante ou das preferências políticas de um autor, ainda poderíamos nos indagar: é possível uma história isenta? Mesmo uma historiografia produzida por profissionais acadêmicos, ou mesmo pela oposição de uma determinada posição política, a tornaria uma pesquisa menos militante? E o simples fato de que uma história dos comunistas, ou demais correntes de esquerda, e seus partidos e movimentos ser objeto de pesquisa, porventura, seria um indício de que essa historiografia é militante?

Não pretendemos aqui discutir sobre questões relativas à epistemologia e objetividade da pesquisa, ou sobre a dimensão ética do trabalho do historiador, mas queremos compartilhar e destacar a afirmação de Senna Júnior:

A se crer no caminho dos debates em torno de temas como a Revolução Russa ou outros [...], não se pode acreditar em nenhum tipo de isenção dos historiadores, sejam eles marxistas ou não, militantes de um partido, ou meros profissionais da academia; sejam comunistas, trostkistas, anarquistas ou socialistas, todos falam de um lugar específico; todos esgrimem discursos que comportam abordagens investidas de algum tipo de militância e partidarismo. Todavia, não fazem necessariamente pior ciência porque trabalham com temáticas mais quentes e eivadas de polêmicas, cujos problemas permanecem insolúveis, e nem mesmo quando professam alguma posição política e até mesmo partidária. São de militantes boa parte dos escritos que pioneiramente abordaram os partidos e as revoluções, que nem por isso tiveram menor importância, pois os critérios para aferir a validade de uma obra não devem partir, a priori, dos compromissos assumidos pelo historiador (SENNA JÚNIOR, 2017, p. 181).

Apesar da crítica direcionada à coletânea de Astrojildo, e de apontar as limitações da produção militante da história operária (como o estilo hagiográfico e uma idealização do movimento operário e do PCB), Batalha reconhece os méritos dessa forma de escrita da história. Aponta como principais qualidades da produção militante o ineditismo e o pioneirismo em escrever a história da “classe operária em uma época na qual só havia espaço para o estudo das classes dominantes” (BATALHA, 2001, p. 149). Consideramos que esses fatores, o pioneirismo e ineditismo, já são, por si mesmos, relevantes fontes de informação, assim como consideramos as produções de Octavio Brandão, em especial o ensaio *Agrarismo e Industrialismo*.

O segundo período em que se escreveu a história operária é o das *sínteses sociológicas*⁹⁹ da década de 1960. Essa tradição foi praticada por sociólogos e cientistas políticos que tinham como objetivo elaborar grandes sínteses e teorias explicativas do movimento operário e de suas opções ideológicas. Nesse período, foram elaboradas as principais teses que se solidificaram nas interpretações acadêmicas das décadas posteriores, tais como: a origem estrangeira da classe operária brasileira e sua relação com o anarquismo, além da hegemonia do anarquismo no movimento operário e sindical durante a Primeira República (BATALHA, 2001, p. 148). Nessa época, também houve uma forte tendência, oriunda dessa tradição, em generalizar a nível nacional o resultado das interpretações e análises feitas a partir do caso paulista (BATALHA, 2001, p. 150).

Nas sínteses sociológicas, não há grande relevância dada às memórias e à história individual das trajetórias militantes, logo, não houve nenhum estudo em particular que tomasse a obra e as ideias de Brandão como um objeto de análise específico. Esse é um período em que a memória e a importância de Brandão não obtiveram destaque, permanecendo a sua trajetória e militância no ostracismo na história do movimento operário e comunista. A conjuntura do pós-Estado Novo contribuiu para um cenário de descrédito de obras e intelectuais anteriores à década de 1940.

Angela de Castro Gomes explica a posição política do desinteresse dos acadêmicos dos anos 1950 e 1960 em considerar os pensadores anteriores à década de 1940:

[..]somava-se um descrédito, alimentado durante os anos 1950 e início dos 60, em especial por intelectuais de esquerda, pelos autores e obras produzidas ao longo das décadas de 1920, 30 e 40 e, que sem dúvida, vinculavam-se à experiência estadonovista. Tais pensadores, classificados como racistas e reacionários, tinham o valor intelectual de sua produção comprometido a priori, devendo ser renegados, a despeito de suas óbvias contribuições para a implementação de políticas públicas que continuavam tendo vigência, como era o caso da legislação trabalhista e sindical. No rastro deste desprezo, ignoravam-se também intelectuais do século

99 Podemos apontar algumas das principais obras e autores de sínteses sociológicas, tais como: os artigos de Juarez Brandão Lopes publicados no livro *Sociedade Industrial no Brasil*, em 1964; o artigo de Fernando Henrique Cardoso, *Situação e Composição Social do Proletariado Brasileiro*, de 1961; Leôncio Martins Rodrigues com *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, de 1966; José Albertino Rodrigues com *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*, de 1968; Aziz Simão com *Sindicato e Estado – Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*, de 1966 (BATALHA, 2001, p. 148-150).

XIX, que haviam produzido reflexões sobre a organização político-institucional do país, como José de Alencar e Tavares Bastos. Liberais e autoritários não escapavam de uma desconfiança política básica, que acaba por impedir um trabalho de história intelectual: análise de obras e sua contextualização social; análise de trajetórias de autores individualmente ou não, com seus referentes organizacionais (escolas, revistas, academias); análise da formação de tradições de pensamento político e sua divulgação para um público amplo (GOMES, 1996, p. 77-78).

O terceiro período é relativo ao desenvolvimento da história operária a partir dos brasilianistas e o início da historiografia acadêmica brasileira sobre o tema durante a década de 1970. Os *brasilianistas* é como ficaram conhecidos os acadêmicos estadunidenses especializados no Brasil, tais como: Michael Hall¹⁰⁰, J. W. F. Dulles¹⁰¹, Michael L. Conniff¹⁰² e Eileen Keremitsis¹⁰³. Esses autores tiveram uma contribuição decisiva para a maneira de se produzir e olhar a história da classe operária. Menos preocupados em elaborar grandes interpretações teóricas (como havia se ocupado grande parte da sociologia brasileira), os brasilianistas inovaram com grandes coletas de dados e documentos, pesquisas com fontes primárias, principalmente relativas à imprensa operária (BATALHA, 2001, p. 150). Alguns desses brasilianistas escreveram:

O início da classe operária brasileira e do movimento operário foi raramente estudado por acadêmicos e, com a exceção em parte do trabalho de Azis Simão, a literatura existente não foi baseada na pesquisa de jornais do movimento e de publicações do período (GORDON, HALL, SPALDING, 1973, p. 29 apud BATALHA, 2001, p. 150-151).

Os primeiros historiadores brasileiros¹⁰⁴ a se preocuparem, academicamente, com métodos e abordagens típicos do campo da pesquisa

100 Ver mais em: HALL, Michael M. *The Origins of Mass Immigration in Brazil, 1971-1914*. Tese PhD. Nova York: Columbia University, 1969. (Mimeo).

101 Ver mais em: DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

102 Ver mais em: CONNIF, Michael L. *Rio de Janeiro during the Grand Depression (1928-1930)*. Tese PhD. Stanford University, 1976.

103 Ver mais em: KEREMITSIS, Eileen. *The Early Industrial Worker in Rio de Janeiro (1870-1930)*. Tese PhD. Nova York: Columbia University, 1982. (Mimeo).

104 São apontados por Batalha (2001, p. 151): Maria Cecília Baeta Neves com o artigo “Greve dos Sapateiros de 1906”; Boris Fausto e o seu *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*; Luiz Werneck Vianna com o artigo “Estudos sobre sindicalismo e movimento operário” e o livro *Liberalismo e Sindicato no Brasil*; as dissertações de mestrado de Lúcia Maria Osório Silva, *Movimento Sindical Operário na Primeira República*, e Sílvia Ingrid Lang Magnani, *O movimento anarquista em São Paulo (1906-1917)*, e Maria Nazareth Ferreira, *A imprensa operária no Brasil*.

histórica da classe operária se aproximam da produção brasilianista. O interesse tardio sobre a temática da classe operária pelos historiadores brasileiros, em relação ao pioneirismo dos brasilianistas, deve-se à conjuntura política e social do Brasil sob o regime militar (BATALHA, 2001, p. 152). Algumas medidas da ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1985), como os “atestados ideológicos” e os serviços internos de informação e espionagem em várias universidades, contribuíram para empecilhar as pesquisas, além de levar os pesquisadores à autocensura (BATALHA, 2001, p. 152).

No entanto, já nas décadas de 1970 e 1980 são organizados os principais centros de documentação voltados para a história operária. Por exemplo: o Arquivo Edgard Leuenroth, em 1974; o Archivio Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB), em 1977, criado em Milão junto à Fundação Giangiacomo Feltrinelli; e o Centro de Memória Sindical, em 1980, em São Paulo. Também a coleção Max Nettlau do Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis (Instituto Internacional de História Social) de Amsterdã, que já eram consultados pelos pesquisadores brasilianistas (BATALHA, 2001, p. 151). Mais tarde, o ASMOB vem para o Brasil e se junta ao Centro Mario Pedrosa (CEMAP) e eles são incorporados ao Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da UNESP (BATALHA, 2001, p. 157).

Sobre o papel da fundação de arquivos e centros de documentação na década de 1970 e a produção acadêmica dos anos 1980, Angela de Castro Gomes destaca a importância dessas instituições e de suas possibilidades para a pesquisa:

“[...] duas das mais importantes instituições arquivísticas para o estudo do tempo presente foram criadas em inícios dos anos 1970: o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio Janeiro (1973), e o Arquivo Edgard Leuenroth, da Universidade de Campinas, em São Paulo (1974).

Ambas as instituições, que recentemente comemoraram seus vinte anos com grandes seminários, criaram-se a partir da doação de arquivos privados de políticos: o CPDOC, do arquivo de Getúlio Vargas, a figura mais importante da história política brasileira do tempo presente; e o Arquivo Edgard Leuenroth, da documentação de uma das mais significativas lideranças do movimento anarquista do país. O fato de os dois arquivos-base serem de políticos de elite - um de extração oligárquica e outro da classe trabalhadora - é pedagógico para se pensar as possibilidades de linhas de pesquisa que então se abriam: uma concentrada na reconstituição dos movimentos da conjuntura política a partir da Revolução de 1930, com destaque para atores como os políticos profissionais, militares e intelectuais; outra, destinada aos movimentos e organizações da

classe trabalhadora, sindicatos e partidos em especial. Se, durante algum tempo, esta distinção foi vivenciada como oposição, a produção intelectual dos anos 1980, com a generalização dos debates sobre a crise dos paradigmas estruturalistas, trouxe uma grande aproximação e uma consciência de complementaridade e compartilhamento de problemas comuns” (GOMES, 1996, p. 66).

Retomando a periodização sobre a historiografia da classe operária, chegamos ao quarto período, relativo à produção dos anos 1980. As mudanças na conjuntura política e social deram novos incentivos e inspiração para a produção historiográfica da classe operária, principalmente com a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, em 1978¹⁰⁵, o novo sindicalismo, a diminuição da repressão, o aumento de contestação à ditadura e as expectativas da reabertura democrática. Paralelamente, houve um aumento de programas de pós-graduação que abriam espaço para os temas em torno da classe operária. As dissertações e teses sobre a temática cresceram, como também houve um maior interesse das editoras em publicar trabalhos sobre essas temáticas (BATALHA, 2001, p. 152).

A produção vinda do exterior também influenciou as expectativas dos historiadores brasileiros, sobretudo com Edward Thompson¹⁰⁶ e o seu *A formação da classe operária inglesa*, e Eric Hobsbawm¹⁰⁷ e o seu *Trabalhadores e Mundos do Trabalho*, além de outros importantes historiadores e cientistas sociais¹⁰⁸. Essas influências da historiografia estrangeira contribuíram para a ampliação de temas e recortes, sendo que os temas considerados mais “tradicionais” em torno do movimento operário organizado (sindicatos, partidos e correntes ideológicas) deixaram de ocupar o primeiro lugar, dando espaço agora para as condições de existência, o cotidiano e a cultura operária. Um exemplo disso são as obras *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle*

105 Kazumi Munakata registrou em sua comunicação, com o título “O Lugar do Movimento Operário”, no encontro regional da ANPUH, em Araraquara (SP), em 1978, como o evento político mais importante daquele ano, justamente, o movimento grevista na região do ABC em São Paulo. Ver em: MUNAKATA, Kazumi. O lugar do movimento operário. In: CASALECHI, J. E. e TELAROLLI, A. (orgs.). *Movimentos Sociais. Anais do IV Encontro Regional de História de São Paulo*. Araraquara, ANPUH/UNESP, 1980.

106 Ver mais em: THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

107 Ver mais em: HOBBSAWM, Eric. *Trabalhadores*. Estudos sobre a história do operariado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

108 Batalha cita como exemplo as produções de acadêmicos como: Cornelius Castoriadis, Georges Haupt, Michelle Perrot, Gareth Stedman Jones, Herbert G. Gutman, John Foster, Raphael Samuel, Maxine Berg, John Rule, Harry Braverman, Stephen Marglin, David Montgomery, Benjamin Coriat e Patrick Fridenson (BATALHA, 2001, p. 152-153).

Époque, de Sidney Chalhoub¹⁰⁹ (1986), e *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934*, de Maria Auxiliadora Guzzo Decca¹¹⁰.

Outros temas, que antes não eram objetos de pesquisa, começam a ganhar enfoque, como as condições de trabalho, condições de vida, cultura operária, mulheres operárias; outras correntes sindicais, como a reformista, e a legislação trabalhista e processos jurídicos. Houve ainda uma ampliação do recorte cronológico (uma distância temporal menor do objeto e do pesquisador), e das fontes (imprensa, fontes judiciais, documentação policial, arquivos de empresa e entrevistas). A utilização dessas fontes ganhou maior acessibilidade a partir da organização dos acervos (como o AEL e o ASMOB), a publicação de edições fac-similares, depoimentos, e importantes coletâneas de documentos¹¹¹.

No entanto, ainda na mesma década, essa ampliação dos temas e recortes de pesquisas sobre a classe operária no Brasil contribuiu para fragmentar o campo de estudos. Como forma de reação às sínteses sociológicas, cresceu a tendência dos estudos de abordagens e métodos mais empíricos, sobretudo com a utilização de fontes primárias, e temas mais delimitados e circunscritos (BATALHA, 2001, p. 153). Uma das consequências nas pesquisas é a mudança em relação ao recorte geográfico. Enquanto antes buscava-se fazer interpretações a nível nacional, passa-se agora a dar maior foco aos espaços e regiões fisicamente menores, tais como uma cidade, um bairro ou mesmo uma empresa. Já em relação à cronologia dos objetos de pesquisa, os recortes passaram a abordar conjunturas mais limitadas, em parte devido à própria exigência dos programas de pós-graduação com as dissertações e teses.

Dessa forma, o que antes era um campo de estudos bem delimitado passa a ser fundido e confundido com outros campos (estudos urbanos, cidadania, etc.), resultando em uma suposta “crise de identidade” e, conseqüentemente, em uma

109 Ver mais em: CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

110 Ver mais em: DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo 1920-1934*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

111 Ver mais em: CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil*. São Paulo: Difel, 1979-1981. PINHEIRO, Paulo S.; HALL, Michael M. (orgs.). *A classe operária no Brasil 1889-1930: documentos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. v. 1 (O Movimento Operário). PINHEIRO, Paulo S.; HALL, Michael M. (orgs.). *A classe operária no Brasil 1889-1930: documentos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1981. v. 2 (Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o Estado). KHOURY, Yara Aun. *As greves de 1917 em São Paulo e o processo de organização proletária*. São Paulo: Cortez Editora, Autores Associados, 1981.

diminuição no número de dissertações e teses sobre o tema (BATALHA, 2001, p. 154). O programa de pós-graduação da Unicamp, por exemplo, muda de nomenclatura, de História Social do Trabalho para um sentido mais amplo, História Social.

Claudio Batalha¹¹² (2001, p. 154-155) aponta que, após um rápido auge, o declínio do movimento operário sindical no fim das décadas de 1980 e 1990, o desmantelamento do socialismo real (representado pelo fim da URSS), a ideia do “desaparecimento” da classe operária a partir das políticas de reestruturação industrial, e o recuo eleitoral da esquerda europeia contribuíram conjuntamente para a perda do interesse das pesquisas e das publicações (tanto por parte dos programas de pós-graduação como por parte das editoras) sobre os temas relacionados à classe operária. Essas mudanças no horizonte acadêmico e editorial ocorreram não somente no Brasil, mas no mundo¹¹³.

Para Batalha, não é uma crise baseada nos debates sobre as metodologias, teorias ou abordagens, mas sim uma crise fundamentalmente institucional, isto é, a dificuldade reside em fortalecer esse campo de pesquisa nas universidades (BATALHA, 2001, p. 157). Por exemplo, nos livros *Domínios da História* e *Novos Domínios da História*, importantes manuais de método e abordagens historiográficas, os dois organizados por Ciro Flamarion Cardoso¹¹⁴ e Ronaldo Vainfas (1997; 2007), não há nenhum capítulo referente à história do trabalho, classe ou sobre o movimento operário; em contraponto, há capítulos específicos dedicados à história empresarial, à história das paisagens e ao uso do computador na pesquisa histórica.

Apesar do decréscimo do campo das pesquisas sobre a história da classe operária na década de 1990, alguns elementos se solidificaram e permaneceram, tais como: a ampliação de fontes utilizadas (iconografia, processos na Justiça do

112 Segundo Claudio Batalha: “A interpretação dessa crise sugere que a história operária deixou de ter valor explicativo para o presente, papel que parecia desempenhar no início dos anos 80, quando o movimento operário-sindical ocupava o primeiro plano” (BATALHA, 2001, p. 154).

113 Na Itália, a revista *Movimento Operario e Socialista* trocou o nome para *Ventèsimo Sècolo*, e em Budapeste o Museu do Movimento Operário passa a se chamar Museu de História Contemporânea. Batalha aponta que os historiadores de diversos países encaram a história operária com “um misto de condescendência e desprezo” (BATALHA, 2001, p. 155). No Brasil, a dificuldade com esse recuo nas pesquisas foi ainda maior, pois essa crise aconteceu em um período em que ainda não havia sido consolidado esse campo de estudos.

114 CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier, 1997. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Novos Domínios da História*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

Trabalho, etc.), as novas leituras e abordagens, os estudos regionais, estudos por setor de produção ou por categorias de trabalhadores. Também houve uma ampliação cronológica dos objetos e uma maior aproximação com o tempo presente do pesquisador, a relação do gênero e da raça com os estudos da classe operária e do trabalho, assim como trabalhos sobre biografias e trajetórias individuais, além da consolidação das instituições de memória e acervos já mencionados (BATALHA, 2001, p. 156-157; 2006, p. 90).

Além disso, em 1999, é criado no Rio Grande do Sul, e depois nacionalmente, o Grupo de Trabalho (GT) “Mundos do Trabalho” no espaço da ANPUH. Podemos considerar que, embora existam especificidades na temática da classe operária, ela permaneceu através de sua inclusão em um campo mais abrangente, a História do Trabalho. A constituição desse GT na ANPUH representou “um passo fundamental para a consolidação de uma instância de discussão e de um espaço institucional para a história do trabalho, até então inexistentes” (BATALHA, 2006, p. 90-91).

É nessa conjuntura que surge a primeira pesquisa sobre Octavio Brandão. *Memória e Omissão: anarquismo & Octávio Brandão* foi o resultado da pesquisa realizada por Alice Anabuki Plancharel (1997) para o mestrado em Sociologia, em 1993, pela USP. Mesmo com todos os avanços e retrocessos da historiografia da classe e do movimento operário (incluímos aqui a historiografia do movimento comunista) até a década de 1990, é sintomático o fato de que o primeiro trabalho acadêmico a considerar a importância da obra e da militância de Octavio Brandão seja realizado no campo da sociologia. Entretanto, a abordagem é muito semelhante à dos historiadores que trabalham com autobiografias, histórias de vida e escritas de si, trajetórias políticas e intelectuais, e os estudos sobre memória.

Além do texto de Plancharel (1997), foram realizadas, até o ano de 2017, mais seis dissertações de mestrado sobre Octavio Brandão, sendo a de Amaral (2003), na década de 2000, e as outras cinco na década de 2010. Mesmo que existam artigos e dissertações que tomam Octavio Brandão como objeto de análise ou como fonte histórica, o fato de não ter sido realizada nenhuma tese de doutorado reforça a teoria do ostracismo¹¹⁵, que relegou e omitiu Octavio Brandão da história política e cultural brasileira, seja por camaradas, adversários políticos, ou ainda, inclusive, das instituições universitárias. As outras dissertações de mestrado são,

115 Ver mais sobre o ostracismo de Brandão no próximo tópico deste capítulo.

em ordem cronológica, de Roberto Mansilla Amaral (2003), Denilton Novais Azevedo (2013), Rafael Del'Omo Filho (2014), Shuellen Sablyne Peixoto da Silva (2014), Diógenes Pereira Sgarbi (2015) e Felipe Castilho de Lacerda (2017).

O texto de Amaral (2003) foi defendido pelo programa de História da UFF e é a primeira pesquisa sobre a trajetória de Brandão com fôlego para dar conta de toda a sua vida política. Apesar de a pesquisa de Plancharel (1997) também tratar de alguns elementos biográficos do alagoano, sua dissertação é mais próxima dos estudos da memória, realizada através de uma perspectiva sociológica, e especificamente sobre a fase anarquista de Brandão, enquanto Amaral trabalha com o recorte de toda a sua trajetória política, a partir do referencial teórico-metodológico da chamada História Política renovada (ou revisionada) e com abordagem biográfica.

Já Azevedo (2013) e Silva (2014) dão continuidade à temática da trajetória política e intelectual de Octavio Brandão, mas com recortes mais delimitados do que o texto de Amaral (2003). Denilton Novais Azevedo defendeu a sua dissertação pela UEM, e trabalhou com o período que vai do ano de nascimento até o ano em que Brandão e a sua família são exilados na Europa (1931). Já Shuellen S. P. da Silva defendeu o seu mestrado pela UFAL, a única universidade nordestina desta lista a ter realizado uma pesquisa sobre Octavio Brandão.

A dissertação de Rafael Del'Omo Filho (2014) foi defendida pelo programa de Ciências Sociais da Unesp (Marília), e tem como novidade analisar as primeiras interpretações marxistas da realidade brasileira, sendo o segundo capítulo todo dedicado às ideias de Brandão na década de 1920, sobretudo ao papel e à interpretação marxista-leninista contida no ensaio *Agrarismo e Industrialismo*. O texto também analisa e compara as ideias de Mario Pedrosa, o Grupo Comunista Lênin e Caio Prado Júnior, de modo que Brandão é introduzido aos autores de tradição marxista brasileira de maior reconhecimento e repercussão.

Diógenes Pereira Sgarbi (2015) faz um itinerário dos pressupostos teórico-conceituais que nortearam a militância e as interpretações políticas do PCB em relação à temática da democracia, da década de 1920 até 1980. Mencionamos esse trabalho porque o autor faz referência ao ensaio *Agrarismo e Industrialismo* no título da dissertação e por dedicar uma parte significativa de seu primeiro capítulo às ideias de Brandão, como um “ponto de saída” (SGARBI, 2015, p. 5), até o ensaio de 1979, de Carlos Nelson Coutinho, *A democracia como valor universal*, como um

“ponto de chegada” (SGARBI, 2015, p. 5). Assim como a dissertação de Rafael Del’Omo Filho (2014), Sgarbi contribui para as análises comparativas de ideias e interpretações ao relacionar Brandão com outros autores.

Por último, citamos a dissertação de Felipe Castilho de Lacerda, defendida em 2017, pelo programa de pós-graduação em História Econômica da USP, e publicada em formato de livro em 2019. O seu objetivo de pesquisa é mapear as matrizes intelectuais do marxismo brasileiro através da recepção e apropriação de ideias por Octavio Brandão. Tendo como referencial as abordagens propostas por Roger Chartier, utiliza-se dos conceitos de prática, representação, condições e processos de construção de sentido e uma história social dos usos e interpretações para analisar a circulação das publicações comunistas disponíveis na década de 1920 e a sua recepção por Octavio Brandão. Resumidamente, a sua pesquisa se dá mais em torno da imprensa comunista, a análise da edição e circulação de obras sobre Marx e Lênin, e o processo de recepção e apropriação do marxismo feito por Brandão. Dito de outro modo, o objetivo de Lacerda (2017, p. 11) é buscar “demonstrar o contexto social, cultural e editorial no qual Octávio Brandão desenvolveu o seu pensamento”, ou ainda apresentar um quadro sócio-histórico, do que propriamente os aspectos particulares e específicos de suas obras e trajetória.

Assim sendo, e retomando a cronologia do desenvolvimento da historiografia da classe operária, os anos 2000 seguiram as tendências da historiografia das duas décadas anteriores, sobretudo a partir da história do trabalho, “fugindo ao ostracismo a que fora relegada e contrariando as previsões de sua morte anunciada nos anos 1990” (BATALHA, 2006, p. 88-89). Na primeira década do novo milênio, entretanto, a categoria *classe social* “não reina mais absolutamente” no mundo acadêmico (BATALHA, 2006, p. 89), dando uma certa continuidade, ao relacionar e dividir os estudos da classe e do movimento operário com outros recortes e temas.

Também foram acrescentadas às pesquisas outras categorias de trabalho para além do operariado fabril: trabalhadores livres e não livres, os escravos, o precariado, os trabalhadores urbanos e rurais, os assalariados, os autônomos, os contratados e os sazonais. Além dos aspectos que organizam e dão sentido de unidade aos movimentos operários, tais como o caráter classista e militante de suas reivindicações e estratégias, passa-se a dar igual atenção às características de sua diferenciação e às complexidades internas. Exemplos disso são as diferentes origens étnicas, as diferenças de ganho salarial e de status social, e as diversas

crenças dos trabalhadores (BATALHA, 2006, p. 89). Essas mudanças de abordagens contribuíram para a valorização dos estudos de indivíduos específicos (como sujeitos históricos que representam elementos sociais na sua vida e pensamento) e de suas ideias, como também as especificidades das organizações em que estes militaram. É nessa conjuntura acadêmica e intelectual que Octavio Brandão surge como objeto de pesquisa (re)validado por acadêmicos, mas muito tardiamente se considerarmos o período em que esteve vivo e o início das historiografias do movimento e da classe operária, incluindo, é claro, a história dos comunistas.

3.2. Documentos perdidos, destruídos, “boicotes” e a memória do ostracismo.

Neste tópico, pretendo mostrar alguns apontamentos baseados em documentos e correspondências deixados por Octavio Brandão, que hoje podem ser consultados nos supracitados arquivos, pois estes fornecem evidências de uma produção intelectual ainda desconhecida ou, no mínimo, pouco explorada, como afirmam os pesquisadores de sua trajetória. A omissão, ou mesmo exclusão, do papel da militância e das ideias de Brandão na história do movimento operário e da militância comunista dos anos 1920, através de um trabalho de seleção e de narrativas que lhe deram um papel menor, nos permitiu perceber elementos sobre a conjuntura política, social e cultural no século XX.

José Roberto Guedes de Oliveira (2005, p. 57), advogado e escritor, organizou livros com documentos e cartas de Octavio Brandão, escreveu sobre a grande quantidade de trabalhos inéditos e conhecidos somente pela família e por poucos pesquisadores do escritor e comunista:

[...] o alagoano Octavio Brandão, da histórica Viçosa, ainda, lamentavelmente, não teve as suas obras dadas ao conhecimento público.

Decorridos pouco mais de vinte anos do seu falecimento (em 15 de março de 1980), os passos para o estudo de sua personalidade ainda são acanhados, a não ser em algumas raras aparições de teses ou de criações que, invariavelmente, permitem modelar o caráter forte e decisivo desse “caboclo nordestino”, farmacêutico, precursor do petróleo no Brasil.

Num levantamento que ousamos realizar no Arquivo Edgar Leuenroth, da Universidade Estadual de Campinas, catalogamos cerca de 27 obras inéditas, algumas volumosas em número de

páginas, que tratam da revisão da nossa história, da história de alguns países, de agrarismo, de industrialismo, de poesia, de sociologia, de filosofia, do meio ambiente, do negro, do índio, de política e por aí se vai... Uma enciclopédia de assuntos extremamente apaixonantes e delicados, oportunos e atuais, que não podem permanecer ao completo esquecimento a que se encontram.

Por mais que os pesquisadores da trajetória de Brandão, assim como os seus parentes e amigos próximos, afirmem que houve um ostracismo político e memorialístico do alagoano, não é raro encontrar pessoas que rejeitam essa posição. No entanto, mesmo que seja discutível a questão da construção de uma narrativa histórica e de uma memória que diminui ou exclui a participação e relevância de Brandão (seja na história do Brasil, do marxismo brasileiro, dos comunistas ou da Câmara do Distrito Federal), e discordamos desse tipo de afirmativa, ainda assim Brandão viveu dois afastamentos de cargos públicos, para os quais foi eleito democraticamente e sob o título declarado de comunista.

O primeiro afastamento ocorreu quando foi sancionada, em 11 de dezembro, no Conselho Municipal, a Indicação nº180, de 28 de novembro de 1929, que tinha a proposta de impedir a propaganda comunista no plenário, mas que na prática silenciava os pronunciamentos dos intendentos comunistas eleitos, Minervino de Oliveira e Octavio Brandão¹¹⁶ (KAREPOVS, 2006, p. 115-116). Apesar de ainda não existir o instituto da perda de mandato, Karepovs (2006, p. 118) afirma que “pode-se considerar a Indicação nº 180 o ato da primeira cassação de mandato parlamentar da República brasileira”. Após ter sido afastado do grupo dirigente do PCB e preso pela polícia, Brandão é deportado para a Alemanha em 1931 pelo governo Vargas, ficando exilado até 1946.

O segundo, quando do seu retorno ao Brasil. Foi eleito vereador pelo Distrito Federal, em 1947, mas sofreu a perda do mandato em 1948, após a cassação do registro do PCB, e manteve-se na clandestinidade até 1958. Com a ditadura

116 Após a organização da nova Mesa de 1930, o cumprimento da Indicação de nº 180 é praticado de maneira mais atenuado, o que levou ao aumento da censura interna do Conselho Municipal contra os comunistas. Karepovs (2006, p. 118) afirma que: “A partir de 1930, os pronunciamentos de ambos eram inicialmente indicados apenas pela fórmula ‘faz considerações sobre o projeto em debate’ e somente as suas intervenções na forma de aparte eram registradas, mesmo assim mutiladas e reduzidas, o mais das vezes, a uma única frase. Quanto às suas propostas legislativas, nenhuma delas foi impressa nos Anais publicados de 1930”.

empresarial-militar de 1964, se encontrou novamente na clandestinidade, voltando ao cenário público somente no fim da década de 1970.

Diversos relatos memorialísticos de pessoas próximas e familiares de Brandão reafirmam a tese do seu ostracismo político, e também na historiografia e na memória do PCB e do movimento operário. Marisa Júlia Coutinho (2005, p. 22-23), terceira esposa de Octavio Brandão, escreveu a sua impressão sobre o seu ex-marido em um relato¹¹⁷ memorialístico: “Sendo que foi, muitas vezes, injustiçado por alguns de seus próprios companheiros, jamais abandonou seus elevados ideais”. J.R. Guedes (2005, p. 55) reforça que: “Até os últimos dias de sua existência, Octavio Brandão vinha lutando contra tudo e contra todos, pelo ostracismo a que fora relegado”. Jorge Mateus de Lima (2005, p. 20-21) ressaltou as constantes perseguições políticas e as visões pejorativas, que não eram incomuns, de pessoas conhecidas do cenário político durante a sua juventude em Alagoas, mas que permaneceram constantes até o fim de sua vida:

Aí uns conterrâneos pré-fascistas ficaram com medo de Octavio, viram um moço impaludado e débil, um sujeito perigosíssimo. Foi preso, fugido para o Rio e daqui despachado para a Rússia. Com a mudança de clima curou o paludismo, mas não seus ideais: continua revoltado, perseguido. É bom Jackson de Figueiredo, que em 19 [1919] esteve em Maceió a fim de concluir preparatórios, não o suportava. A sua opinião sobre Brandão era mesma que João Ribeiro externara por ocasião do aparecimento de *Canais e Lagoas*: estilo sesquipedal, pernóstico.

Além das percepções e das memórias de pessoas próximas a Brandão, a própria questão da perda de documentos devido às prisões, ou mesmo destruição, é outro fator importante na construção de sua memória. Em 25 de novembro de 1942, Octavio Brandão escreve um documento intitulado “Documentos destruídos, queimados e confiscados”¹¹⁸, em que enumera três grandes destruições dos materiais e documentos do PCB até aquele momento. A primeira destruição ocorreu no Rio de Janeiro, entre os anos 1923 e 1924, isto é, no período entre o segundo e o terceiro ano de existência do partido. O primeiro item, incluído nesse ponto, são

117 Esse relato de Marisa Júlia Coutinho sobre Octavio Brandão foi escrito em 28 de julho de 2000, mas foi publicado por J.R. Guedes em uma coletânea de cartas e textos inéditos, publicada em 2005 pela UFSC. Ver mais em: GUEDES, J.R. Guedes (org.). *Cartas de Octavio Brandão: memória*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005.

118 Ver o anexo E.

as cartas recebidas por Laura Brandão quando os dois ainda eram noivos. A inclusão de documentos de cunho pessoal e privado nessa lista é um indício da importância que Brandão atribuiu a seu relacionamento com Laura para sua trajetória e atuação política.

Já o segundo item elencando entre esses documentos é relativo aos textos escritos durante a sua militância libertária e anarquista, que continham informações e reflexões, segundo Brandão, sobre o “desenvolvimento do movimento operário e intelectual de Maceió” (BRANDÃO, 1942, n.p.). Ele descreve que havia “inúmeros manifestos, artigos, folhetos, recortes, etc.”. Em sua observação sobre as tentativas de preservar essa documentação durante as fugas policiais, a luta pela preservação da memória política de sua militância tinha como adversários, além da repressão estatal e dos coronéis locais, a falta de condições materiais para a preservação desses papéis:

Para evitar as perseguições da polícia política, estes materiais tinham sido metidos em uma maleta e a maleta colocada em um casebre no subúrbio de Tury-assú, no Rio de Janeiro. O cupim e a humidade destruíram a quase totalidade dos materiais (BRANDÃO, 1942, n.p.).

A segunda grande destruição apontada por Brandão ocorre no mês de julho de 1930, no Rio de Janeiro, quando a polícia encontra uma mala em Águas Férreas (atual bairro do Cosme Velho) contendo muitos documentos. Parte desses documentos foi recuperada por Brandão e sua esposa Laura, porém outra parte foi destruída em outubro de 1930, quando uma multidão invadiu a sede da polícia e, nas palavras de Brandão (1942, n.p.), “desvastou-a, lançou na rua e destruiu uma quantidade colossal de materiais encontrados”.

São listados vinte e três documentos (ou tipos de documentos) perdidos nessa ocasião, que incluíam autógrafos e cartas de Laura, 50 cadernos de notas e estudos (a partir dos quais Brandão esperava produzir uma “história do desenvolvimento do pensamento avançado e progressista do Brasil e para a história do movimento operário e popular do Brasil”), além de diversos artigos, notas e outras publicações nos periódicos do movimento operário como *A Classe Operária* (1925, 1928-1930), *A Nação* (1927), *Voz Cosmopolita* [s.d.], *A Manhã* [s.d.], *O Jornal* [s.d.], *Correio da Manhã* [s.d.], *A Esquerda* [s.d.]. No documento, Brandão

menção que havia mais periódicos dos quais ele não se recordava, além de materiais de propaganda do PCB escritos por ele mesmo entre 1922 e 1930.

Entre os papéis perdidos, encontravam-se ainda, segundo Brandão, artigos de sua autoria contra o Partido Socialista e contra os anarquistas, e também manifestos, livros, folhetos, cadernos com endereços de intelectuais de outros continentes com os quais mantinha correspondência, além de aforismas de sua autoria. Ele menciona alguns dos temas que eram tratados nesses textos, como a história e a cultura nordestina e afro-brasileira, estudos sobre a história de Pernambuco (escritos entre 1912 e 1914), a “língua nagô, dos negros de Alagoas” (item 18), a literatura brasileira e mundial, que chamou de “literatura universal, sobretudo grega, hindu e alemã” (BRANDÃO, 1942, n.p.). Também é citada a sua carteira de sócio do sindicato dos gráficos do Rio de Janeiro e os retratos, como o de sua viagem a Buenos Aires, no Rosedal, e muito provavelmente retratos de sua família, que também foram perdidos.

A terceira grande destruição de sua documentação ocorre entre outubro e novembro de 1941, ocasião de seu exílio em Moscou (1931-1946) e da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Na Rússia, as perdas documentais ocorrem principalmente em três lugares: seu quarto na sede de um instituto em que trabalhava; a sede de uma rádio na qual Brandão produzia emissões para o Brasil e Portugal entre 1935 e 1939; e o quarto de hotel em que residia com sua esposa e filhas, esse último diz respeito a uma lista de 49 documentos perdidos.

Entre os 49 itens perdidos nesse período, se encontravam: a tradução da História do PC bolchevista, tradução brasileira dos livros *O marxismo e a questão nacional* e o início de *As questões do leninismo*, ambos de Stalin, a tradução da Constituição Soviética, tradução de artigos e discursos de Lenin, Dimitrov, Stalin, além de fragmentos traduzidos de Marx, Engels e Hegel (Brandão aponta a obra *A lógica* de Hegel). Mais uma vez, Brandão inclui documentos relacionados à sua esposa, Laura, de quem foram perdidas “poesias líricas e revolucionárias”, o que ele considera como uma “perda terrível, irreparável”. Além de parte da obra poética de Laura, foram perdidas cartas trocadas entre o casal ao longo de mais de 20 anos, bem como autógrafos de sua esposa e textos sobre ela.

Além de documentos perdidos e destruídos, houve ainda a questão dos boicotes que, por sua vez, mostram um tipo de política de oposição à memória dos militantes comunistas. Paulo Sérgio Pinheiro, na introdução de *Combates e*

Batalhas (BRANDÃO, 1978, p. 20), relata que, após Brandão ter sido eleito como intendente no Conselho Municipal do Rio de Janeiro, sua atuação e falas passaram a ser boicotadas pelos seus adversários políticos e representantes das classes dominantes: “Depois de terem sido frustradas as tentativas de anular sua eleição, o jeito foi não incluírem seus discursos nos anais do conselho” (BRANDÃO, 1978, p. 20). Devido a esses boicotes, perdeu-se parte importante não apenas da documentação e dos dados sobre a trajetória de Brandão, como também sobre a atuação democrática e institucional dos comunistas nos órgãos públicos antes da Revolução de 1930 e da ascensão do obreirismo do PCB e da própria história do Conselho Municipal.

Dionysa Brandão Rocha (2005, p. 54-56), filha de OB, destaca, em uma carta a J.R. Guedes, de outubro de 2000, diversos momentos em que Brandão e sua família correram os perigos das prisões, deportações e exílios, mas também diversos momentos durante o desenvolvimento histórico do PCB em que seu pai teria sido “forçado a fazer autocríticas” públicas. Obviamente, as falas de um autor que confessa e assume seus “erros” publicamente contribui para reforçar as visões negativas de sua atuação política e de suas ideias (já que o mesmo declarava estar em acordo com os seus críticos). Dionysa (2005, p. 54-56) narra que:

Em 18 de junho de 1931, o governo de Getúlio Vargas deportou Octavio Brandão, Laura e as três filhas: Sátva, de nove anos; Vólia, de oito e Dionysa, de seis – incompletos, para a Alemanha. Em Berlim, a pedido das autoridades brasileiras, Octavio Brandão é ameaçado de prisão e deportação. A família refugia-se na União Soviética, na qualidade de exilada política: 1931, 1932, 1933, 1934, 1935, 1936, ... até 1946.

[...] Criticado por “seus erros e desvios” da linha justa do Partido, forçado a fazer autocríticas em 1930 em Buenos Aires; em 1935 em Moscou; em 1956, 1957 e 1964, no Rio de Janeiro, transformou-as em crítica à Direção do Partido. Nada escapava da “autocrítica”: falta de organização e conscientização do Partido, a classe operária e os camponeses, os negros e os índios, a reforma agrária. Jamais pensou em abandonar o PCB ou renunciar. Os sonhos nunca se apagaram. Já em idade avançada costumava dizer que poderia contribuir em prol da causa.

Também através da troca de cartas com indivíduos célebres, reconhecidos da história do marxismo brasileiro e da imprensa nacional, é possível identificar as dificuldades que Brandão teve ao tentar publicar os seus livros. O exame da correspondência de Brandão oferece mais uma pista que reforça a ideia dos

boicotes políticos, inclusive por camaradas de seu espectro político. Em 17 de dezembro de 1948, Octavio Brandão escreve uma carta¹¹⁹ a Caio Prado Júnior, dizendo que tinha uma série de livros prontos e desejava publicar, principalmente a segunda edição de *Canais e Lagoas*. É muito profícuo observar os argumentos de Brandão nessa carta.

Primeiramente, ele indica que o editor José Olympio, mesmo tendo prometido que publicaria o seu livro no início de 1947, havia desistido de editar o seu *Canais e Lagoas* por “razões financeiras e, sobretudo, políticas”. Poderíamos deduzir que Brandão tenta convencer Caio Prado Júnior da importância do seu texto que seria publicado por José Olympio, que deixou de realizar-se não por razões internas de conteúdo ou estéticas do texto, mas por fatores externos como a situação econômica e política.

O segundo argumento é o fato de que a venda seria garantida por pelo menos “mil compradores”, entre eles “intelectuais, trabalhadores, filhos de Alagoas e outros”. Nesse sentido, Prado Júnior não precisaria se preocupar com o retorno financeiro do livro, pois a perspectiva das vendas era certa para Brandão, e ele afirma: “Creio que não terá razões financeiras nem políticas para recusar”.

O terceiro argumento é tanto de autoridade como um apelo às amizades em comum com Prado Júnior. Brandão chama a atenção para um texto de Monteiro Lobato, publicado em dezembro de 1919, na *Revista do Brasil*, de São Paulo, em que o escritor teria elogiado o livro *Canais e Lagoas*. Entre o fim de 1947 e início de 1948, Lobato teria se oferecido para publicar a 2ª edição do texto de Brandão, o que não aconteceu por razão da sua morte. Brandão termina a sua carta com um apelo: “Quererá o camarada realizar esse desejo do nosso caro Monteiro Lobato?”.

Em uma carta resposta, enviada poucos dias depois, Caio Prado Júnior diz que não será possível publicar o texto de Brandão e justifica:

Prezado companheiro Octavio Brandão, respondo sua carta com algum atraso porque estive ausente de São Paulo, e somente agora tenho-a nas mãos. Não seria apenas para satisfazer um desejo de Monteiro Lobato que a Editora Brasiliense se incumbiria com grande prazer da edição do seu livro. Mas se evidentemente não existem razões políticas, ocorrem as financeiras, que você também lembra, para tornar impossível, no momento, o empreendimento. Não que o livro deixe de encontrar público; mas você deve lembrar-se que para se fazer um negócio, não é suficiente que ele seja bom; são

119 Ver o Anexo F.

necessários recursos financeiros. Ora os nossos estão empenhados (além mesmo da capacidade normal da editora) na publicação das Obras Completas de Monteiro Lobato. Há mais de um ano, não publicamos livro algum além dessas obras, por impossibilidade material completa. Nem para os meus livros esgotados temos encontrado recursos; por aí você vê que nossas restrições começam por casa (PRADO JÚNIOR, 1949).

Outro caso em que uma obra de Brandão sofreu rejeição para ser publicada é narrado em uma carta de Valná Brandão Tchudínova enviada para J.R. Guedes, de Moscou, em novembro de 2000. A filha de Octavio e Laura narra que o pai tentou se aproximar do editor José Olympio, quando do seu retorno ao Brasil, em 1946, dizendo-lhe que teria “27 livros inéditos” para serem publicados. O primeiro livro a ser publicado, segundo o seu desejo, era uma biografia de Laura Brandão. Octavio teria dito: “Tenho para com ela uma grande dívida moral. Acompanhou-me ao desterro e lá morreu, tendo pedido no leito da morte Viva ou morta, quero voltar para o Brasil” (TCHUDÍNOVA, 2005, p. 50). No entanto, sendo membro do PCB, era necessária uma licença para a concretização da publicação, o que lhe foi negado. Brandão então procurou Luís Carlos Prestes (seu então cunhado) para tratar da questão, quem, segundo Valná (2005, p. 50), tinha “horror a questões deste tipo”:

Luís Carlos respondeu-lhe: “Mas quem é esta Laura Brandão? Ninguém a conhece”. OB contestou: Só não a conhecem, porque ela – poetisa aplaudida nos mais célebres salões literários e musicais dos anos 20 – rompeu com a sua classe social, abraçando o caminho da luta revolucionária. A burguesia, em revide, fez em torno do seu nome uma conspiração de silêncio. Prestes teve um movimento de quem não tinha pensado em tal hipótese. Entretanto, o livro com a biografia de Laura, cuja composição na tipografia já estava pronta, teve que ser suspenso. José Olimpio ficou danado. O momento propício deixou de ser aproveitado (porque pouco depois, o PCB foi fechado) e o tal livro até hoje... continua inédito.

E, de fato, no mês de fevereiro de 1947, três dos principais dirigentes do PCB naquele momento, Diógenes Arruda Câmara, Luís Carlos Prestes e Astrojildo Pereira, debatiam se o livro *A Imagem de Laura de Brandão*, escrito por Octavio, deveria ou não ser publicado. É interessante observar a carta escrita por

Astrojildo¹²⁰ na íntegra, para os seus camaradas, Arruda e Prestes, em que este faz a sua crítica literária e política da obra, justificando a sua recusa em publicá-la:

Camarada Prestes

Camarada Arruda

Aqui me desobrigo da tarefa que, no dia 22, vocês me confiaram. Tentarei ser breve, para não lhes roubar tempo.

Suponho que editar o livro do camarada Octavio Brandão seria uma aventura prejudicial a todos nós, sobretudo a ele, que veria, sem nenhuma dúvida, profanado o objeto de sua veneração. A crítica burguesa nada exporia a respeito desse trabalho; é certo, porém, que choeriam sobre ele sátiras políticas. Seria um desastre.

O lugar que, na literatura nacional, ocupa Laura Brandão, a artista agora tão exaltada, é bem modesto. O público não lhe reconhece grande mérito. Para ser franco diria que o público a ignora.

Octavio afirma corajosamente que se trata de injustiça e busca realizar uma glória póstuma. Aventura-se a comparações assombrosas, mas o que nos exhibe não justifica de maneira nenhuma a veemência dos seus conceitos. Aliás, Octavio é a pessoa menos indicada para conduzir essa empresa: falta-lhe serenidade, evidentemente, há no se amor à companhia desaparecida muito de religião. O seu pensamento, como adiante se verá, é este: Laura foi uma grande poeta: ninguém até hoje lhe percebeu o valor; é certo, pois, que todos estão em erro. Ora, se as ideias do meu velho amigo Octavio Brandão divergem da realidade, o que se confessa no livro, como persistir nelas? A sua opinião é uma e é uma opinião única – e não vejo meio de fazê-la aceita pelos outros homens.

Essa opinião se manifesta numa prosa enfática, hiperbólica. E alguns versos de Octavio reproduzidos na obra, são horríveis.

Vou estender-me um pouco em citações, para demonstrar o que asseverei. À Página 10 temos estas linhas de ingenuidade pasmosa: “Laura sofreu insônias e moléstias da infância. Esteve à morte várias vezes. Levantava-se pela manhã e dizia: - Hoje não estou boa. E fazia uma carinha triste”. Na página 17 principia a corroboração do que acima escrevi: “Algumas vezes tentou ser professora pública, mas o Estado semifeudal e burguês do Brasil temia os espíritos progressistas, e, por isso, ela nada conseguiu”. Impossível admitir a imparcialidade desse julgamento. As páginas 19 e 20 estão cheias de puerilidades como estas: “Oh! Vinde, meus meninos, a escola frequentar o gosto e a variedade convidam a estudar, a estudar, a estudar”.

À página 48 temos um soneto composto em metros diferentes, coisa que nunca vi: os dois quartetos, o primeiro verso do primeiro terceto e o primeiro e o segundo são decassílabos: o segundo e o terceiro

120 Utilizei a transcrição da carta de Astrojildo Pereira da dissertação: BERNARDES, Maria Elena. *Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política*. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995. pp. 8-10. A carta original se encontra em: FUNDO OCTAVIO BRANDÃO. Arquivo Edgard Leuenrouth – UNICAMP – pasta 120. O livro mencionado por Astrojildo, *A imagem de Laura Brandão*, escrito por Octavio Brandão em 1947 também se encontra no mesmo fundo na pasta 120.

versos são do primeiro terceto, o segundo e o terceiro do segundo são alexandrinos.

Página 51: “O povo brasileiro é um povo de ideias. Laura reflete as aspirações do povo”. Isso é linguagem de comício de subúrbio semelhante a destas linhas, que surgem na página 57: “Mais de 25 anos depois, Laura, a peregrina do amor, do sonho ideal, heroína da luta da humanidade contra o fascismo – galgou os contrafortes da montanha aspérrima dos Urais, nos umbrais da Ásia, e desapareceu inesperadamente”. Entre a página 58 e 66 há trechos de cartas, notícias de festas de arte, declamações, referências amáveis de sujeitos mais ou menos importantes, em conversas, a Laura. Há também a declaração de que os papéis relativos à poeta estão guardados no arquivo da família em Moscou. Essas páginas são alarmantes e devem ser lidas com atenção. Página 67. “Rolou mais de um quarto de século entre o surgimento literário de Laura e a sua morte. Espaço de tempo mais que suficiente para o aparecimento de um crítico literário que fizesse uma análise da obra de Laura. Entretanto, esse crítico não apareceu até hoje, apesar de Laura tê-lo esperado mais de um quarto de século...”. Exatamente o que eu disse: O nosso camarada tem uma certeza profunda e lamenta que não a confirmem. É impossível que todos os nossos críticos sejam idiotas; poderei grifar isto se eles guardarem silêncio quando aparecer um livro meu, mas não conseguirei transmitir aos outros este juízo, livrado de suspeição. Além disso, o camarada Octavio Brandão não é crítico. À página 68 compara-se Laura a Castro Alves e insinua-se que ela foi superior a Euclides da Cunha. Da página 70 a 73, Laura vence Olavo Bilac e Cruz e Souza. Na página 76, vemos Laura acima de Machado de Assis. Indiquei, da página 92 a 101, numerosas passagens infantis e absurdas, é conveniente examiná-las de perto. Na página 108, há esta poesia medonha de Octavio, medonha repito:

“Tú, que tens a energia e a wagneriana harmonia das Cataratas do Iguaçu: Alma ardente e viril de combatente: heroica e estóica alma forte e altiva, alma de Lucrecia, Afrontes a tormenta e o vendaval – Filha espiritual da Grécia, Tu me deste a visão da beleza imortal”.

Página 11: “Laura auxiliava o companheiro a carregar a cruz. Afastava as pedras do caminho. Arrancava os espinhos”. Literariamente, isso vale bem pouco. Deixei para o fim está citação da página 105: “Uma de suas características: a Modéstia. Em um mundo cheio de cabotinos, ela não procurava chamar a atenção sobre si mesma”. Isso nos impõe o dever de respeitar a memória de Laura Brandão. Ninguém tem o direito de perturbar-lhe o repouso chamando para ela uma curiosidade impertinente que a humilde artistas não desejou.

Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1947.

Os argumentos de Astrojildo são interpretados como os dizeres de um crítico, um especialista em literatura, e também de um importante intelectual e militante histórico do PCB, o seu principal fundador. De tal modo que a crítica ao texto de Brandão não tem impacto somente no que poderíamos considerar como aspectos estéticos, estilístico, ou de vocabulário, mas também sobre o aspecto político do

seu conteúdo, tema e repercussão. Laura Brandão não é recebida, na leitura de Astrojildo, como uma literata e poeta de relevância para a literatura brasileira, e a publicação da obra não traria impactos positivos. É interessante ressaltar que, em nenhum momento da carta, Astrojildo analisa ou menciona um poema específico de Laura. Consideramos que o remetente escrevia uma carta que, apesar do seu conteúdo político (como a repercussão da obra pela crítica literária burguesa e os seus efeitos para o partido), tinha um teor ou tom particular, privado, e por isso mesmo o autor se utilizou de determinados termos pejorativos, por sentir-se com maior liberdade para ser franco e direto em sua crítica. Alguns exemplos são: classificar o amor de Brandão por Laura como uma “religião”, ou quando diz que lhe faltava “serenidade” ou que suas ideias “divergem da realidade”.

A questão colocada aqui não é se Brandão é um bom escritor ou não, de modo que a nossa proposta não é a de advogar ou a de reabilitar um intelectual injustiçado. A questão é justamente pensar por quais mecanismos a memória e a imagem de Brandão (nesse caso também a de Laura) foram construídas, qual é a memória e imagem que chegou até nós desse militante e escritor de pouco sucesso, mesmo entre os seus próprios camaradas de partido, e principalmente em momentos que grandes nomes de artistas e intelectuais passaram pelo PCB, tais como: Patrícia Galvão (Pagu), Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Astrojildo Pereira, Graciliano Ramos, Caio Prado Júnior, Jorge Amado e tantos outros.

Não nos cabe equivaler, mas sim comparar historicamente trajetórias, ideias, repercussões, o lugar desses indivíduos na memória social e coletiva, sejam eles intelectuais ou intelectuais militantes. Sirinelli (2003, p. 243), ao tratar da definição do conceito de *intelectual*, defende que a comparação de intelectuais de diferentes épocas é sempre um tratamento delicado, mas sem essa perspectiva um pouco mais flexível, “o estudo dos intelectuais fica reduzido à ineficácia e privado de abordagens comparativas fecundas”. Logo, pensar nos sucessos ou insucessos, sejam eles editoriais, repercussões públicas e midiáticas, prestígio político, memórias positivas ou não, publicações de biografias, revelam indícios importantes para a pesquisa histórica, sobretudo nas abordagens política e intelectual.

Segundo a memória e a percepção de Valná Brandão Tchudínova¹²¹ (2005, p. 51-52), os membros dirigentes do PCB tinham uma antipatia em relação ao seu pai: “O ódio dos altos dirigentes do PCB contra o meu pai era tamanho que, se em 1964 Prestes tivesse tomado o poder, sob qualquer pretexto – não duvido por um só instante – mandaria fuzilar Octavio Brandão”. Outro aspecto que reforça a tese do ostracismo político sofrido por Brandão é que durante toda a biografia de Anita Leocadia Prestes (2015, p. 150, 198) sobre o seu pai, o tenente Luiz Carlos Prestes, há somente uma menção ao seu tio Octavio. Anita Prestes, ao narrar sobre os participantes da III Conferência dos Partidos Comunistas da América Latina, diz:

Luiz Carlos Prestes (Fernandez), recém-aceito no PCB, embora não fizesse parte da direção, também participou dos chamados “encontros de Moscou”, assim como Octávio Brandão, ex-dirigente do PCB exilado nessa cidade desde o início dos anos 1930” (LEOCADIA PRESTES, 2015, p. 150).

Mesmo quando Anita Prestes menciona o BOC não o relaciona com a militância de Octavio Brandão. Ao falar da divulgação do manifesto-programa da ANL e a adesão de indivíduos de diferentes formações e posições políticas, diz que alguns membros do grupo dirigente do PCB participaram da ANL com restrições, pois temiam que o PCB se dissolvesse nessa nova entidade, conforme consideravam o que teria ocorrido com o BOC no final da década de 1920 (LEOCADIA PRESTES, 2015, p. 168).

É interessante destacar que Octavio Brandão participou da campanha internacional de libertação de Anita e Olga Benário, em abril de 1937 (que havia sido enviada para a Gestapo na Alemanha pelo governo de Getúlio Vargas). Olga estava grávida de Anita na prisão alemã, e Luiz Carlos Prestes isolado na prisão brasileira, enquanto Brandão tinha se deslocado de Moscou para Paris para se

121 Valná Brandão Tchudínova (2005, p. 44-45) faz uma primeira comparação da sua memória e imagem do seu pai Octavio Brandão e de Luiz Carlos Prestes: “Em quase todas as fotografias do Papai desta época (que guardo no meu arquivo), ele aparece com o aspecto de um homem martirizado e acossado: nas fotos em que fala às massas – esquelético; a foto de 1927 com as três filhas pequenas e a dedicatória de Laura: ‘longe dos olhos – junto do coração’, porque Octavio, fugindo às perseguições da polícia, vivia quase sempre arrancado ao lar, na clandestinidade ou preso.

Muito diferente foi a ‘trajetória’ de Luís Carlos Prestes. Quando ele entrou no PCB, em 1931, já era o célebre “Cavaleiro da Esperança”, aplaudido pela esquerda e pela ala liberal da direita. No período da Coluna Prestes, sem a menor dúvida, fora um herói, não há de negar. Mas depois...”.

encontrar com dona Leocádia¹²², mãe de Prestes. Brandão teve a importante tarefa de “articular e mobilizar a opinião pública internacional, enviando artigos e matérias sobre o caso” (AMARAL, 2007, p. 266). As percepções e memórias de Brandão sobre esse episódio se encontram no segundo volume de *Combates e Batalhas*, que ainda é inédito. João Quartim de Moraes (2014, p. 23) teve contato com essa obra e transcreve alguns trechos importantes:

Fui ver dona Leocádia, no Quartier Latin. Ouvi-a longamente. No final de sua exposição dolorosa, disse-lhe com certeza: “Saída existe!” [...] Passei três dias a ler recortes de jornais do Brasil. Recolhi as últimas notícias. E tomei as iniciativas. Dona Leocádia rompera todas as relações com o camarada Bonnet, dirigente do Socorro Vermelho Internacional em Paris. Recusava recebe-lo. [...] Tratei de reconciliar dona Leocádia com Bonnet. E ela, auxiliada por Lígia, passou a desenvolver nova atividade. Fez viagens a Berlim. Reivindicou diretamente à Gestapo que lhe entregasse a neta.

Em Paris, Dona Leocádia se reúne com o Socorro Vermelho Internacional e dá início a uma campanha para o resgate de Anita. Personalidades inglesas e belgas¹²³ ficaram responsáveis por reforçar essa reivindicação diante das autoridades alemãs. Moraes (2014, p. 24) transcreve outro trecho que Brandão narra sobre essa nova campanha:

Um cartaz enorme foi afixado nas ruas de Paris. Choveram os telegramas e as mensagens a Berlim. Delegações de personalidades inglesas e belgas foram à Gestapo. [...] Tantos esforços de tantas organizações, personalidades e publicações, foram coroados de um triunfo magnífico. Em Berlim, a Gestapo teve de entregar Anita Prestes à avó. Vitória excepcional.

122 João Quartim de Moraes transcreve alguns trechos do segundo volume de *Combates e Batalhas* em que Brandão descreve a sua percepção sobre dona Leocádia e, segundo a sua memória, a má orientação que estavam dando a ela: “exasperada e desesperada”, ela [dona Leocádia] “não via nenhuma saída”. É que, explica, a campanha tinha caído “em ponto morto”: levaram-na, a princípio, à Espanha Republicana, em vez de fazerem a campanha no Brasil, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na América Latina. Depois, abandonaram-na” (MORAES, 2014, p. 23).

123 Naquela ocasião, a Gestapo não receberia delegações francesas e espanholas e, por esta razão, foi estratégica a decisão de serem inglesas e belgas à frente da campanha: “Hitler naquele momento, queria ‘neutralizar’ a Inglaterra, enganar e adormecer os belgas até a hora da invasão. *L’Humanité*, *La Correspondance Internationale*, *Rundschau* e outras publicações difundiram pela Europa a infâmia dos hitlerianos, que mantinham na prisão uma brasileira recém-nascida” (MORAES, 2014, p. 24).

Brandão retorna a Moscou em 29 de agosto de 1937 com a incumbência de solicitar a intervenção da IC para a naturalização de Olga como cidadã soviética, com o objetivo de que se iniciasse uma nova campanha a favor de sua soltura. Esse recurso estratégico já tinha sido utilizado antes, em 1934, na libertação do búlgaro Georges Dimitrov. No entanto, Brandão faz uma séria acusação contra Fernando de Lacerda, de que este teria sabotado a campanha:

Fernando Lacerda continuava como “representante” do PCB. Esperava que eu fracasse em Paris. Ficou com raiva e ainda mais hostil quando a luta foi corada de vitória, com a libertação de Anita. Opôs-se categoricamente ao meu pedido relativo a Olga Benário. Alegou que se tratava de uma “provocação” de Brandão para agravar ainda mais as relações entre a União Soviética e a Alemanha nazista. Fernando fez tudo isso à socapa. Só vim a saber a trama 17 anos depois, quando ele foi interrogado no Brasil pela direção do PCB. Ignorando a trama, insisti tenazmente no meu pedido a favor de Olga Benário. Nada consegui. Veio a agressão da Alemanha hitleriana à União Soviética, em 1941. A Gestapo aproveitou a guerra e matou Olga. Portanto, o “representante” do PCB, Fernando de Lacerda, auxiliou de fato a Gestapo a assassinar Olga (apud MORAES, 2014, p. 24).

Para Moraes (2014, p. 24), mesmo que a conclusão de Brandão possa parecer exagerada, o seu relato é verdadeiro. Isso se justifica, pois o argumento de Fernando de Lacerda, apesar de suas intenções, tinha um propósito político. Para a União Soviética, era uma questão de ganhar tempo e adiar o conflito, que naquela altura era inevitável, mas seu objetivo se dava, principalmente, para manter o desenvolvimento industrial dos planos quinquenais, não pondo as suas conquistas em risco. E então surgiu a questão do conflito de Lacerda, “acusar Brandão de pôr em risco a segurança da União Soviética com sua campanha pela libertação de Olga Benário” (MORAES, 2014, p. 25). Depois disso, Brandão ainda teria participado da luta pela transferência de Luiz Carlos Prestes, que se encontrava em um cubículo na Polícia Especial para uma prisão comum (AMARAL, 2007, p. 266).

Valná Brandão Tchudínova (2005, p. 47) descreve ainda que a ida de Brandão para Paris, em 1937, teria contribuído para que ele escapasse “da sangria desatada nesta altura na URSS”, se referindo aos fuzilamentos e prisões promovidos por Stálin. Ela narra que Brandão atuou em Paris com o pseudônimo de “monsieur Mirandá” ao lado do Socorro Vermelho Internacional e de dona Leocádia, e qualifica essa vitória como: “brilhante, porque das garras da Gestapo

só se conseguiu arrancar duas pessoas: Dimítrov e Anita Prestes” (Valná Brandão Tchudínova, 2005, p. 47). Em seu relato, é interessante destacar a comparação da chegada e a instalação de sua família e da Prestes na URSS, as duas em 1931:

Um por menor. A família Prestes EMIGROU do Brasil para a União Soviética em 1931, quando Luíz Carlos ainda nem era membro do PCB. Em Moscou, esta família formada por seis membros (dona Leocádia e os seus cinco filhos adultos) foi instalada numa casa recém-construída (eram, na época, raríssimas na capital soviética, por causa da crise econômica no país causada pela “coletivização” no campo), num apartamento de sala, vários cômodos, com cozinha, banheiro e outras dependências. A família Brandão fora EXPULSA do Brasil em 1931 por razões exclusivamente políticas, já tendo Octavio Brandão nove anos de militância no PCB e a eleição para intendente municipal em 1928 (o primeiro parlamentar comunista na História do Brasil). Pois bem, a família, como ia dizendo, também se compunha de seis membros, quatro dos quais eram crianças pequenas e eu, recém-nascida em 1932. Entretanto, toda esta tropa foi instalada num QUARTO do velho hotel “Lux”. Era tão ordinário o tal quarto, que a primeira coisa de que me lembro na vida é um buraco no teto e a água pingando de cima numa bacia... Assim começou a DISCRIMINAÇÃO que duraria durante toda a vida de Octavio (TCHUDÍNOVA, 2005, p. 45).

Mesmo se considerarmos que Valná ainda era recém-nascida quando do relato acima, e o tom de ressentimento sobre as diferenças de tratamento dado à sua família e as dificuldades sofridas no Brasil e na Europa, ainda assim, é interessante destacar que essa imagem do ostracismo e de um tratamento menor para Brandão e seus familiares era uma constante, seja por ouvir histórias de seus parentes mais velhos ou por ter estado em posse e conhecimento dos documentos, livros e cartas de Brandão (a grande maioria desses textos inéditos, como o segundo volume de *Combates e Batalhas*). Valná Brandão Tchudínova (2005, p. 45-46) conta que, ao desembarcarem na Alemanha (em Bremen), instalaram-se na casa de Josias Leão, então Cônsul do Brasil naquele lugar, ex-membro, expulso do PCB. Por conta disso, em abril de 1932, denunciaram à Seção Latino-Americana da Internacional Comunista que Brandão, supostamente, teria ligações com o “traidor do proletariado”, Josias Leão. Apesar de não ter sido expulso, Brandão sofreu uma advertência e censura e foi impedido de participar de reuniões e congressos da IC, das quais ele mesmo solicitava participar. Tchudínova (2005, p. 46) descreve ainda a recusa de sua participação no VII Congresso da IC, em 1935, e os preparativos da ANL para a insurreição que planejavam para aquele mesmo ano:

Aparecera, pois, um belo pretexto para por OB à margem. Por exemplo, por ocasião do VII Congresso da Internacional Comunista celebrado em Moscou em 1935, conta meu Pai, na “Luta Libertadora”, “escolhido pelo PCB como delegado, fui recusado sem nenhuma explicação. Solicitei que me permitissem assistir às reuniões do Congresso. Recusado”.

Durante todos os preparativos todos os preparativos feitos pela Aliança Nacional Libertadora em Moscou para a insurreição armada no Brasil com Prestes à frente, Octavio Brandão foi posto à margem. Só depois da derrota desta intentona (que Octavio havia previsto e contra a qual havia alertado os companheiros soviéticos) é que o chamaram à IC e só aí decidiram que OB tinha condições políticas para voltar a trabalhar na IC.

Além das recusas de publicações e empecilhos pessoais e políticos, outro ponto que reforça o ostracismo da trajetória e das ideias políticas de Octavio Brandão: a própria postura político-cultural do PCB em relação à escrita da história partidária, logo, de seus personagens e ideias. Uma das principais questões diz respeito às condições materiais para tal feito, segundo Senna Júnior (2017), que afirma que o PCB postergou a missão de escrever uma “história oficial” do partido, pela dificuldade de levantar e organizar a documentação existente em meio a tantos enfrentamentos e perseguições políticas. Analisando a postura de Astrojildo Pereira, fundador e o principal dirigente do PCB na década de 1920, Senna Júnior afirma:

Foi o próprio Astrojildo que ainda em 1962, quando da publicação do seu *Formação do PCB*, que afirmou não se sentir muito animado com a perspectiva de vir a escrever uma história síntese do PCB, haja vista a dispersão da documentação existente e as condições adversas que a permanente ilegalidade havia imposto a um partido que necessitava “reduzir ao mínimo certos documentos”. Para o dirigente comunista o melhor a se fazer era aguardar que se elaborassem “monografias sobre determinados períodos da vida do Partido (e bem assim sobre o movimento sindical e outros movimentos de massa), coletâneas de documentos, depoimentos pessoais, memórias, reportagens etc.”. A “história [do PCB] propriamente dita”, segundo Astrojildo, viria “a seu tempo como construção científica resultante da reelaboração de todos esses trabalhos prévios” (SENNA JÚNIOR, 2017, p. 184-183).

É interessante ressaltar que essa postura de “esperar” um momento propício para a escrita da história dos comunistas e dos PCs foi adotada por outros militantes e intelectuais marxistas. Por exemplo, Gramsci faz uma afirmação muito semelhante

à de Astrojildo Pereira sobre a importância e a viabilidade das monografias, principalmente devido aos momentos de dificuldades políticas e de recursos vividos por esses grupos subalternos:

A história dos grupos sociais subalternos é necessariamente desagregada e episódica. É indubitável que, na atividade histórica destes grupos, existe tendência à unificação, ainda que em termos provisórios, mas esta tendência é continuamente rompida pela iniciativa dos grupos dominantes e, portanto, só pode ser demonstrada com o ciclo histórico encerrado, se este se encerra com sucesso. Os grupos subalternos sofrem sempre a iniciativa dos grupos dominantes, mesmo quando parecem vitoriosos, os grupos subalternos estão apenas em estado de defesa, sob alerta (pode-se demonstrar esta verdade com a história da Revolução Francesa, pelo menos até 1830). Por isto, todo traço de iniciativa autônoma por parte dos grupos subalternos deve ser de valor inestimável para o historiador integral; daí decorre que uma tal história só pode ser tratada através de monografias e que cada monografia demanda um acúmulo muito grande de materiais frequentemente difíceis de recolher (GRAMSCI, 2012, p. 135-136).

Sobre a memória construída do “legado” de Brandão, Amaral (2007, p. 251-252) chama a atenção que tanto a historiografia especializada e, sobretudo, a memória construída dentro do PCB estabelecem uma “hierarquia na geração pioneira do comunismo nacional”. Octavio Brandão foi descrito em diversas ocasiões como um personagem menor, enquanto Astrojildo Pereira ganhou um status de maior importância, como é possível ver na descrição do filósofo Leandro Konder (1981, p. 144-145):

Astrojildo e Brandão eram pessoas muito diferentes. Astrojildo era discreto, bem-humorado, aberto ao diálogo, acessível, indulgente, sensível às sutilezas e complexidades da condição humana e por isso mesmo grande admirador de Machado de Assis [...]. Brandão era um asceta, carismático, presunçoso, ostentava uma cultura que nunca chegou efetivamente a dominar, impunha esquemas simplificadores a realidades bastante complexas, fala como se fosse “dono” da revolução e – naturalmente – desprezava Machado de Assis, contra quem escreveu um livro: *O Niilista Machado de Assis*, ed. Organização Simões, 1958. Nos anos 20, porém, Brandão era mais inventivo que Astrojildo, mais audacioso intelectualmente, e coube a ele a primeira tentativa de interpretação da realidade brasileira à luz do marxismo.

Apesar de Konder reconhecer as iniciativas e a inventividade de Brandão como intérprete importante da realidade nacional e do marxismo, ainda assim o

coloca como inferior em relação a Astrojildo Pereira, destacando o gosto literário contrário dos dirigentes em relação a Machado de Assis. Já João Quartim de Moraes, diferentemente, defende a memória e o legado de Octávio Brandão, fazendo uma dura crítica a Leandro Konder. Em uma nota de rodapé da republicação de *Agrarismo e Industrialismo*, Moraes (2006, p. 16) contra-argumenta:

[...] a vulgar zombaria de Leandro Konder a respeito dos "ativistas revolucionários [...] que começavam a dar sinais de que estavam atacados pela mania de ser Lênin"; Brandão, em particular, teria sido, segundo o festejado marxólogo guanabarrino, "um Lênin que não deu certo". Ponderamos, em síntese, que cada um se define moralmente pelo que se considera "dar certo". No "sonho americano", por exemplo, dar certo é ficar mais rico do que o vizinho.

Já Leoncio Basbaum (1907-1969), integrante do Partido e da Juventude Comunista na década de 1920, escreve em suas memórias, *Uma Vida em Seis Tempos* (1976), o entusiasmo de quando era jovem com as ideias socialistas, e a sua admiração pelas duas figuras as quais encontrava nos bares cariocas que frequentava quando ainda era um estudante de medicina:

Lembro que Octavio era moreno, magro, de olhos fundos, tinha cara de conspirador anarquista clássico, tal como eu o imaginava, ao contrário de Astrojildo que tinha o rosto muito alvo, corado e com óculos de aro de metal, sempre risonho, tinha mais força comunicativa e ares de intelectual, sempre com livros e uma pastinha debaixo do braço e uma capa de chuva sobre os ombros. Tinha um grande senso de humor, gostava de dar risadas e tomar cerveja, coisa que raramente acontecia com Octavio, que só tomava leite. (BASBAUM, 1976, p. 37).

Essas perspectivas negativas sobre Octavio Brandão se dão por causa de um procedimento equivocado. O caso de Leandro Konder é o mais paradigmático, pois a sua análise é entrecortada pela tentativa de definir o que é "certo", "ideal", "correto", ou em acordo com uma suposta dialética "original", "pura", ou marxismo "verdadeiro". Na verdade, mesmo a tentativa de validar as ideias de Octavio Brandão, como a que mencionamos acima por João Quartim de Moraes, ocorreu dentro dos limites de uma análise moral em que se pesou na balança os "acertos" e "erros". Embora esse debate teórico-metodológico, de extrair novas leituras e

abordagens sobre ideias e autores considerados “ultrapassados” ou não mais relevantes possa ser validado por alguns, consideramos mais interessante aqui a relevância histórica e conjectural em torno da vida e obra do alagoano.

Embora haja um consenso sobre os erros conceituais e teóricos apropriados por Octavio Brandão do “marxismo-leninismo”, a importação de suas ideias marxistas e leninistas e sua aplicação de maneira apressada à realidade social brasileira se deu devido a um sentimento de urgência e de demanda do movimento operário daquele momento. Assim, foi encarada como necessária uma leitura rápida das ideias marxista-leninistas e das notícias da Revolução Russa para a construção de um projeto teórico e prático da ação política para os operários no Brasil na década de 1920, anunciando também o fim da Primeira República.

Portanto, podemos perceber que, apesar da importância da figura e do legado intelectual e político de Brandão, ainda há muitos fatos desconhecidos de sua vida e obra. Tanto em relação aos revezes sofridos durante a sua trajetória, como as prisões, o exílio, o ostracismo, omissões e a seleção sobre a sua vida na memória da política nacional, da Câmara do Rio de Janeiro, na sua atuação na campanha de soltura de Anita e Olga, quanto também ao desinteresse pela publicação de suas obras, os boicotes por parte de editores, o desinteresse dos acadêmicos e, até mesmo, dos camaradas próximos. Nosso trabalho pretende contribuir para preencher essa lacuna na historiografia sobre esse importante sujeito histórico que participou das fileiras do anarquismo, do comunismo, pioneiro da defesa do petróleo, farmacêutico de profissão, que foi um dos responsáveis pela introdução da dialética e do marxismo-leninismo no Brasil na década de 1920.

3.3. É possível escrever uma história dos comunistas brasileiros?

Contar histórias sempre foi a arte de conta-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.

Walter Benjamin¹²⁴

Os anos que se seguiram à queda do Muro de Berlim, em 1989, e o desmembramento da URSS, em 1991, foram acompanhados de uma série de

124 BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas*, volume 1: Magia e técnica, arte e política – Ensaaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 205.

mudanças no cenário geopolítico e no mercado internacional. Esses eventos foram seguidos por uma onda de debates acadêmicos em que se projetavam para o passado as preocupações daquele momento. Houve muitos críticos ao marxismo, liberais e anticomunistas, que alçaram sucesso editorial na época. Não foram poucos os que, assim como Francis Fukuyama¹²⁵, declararam “o fim da História”. O que se seguiu foi uma recusa e afastamento das abordagens e conceitos que adotavam uma interpretação a partir das estruturas socioeconômicas e da categoria de “classe”, para uma divisão das pautas sociais e temas dos quais grupos e movimentos políticos, mais individualizados e fragmentados, se apropriaram a partir de uma perspectiva mais liberal.

Em um texto de Eric Hobsbawm, de 1996, que se encontra em *Sobre história* (2013), e que se chama *É possível escrever a história da Revolução Russa?*, o historiador britânico faz um balanço historiográfico generalizante das abordagens feitas após os 80 anos da revolução, com a abertura dos Arquivos de Moscou. Nesse texto, Hobsbawm tece uma série de críticas à abordagem contrafactual que até aquele momento tinha sido uma forte tendência de abordagem metodológica sobre a temática. Sua crítica é direcionada tanto aos economistas que escrevem história e historiadores liberais, quanto aos historiadores simpáticos da Revolução de Outubro e, nesse sentido, não deixa de ser também uma autocrítica.

Embora sua resposta à pergunta “*é possível escrever a história da Revolução Russa?*”, talvez seja um tanto óbvia para aqueles que acompanham as suas obras¹²⁶, a principal preocupação exposta por Hobsbawm é com quais termos e condições essa história poderá ser feita. A pergunta seguinte indagada por ele é: “é possível a história definitiva de alguma coisa?” (HOBBSAWM, 2013, p. 332). Sua resposta agora é uma negativa. Alvaro Bianchi vai um pouco mais além, ao tratar da historiografia dos trotskismos brasileiros: “[...] não é possível escrever uma história definitiva e não é desejável escrever uma história oficial” (BIANCHI, 2012a, p. 361).

Basicamente, o grande postulado de sua fala é: “cada geração faz suas próprias perguntas novas sobre o passado” (HOBBSAWM, 2013, p. 332), sendo que esse raciocínio é importante para pensar não somente o objeto tratado por

125 Ver mais sobre as leituras do “fim da história” a partir de Fukuyama e sua crítica em: ANDERSON, Perry. *O Fim da História: De Hegel a Fukuyama*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

126 Ver a famosa polêmica entre Hobsbawm em sobre o bicentenário da Revolução Francesa em: HOBBSAWM, Eric. *Ecos da Marselhesa: dois séculos revêem a Revolução Francesa*. Companhia das Letras: São Paulo, 1996.

Hobsbawm, mas também as próprias condições que o levaram a chegar às conclusões expostas em sua fala. Nesse sentido, consideramos que uma análise que observe as ideias políticas dos intelectuais e militantes comunistas, no nosso caso as de Octavio Brandão, nos dão diversos indícios históricos de uma época. As próprias apropriações e leituras realizadas por pesquisas universitárias, ou por não acadêmicos, nos dão indícios das projeções e da conjuntura política e cultural do historiador ou de outros envolvidos. Michel Winock, em um artigo sobre o trabalho do historiador das ideias políticas, diz:

Já que a finalidade da história das ideias políticas não é mais oferecer os elementos quase intemporais de uma “cultura política”, e sim conhecer melhor os sistemas de representações das sociedades, o estudo desses sistemas tornou-se inseparável do dos aparelhos de produção e de mediação: não é apenas a ideia que age, é também o lugar de onde ela vem (WINOCK, 2003, p. 185).

Igualmente relevante é o esforço de Hobsbawm em criar entendimentos e pontos de consenso entre os historiadores especialistas no tema, sejam eles progressistas, liberais ou mesmo conservadores. Essa busca por consensos acadêmicos sobre as possibilidades de se escrever a história dos comunistas e da Revolução Russa também pode ser lida a partir das demandas, necessidades objetivas e materiais, a mentalidade e o imaginário da década de 1990. Hobsbawm declara que as dificuldades das questões que envolvem as pesquisas sobre esse tema, até aquele momento, não residiriam em provas e refutação, mas sim na problemática das possibilidades do que poderia ter acontecido (HOBBSAWM, 2013, p. 334). Algumas questões citadas por ele:

Era inevitável uma revolução na Rússia? O czarismo podia ter se salvado? Estaria a Rússia a caminho de um regime capitalista liberal em 1913? Uma vez ocorrida a revolução, dispomos de um conjunto ainda mais explosivo de contrafactuais. E se Lênin não tivesse voltado para a Rússia? A Revolução de Outubro teria sido evitada? O que teria acontecido na Rússia se ela tivesse sido evitada? Mais centrais aos marxistas: o que levou os bolcheviques a decidirem tomar o poder com um programa de revolução socialista obviamente irrealista? Deviam ter tomado o poder? E se a revolução europeia – ou seja, a revolução alemã, na qual apostavam suas fichas – tivesse acontecido? Os bolcheviques poderiam perder a Guerra Civil? Mas não fosse a Guerra Civil, como teriam se desenvolvido o Partido Bolchevique e a política soviética? Vencendo-a, havia alternativas para o retorno a uma economia de mercado sob a NEP (“Nova

Política Econômica”)? O que poderia ter acontecido se Lênin tivesse continuado em plena atividade? A lista não tem fim, e apenas mencionei algumas das questões contrafactuais óbvias do período até a morte de Lênin (HOBSEAWM, 2013, p. 335).

Com esse tipo de abordagem contrafactual, o que os historiadores conseguem fazer é tecer especulações, sugestões e hipóteses. Hobsbawm enumera três tipos de contrafactuais. A primeira ele considera inútil, embora recorrente em algumas abordagens devido ao seu fascínio, sobre o papel dos indivíduos, sobretudo Lenin e Stálin, na história da Revolução Russa. Sobre esse ponto ele afirma:

Podemos estabelecer os limites daquilo que tais indivíduos dotados de poder interno absoluto podem alcançar, ou de que maneira suas metas e políticas não eram específicas a si mesmos enquanto indivíduos, mas essenciais a seu tempo, lugar e situação. [...] Tudo o que se disse é: “as coisas teriam sido diferentes se Lênin não tivesse conseguido sair da Suíça até 1918”, ou, no extremo, “as coisas teriam sido muito diferentes” ou “não muito diferentes”. E não se pode ir mais longe, exceto na ficção (HOBSEAWM, 2013, p. 337-338).

Um segundo tipo de contrafactual é considerado por Hobsbawm mais útil para lidar com “polêmicas ideológicas”, e diz respeito às próprias expectativas e projeções de um determinado momento histórico em contraposição àquelas do historiador. Um exemplo disso é que nenhum observador sério da época tinha esperanças de que o czarismo conseguisse resistir durante muito tempo no século XX (HOBSEAWM, 2013, p. 338). Nem mesmo os liberais afirmaram com grande confiança que o Czar conseguiria fazer mudanças rumo a uma Rússia democrática-parlamentar e liberal, esse tipo de questão tendeu a ser uma necessidade de argumentos antimarxistas (HOBSEAWM, 2013, p. 339).

No entanto, os comunistas também criaram os seus mitos sobre a temática, como a “traição da Revolução Alemã de 1918 pelos líderes social-democratas moderados” (HOBSEAWM, 2013, p. 339). Para Hobsbawm, há um consenso acadêmico sobre essa questão, de que o cenário e as condições para uma revolução na Alemanha e na Rússia se deram de maneiras diferentes, além do que “uma revolução de outubro na Alemanha, ou algo semelhante, não era um risco sério e, portanto, não precisou ser traída” (HOBSEAWM, 2013, p. 340). Aqui há uma diferenciação importante dessa abordagem:

Penso que Lênin estava enganado ao apostar suas fichas em uma revolução alemã, mas não acho que ele pudesse ter percebido isso em 1917 ou 1918. Simplesmente não parecia provável. É nisso que a retrospectiva histórica difere da avaliação contemporânea das possibilidades. Se em política temos de tomar decisões, como Lênin teve, nós as tomamos conforme as percebemos – e para ele era natural percebê-las dessa maneira. Mas o passado aconteceu, a partida não pode ser jogada de novo e, por isso, podemos perceber as coisas com mais clareza (HOBBSAWM, 2013, p. 340-341).

O terceiro tipo de contrafactual diz respeito às alternativas consideradas em uma época como possíveis, em um sentido estratégico e motivacional, isto é, fornecendo inspiração para o futuro e respostas para o presente, ainda que momentâneas, se projetando assim no presente do próprio pesquisador. A dificuldade para o historiador que se debruça em questões desse tipo são as conclusões valorativas, que pouco informam o leitor, como achar que Kamenev estava certo ou que Lênin estava errado. Sobre essa questão Hobsbawm afirma:

Estamos dizendo: se nos encontrássemos nessa situação hoje, deveríamos adotar sua opinião. Estamos falando do jogo agora ou no futuro, não do jogo em 1917, cujo placar não pode mais ser alterado. E, mais uma vez, o que exatamente estamos dizendo, se decidirmos, retrospectivamente, que teria sido melhor, digamos, se os bolcheviques não tivessem se envolvido, com efeito, no governo de partido único? [...] O fato de que teria sido melhor se da revolução tivesse brotado uma Rússia democrática é algo com que a maioria das pessoas concordaria. Mas é uma proposição sobre nossas ideias políticas e não sobre a história. Em 1917, outubro veio depois de fevereiro. A história deve partir do que aconteceu. O resto é especulação (HOBBSAWM, 2013, p. 342).

O grande problema da história contrafactual apontada por Eric Hobsbawm é que ela se baseia nas possibilidades do que poderia ter sido, resumido na famosa pergunta “e se?”, e não em evidências documentais e em discussões baseadas em provas e refutações, nem mesmo nas diversas narrativas e visões dos sujeitos históricos. O pano de fundo, na verdade, são as próprias projeções que os historiadores fazem.

Esse tipo de pergunta influencia diretamente as análises sobre a história dos comunistas e marxistas brasileiros e sobre as percepções e projeções políticas, inclusive o debate sobre a figura e a memória de Octavio Brandão, como já apresentamos nos tópicos anteriores deste capítulo. Por exemplo, como quando

algum comentarista diz que os comunistas do início do século XX estavam errados, ou que poderiam ter se posicionado de maneiras diferentes se Brandão tivesse lido Rosa Luxemburgo, ou Antonio Gramsci, ou Georg Lukács, e que não teriam errado na aplicação do método dialético ou do conceito de luta de classes, ou de qualquer outra abordagem teórica. Esse tipo de análise ignora quase que por completo as necessidades concretas, as condições materiais, a mentalidade, o imaginário e os recursos linguísticos de uma época, isto é, como aqueles sujeitos históricos leram o seu próprio tempo. Esse tipo de abordagem ignora também a fortuna editorial das publicações disponíveis e o seu acesso em determinado contexto histórico¹²⁷.

Apesar de Hobsbawm estar certo que o “jogo” da história não pode ser refeito, as interpretações sobre a história estão em permanente disputa e elas mesmas nos servem de indícios importantes para a análise histórica de uma época. Discordamos de que as “metas e intenções” de grupos sociais e políticos, como também as estratégias e práticas, não devam ser considerados pelo historiador (HOBSEBWM, 2013, p. 342). As próprias expectativas de Brandão com as estratégias e alianças que deveriam ser feitas pelo PCB, sua perspectiva sobre a revolução e a disputa entre o que chamou de *Agrarismo e Industrialismo*, as suas mudanças políticas e intelectuais na sua transição do anarquismo para o comunismo (elementos já tratados nos capítulos anteriores) são indícios reveladores sobre a história dos comunistas brasileiros. Hobsbawm afirma que apesar de quaisquer expectativas e esperanças, essas se davam a partir das necessidades e das condições concretas do presente, contrariando assim as críticas que acusam de deterministas as interpretações marxistas:

Quem poderia se permitir considerar as possíveis consequências de longo prazo de decisões que tinham de ser tomadas *agora*, caso contrário, a Revolução chegaria ao fim e não haveria nenhuma consequência ulterior a ser considerada? Nada estava predeterminado. A qualquer momento as coisas poderiam dar errado (HOBSEBWM, 2013, p. 343, grifo do autor).

Entre as principais conclusões de Hobsbawm, está a diferenciação entre a história da Revolução Russa e a história de seu impacto no mundo. E é nesse

127 Sobre a estrutura editorial, imprensa, livrarias e edições comunistas no Brasil, recomendo ver em: LACERDA, Felipe Castilho de. *Octávio Brandão e as matrizes intelectuais do marxismo no Brasil: 1919-1929*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

sentido que, embora possa haver paralelos e influências diretas de Moscou, a história dos comunistas e marxistas brasileiros (no caso Octavio Brandão e o PCB) é própria e se dá de maneira autônoma e independente dos governos soviéticos, mesmo que esses tenham exercido forte influência em determinados momentos, como nos dirigentes obreiristas e estalinistas da década de 1930. Leandro Konder (1988, p. 129), apesar de suas críticas a Octavio Brandão, defende que durante os primeiros anos do PCB, houve, de fato, essa autonomia organizativa e teórica do PCB em relação à IC:

Há, no entanto, um ponto no qual Zaidan nos parece estar, substancialmente, com razão: é na convicção que ele tem da escassa importância prática da ação direta da Internacional Comunista sobre o PCB no período em que este foi fundado. O que se empreendeu, na época, dependia de decisões tomadas aqui, com absoluta autonomia e sob completa responsabilidade de ativistas do movimento operário brasileiro. A influência exercida pela Internacional Comunista consistia apenas no fato de ela ter sido criada, no fato de ela existir e de ela esperar que os comunistas brasileiros se organizassem. O PCB não foi criado pela IC: foi criado por gente que atuava no nosso país, que se orientava em função da nossa realidade.

O primeiro grupo dirigente do PCB, que funda o partido em 1922, e permanece até 1930, é marcado por uma *episteme* própria, em condições históricas específicas na conjuntura dos últimos anos da Primeira República, muito diferente do grupo dirigente que assume a partir de 1930, em um outro momento histórico, sob uma outra *episteme* (com marcas da experiência da década de 1920, mas com o objetivo de se diferenciar do grupo em torno de Astrojildo e Brandão), marcado pela Era Vargas na conjuntura nacional e pelo stalinismo nas diretrizes da Internacional e da URSS.

A segunda conclusão de Hobsbawm é de que é necessário que os próprios povos ex-soviéticos e aqueles sob governos socialistas e ex-socialistas façam a sua avaliação sobre os eventos de 1917 e os seus desdobramentos (incluimos aqui os partidários do movimento comunista de países, como o Brasil, que nunca tiveram um governo socialista). Para o resto do mundo, caberá lidar com os diversos paradoxos e polêmicas que cercam a temática. Por exemplo, o fato de o mesmo indivíduo, Stálin, com quem os povos soviéticos conviveram era também visto no exterior segundo suas próprias representações: o Stálin tido como libertador para

uns era o tirano para outros. Assim, é impossível imaginar um consenso entre a comunidade acadêmica, pois a temática da Revolução Francesa “continuará a dividir opiniões” (HOBBSAWM, 2013, p. 345-346). No entanto, essas contradições não podem ser ignoradas por historiadores sérios em prol de interpretações moralistas ou de reducionismos dicotômicos, ou mesmo em nome de uma suposta interpretação “neutra” e “apartidária”.

Paralelamente, podemos traçar uma reflexão sobre os militantes e marxistas brasileiros. O fato de uma tese se autoproclamar “neutra”, “apolítica”, “isenta” ou “apartidária”, não a faz menos “ideológica” ou menos orientada politicamente. É interessante que esse tipo de interpretação, por vezes, cai em posições positivistas e anacrônicas, mesmo quando criticam essas posições. Alvaro Bianchi afirma: “sempre que alguém reivindicou a neutralidade dos fatos, procurou imputar-lhes um sentido ou uma tese externa aos próprios fatos” (BIANCHI, 2012, p. 362).

É muito recorrente perceber críticas tanto de políticos, quanto dos próprios pesquisadores acadêmicos, sobre as escolhas e posições políticas dos historiadores e demais especialistas das humanidades, tais como o próprio Hobsbawm, e também Paulo Freire, Caio Prado Júnior, entre tantos outros. Os próprios textos de Octavio Brandão sofreram uma dupla acusação: de serem textos “bolcheviques” e por serem textos escritos por não-acadêmicos. Bianchi defende as produções feitas por militantes políticos:

O fato de querer fazer uma historiografia militante não diminui a exigência de rigor na pesquisa. Ela, pelo contrário, se torna maior [...]. Para trabalhar partidariamente a historiografia de uma tendência que se manteve marginal, porém irreduzível, é necessário construir solidamente o corpus da pesquisa e manter um rumo teórico que permita organizar, apresentar e discutir as fontes de pesquisa de modo adequado. A pesquisa historiográfica não é um exercício por meio do qual o investigador torce a realidade de acordo com sua vontade para fazê-la caber em caixinhas previamente organizadas. A diferença entre a boa e a má historiografia está na adequação da primeira à realidade (BIANCHI, 2012, p. 362).

Retomando, as ideias expostas por Hobsbawm na sua fala de 1996 têm um certo impacto e ressonância entre os historiadores de temáticas próximas à Revolução Russa e à história dos comunistas no mundo. Em 2008, foi escrito um texto, de mesmo título que o do historiador britânico, com o subtítulo *Uma reposta*

tardia a Eric Hobsbawm, pelo historiador estadunidense Kevin Murphy. Em 2012, é publicado o artigo *É possível escrever a história recente do trotskismo brasileiro?*, pelo cientista político da Unicamp Alvaro Bianchi, e em 2017, é publicado o artigo *Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros?*, do historiador Carlos Zacarias de Sena Júnior. O que todos esses artigos têm em comum é o interesse em pensar nas possibilidades de abordagens e métodos de se fazer a história dos comunistas, mostrando que esse não é um tema esquecido ou superado, de modo a mostrar a sua resiliência e atualidade, além de mapear as dificuldades que os historiadores do tema encontram no decorrer de suas pesquisas, e, ademais, a relação dessas pesquisas com o momento histórico de suas elaborações.

Vinte e um anos depois do artigo de Eric Hobsbawm, no ano do centenário da Revolução Russa, uma série de eventos acadêmicos, livros e artigos foram propostos com o objetivo de refletir criticamente sobre uma das principais revoluções do século XX, e foi nesse contexto que o artigo do professor Carlos Zacarias de Sena Júnior (2017) se inspirou. Nesse artigo, Senna Júnior propõe refletir sobre as disputas da história e da memória dos comunistas brasileiros a partir da polêmica do historiador estadunidense Kevin Murphy e da fala de Hobsbawm.

Recorrendo à premissa de que cada geração faz as suas próprias perguntas sobre o passado, Hobsbawm, mesmo sendo um marxista e ex-membro do Partido Comunista da Grã-Bretanha (PCGB), e apesar de ter negado as continuidades políticas e estratégicas da Revolução Russa e do leninismo com o regime stalinista, fez uma série de concessões às interpretações dos historiadores anticomunistas e contrários ao marxismo, segundo a leitura de Sena Júnior (2017, p. 176). O posicionamento de Hobsbawm corroboraria assim para “as teses sobre a validade universal da democracia ou sobre a superioridade deste regime diante de qualquer outro” e, nesse sentido, essa leitura seria um reflexo das demandas sociais e anseios políticos que existiam após a queda do chamado “socialismo real” na década de 1990 (SENA JÚNIOR, 2017, p. 176-177).

O historiador estadunidense Kevin Murphy (2008) defende que o autor de *A Era dos Extremos* adotou uma perspectiva inconsistente sobre a Revolução Russa, baseada nos reflexos da historiografia conservadora e antimarxista da década de 1990 (SENA JÚNIOR, 2013, p. 177). Por exemplo, apesar de indicar algumas discordâncias, Eric Hobsbawm elogia a obra de Orlando Figes, *A tragédia de um povo*, classificando-a como “excelente”. A ressignificação da memória e da história

sobre a Revolução Russa na década de 1990 também selecionou obras consideradas “válidas” pela historiografia oficial, como a de Orlando Figes, e também colocou outros tantos autores na penumbra por serem considerados “ideológicos”, ou mesmo por terem criado interpretações “apaixonadas”, como as de Victor Serge, Pierre Broué, Tony Cliff e Ernest Mandel (SENA JÚNIOR, 2017, p. 178). Essa lógica é a mesma que, pelo menos em parte, explica o silenciamento de autores comunistas e marxistas, principalmente os não-acadêmicos, os que não obtiveram sucesso editorial, e os que estão temporalmente mais afastados das condições materiais e conjunturais de décadas anteriores ao regime militar de 1934 ou da era Vargas, isto é, os que militaram em períodos mais longínquos dos desenvolvimentos universitários ocorrido na década de XX, tais como Octavio Brandão. Sena Júnior (2017, p. 178) afirma:

Não obstante, parece não haver dúvidas que a historiografia mais recente, pelo menos a parte celebrizada pelos editores e leitores leigos, optou por desprezar tal literatura ou atribuir a estes escritos o caráter parcial e ideológico, portanto não passível de aceitação por historiadores da academia. Por conta disto, não raro, teses como a do “totalitarismo” foram reabilitadas e fortalecidas por historiadores que, nos últimos tempos, optaram por se desvincular de qualquer tradição marxista e promover o ajuste de contas da memória com a história da geração pós-queda do Muro de Berlim. Mas este pode ser considerado um procedimento legítimo?

Segundo Kevin Murphy (2008), após dez anos da fala de Hobsbawm, nenhuma grande descoberta sobre a Revolução Russa teria ocorrido, pelo menos não substancialmente, mesmo com as grandes expectativas que havia com a abertura dos arquivos da ex-União Soviética. Bruno Groppo, um historiador assumidamente revisionista, e Bernard Pudal fazem semelhante avaliação sobre a abertura dos arquivos, de que a maior contribuição ao acesso dessas fontes foi mais para corrigir questões secundárias e completá-las do que de trazer novas revelações ou interpretações diferentes das que já haviam sido realizadas até aquele momento (GROPPO; PUDAL, 2004, p. 24 *apud* SENA JÚNIOR, 2017, p. 178-179).

A conclusão de Kevin Murphy acerca dos caminhos da pesquisa sobre a Revolução Russa é de que, no pós-década de 1990, as pesquisas não tiveram como base a discussão das fontes e de novas evidências históricas, mas tiveram como eixo norteador os problemas políticos e ideológicos do presente. As interpretações

que se mantiveram estão muito mais ligadas à memória e aos afetos do momento em que foram produzidas do que resultadas de novas evidências documentais. Sena Júnior (2017, p. 195) observa que:

Isso porque, em parte pela reedição das guerras imperialistas, insurreições, revoluções e golpes de Estado que padronizaram as mudanças políticas durante a modernidade, em parte porque governos identificados com a esquerda alcançaram o poder em diversos países, alguns dos quais foram depois derrubados por diversas espécies de golpes, considerando que o interesse pelo passado se move na medida das questões colocadas pelo presente, as novas gerações seguem fazendo perguntas sobre padrões de transformação e sobre as regularidades históricas da mesma forma com que se perguntam sobre as possibilidades de se fazer uma história dos comunistas, das revoluções e das utopias do século XX.

Como mostramos durante todo este capítulo, o debate sobre as ideias e a trajetória de Octavio Brandão passa por questões que foram por muito tempo ignoradas, como a relação da construção da sua figura e da memória com a historiografia dos comunistas, seja a relacionada aos impactos da Revolução de 1917 no mundo, ou àquelas relacionadas à historiografia do movimento operário e do trabalho no Brasil. Além das próprias mudanças internas no PCB e na Internacional e as relações políticas entre os dirigentes do partido, as quais impactaram diretamente os rumos da trajetória de Brandão. É importante frisar que a nossa análise considera Brandão como um elemento histórico e político importante sobre as relações dos comunistas brasileiros com a IC e as relações internas de poder no PCB, reforçando os elementos de contradição, disputas, discordância de ideias, e a autonomia que o “partidão” tinha em relação às instituições soviéticas. Nossa questão não é a de reabilitar ou de desconstruir as ideias políticas de Brandão, não tomamos aqui a posição de advogar a favor ou em oposição ao indivíduo, mas sim de analisar um sujeito que consideramos peça-chave para diversas questões em torno da história política e nacional dos comunistas e marxistas brasileiros, assim como um sujeito-chave para a compreensão do movimento operário e dos grupos subalternos na passagem da chamada República Velha à Era Vargas.

Conclusão

Em março de 1931, ofereceram-me um emprego estranho: ser servente do Instituto dos Surdos-Mudos. Disseram-me com ironia e realismo: - No Brasil, você só terá liberdade de propaganda entre os surdos e mudos.

Octavio Brandão¹²⁸.

Com muita frequência ideias ou crenças originais são consideradas, por definição, produto das classes superiores, e sua difusão entre as classes subalternas um fato mecânico de escasso ou mesmo de nenhum interesse; como se não bastasse, enfatiza-se presunçosamente a “deterioração”, a “deformação”, que tais ideias ou crenças sofreram durante o processo de transmissão.

Carlo Ginzburg¹²⁹

Existe uma certa facilidade de encontrar opiniões que defendam que muito foi dito sobre os comunistas, de modo que, supostamente, teria sido dada muita importância à militância e à participação política do PCB no cenário nacional. Em termos de número de militantes associados e de desempenho eleitoral, os primeiros anos do PCB foram bem limitados. No entanto, a história do PCB na década de 1920 e 1930 mostra muito mais do que somente a questão das eleições e número de militantes. A iniciativa dos brasileiros em criar um partido comunista, compreendida como uma necessidade das demandas históricas daquele contexto, como os limites das ações de anarquistas, anarcossindicalistas e social-democratas, somada ao entusiasmo com as notícias e conquistas dos russos soviéticos, a introdução ainda que lenta da literatura marxista e leninista, e as tentativas de aproximação e reconhecimento do PCB pela Comintern, mostram particularidades do movimento operário e das relações internacionais, aspectos geopolíticos e de circulação de ideias, que vão muito além do debate sobre eleições e o tamanho de uma agremiação.

Se é verdade que o PCB foi um partido pequeno, por outro lado, o historiador não deve colocar obstáculos em sua própria pesquisa de modo a excluir as

¹²⁸ Ver em: BRANDÃO, 1978, p. 400.

¹²⁹ Ver em: GIZBURG, Carlo. O Queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

possibilidades que um tema ou abordagem podem lhe fornecer. É contraproducente excluir a história do PCB e, do nosso caso, a produção intelectual e a trajetória militante de Octavio Brandão por causa do tamanho de filiados, sucessos eleitorais e, principalmente, de supostos “erros” teóricos ou de “derrotas”, que são reveladores pela perspectiva histórica.

Entendemos que a dimensão do político vai muito além das instâncias institucionais ou dos grandes personagens das histórias de campanhas bélicas e linhas sucessoras. Mesmo que Brandão não tenha ganhado destaque nas pesquisas acadêmicas ou reconhecimento como parte do cânone literário¹³⁰, o que pretendi mostrar durante a dissertação é que esse autor é de extrema relevância quando interpretado como uma das possibilidades de leitura da história política e cultural brasileira. Assim sendo, concordamos com afirmação da historiadora Marieta de Moraes Ferreira (1992, p. 268):

A nova história política [...] ao se ocupar do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, no jogo político, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegendo as massas como seu objeto central. Seu interesse não está voltado para a curta duração, mas para uma pluralidade de ritmos que combina o instantâneo e o extremamente lento. Para Remond, há um conjunto de fatos que se sucedem em um ritmo rápido e aos quais correspondem datas precisas, mas outros fatos se inscrevem em uma duração mais longa – é a história das formações políticas e das ideologias, em que o estudo da cultura política ocupa um lugar importante para a reflexão e explicação dos fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo de longa duração.

Esse entrelaçar das diferentes durações e ritmos justifica o motivo do nosso recorte temporal, sobre Octavio Brandão, ser ao mesmo tempo sobre o período de 1922 a 1930 e também o período posterior em que repercutiram as suas ações políticas e suas ideias, como tratado no terceiro capítulo. A própria construção da

¹³⁰ Consideramos que vários historiadores, sociólogos, antropólogos e críticos literários foram consagrados importantes ensaístas e escritores, que foram descritores por muitas vezes como cânone literário ou cânone do pensamento brasileiro, além de referências teóricas para os estudos sobre a realidade brasileira, tais como: Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freire, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Darcy Ribeiro, entre outros. Em uma obra organizada por Lincoln Secco e Luiz Bernardo Pericás em 2014, intitulada *Intérpretes do Brasil*, teve o primeiro capítulo sobre Octavio Brandão e escrito por João Quartim de Moraes. Mais uma vez, percebemos um reconhecimento tardio das ideias de Brandão. Ver mais em: PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira. *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

memória do PCB (como também da historiografia do movimento operário e dos comunistas internacionalmente) é um lugar social de disputas e em constante debate e flutuações. Brandão também ocupa um espaço na memória partidária e nas pesquisas acadêmicas, espaço esse que nos fornece elementos das relações sociais e de poder durante o século XX e início do XXI. O historiador Claudio Batalha ao tratar das mudanças historiográficas dos anos 1950 a 2000, sobre a classe operária (incluimos aqui o lugar ocupado de Brandão na historiografia e na memória social), diz:

Deixando, desde já, claro que as mudanças ocorridas na interpretação da história operária ao longo desse período, refletem não apenas a evolução teórica e metodológica que se processou nesse campo de estudos, mas também a conjuntura política atravessada (BATALHA, 2001, p. 145).

É nesse sentido que consideramos a originalidade e pioneirismo de Octavio Brandão na conjuntura política do PCB, do ano de fundação em 1922 até o seu exílio em 1931. De 1922 a 1924, Brandão fez esforços teóricos para romper com a sua formação ideológica e cultural com a experiência anarquista que havia militado. Em seus escritos *Mundos Fragmentarios* (1922) e *Russia Proletaria* (1923/1924) é possível identificar os esforços do recém comunista em estudar e divulgar o paradigma da Rússia soviética, da defesa das lutas bolcheviques, ao mesmo tempo que mantinha elementos de sua formação libertária e mística: a luta contra o obscurantismo das religiões e crenças (sobretudo o catolicismo), a busca por uma moral superior inspirado em Nietzsche, a valorização de elementos da antiguidade como os da Índia antiga, a crítica ao positivismo (apesar de ser influenciado por interpretações positivistas), a crítica aos literatos burgueses e figuras públicas de importância nacional (como Rui Barbosa), a crítica ao contrato do casamento civil, além de outros elementos apontados no primeiro capítulo. O que se observava nessa “conversão” ideológica e militante de Brandão era representativo de uma mudança de perspectiva no movimento operário.

Entre os anos de 1924 a 1929, já apresentado como um teórico e membro dirigente (e influente) dentro do PCB, Brandão destaca-se em um período de pouca participação ou interesse da Comintern nas questões brasileiras. Brandão, inspirado na leitura sobre a luta de classes e o imperialismo na concepção de Lenin, e num reducionismo apressado da dialética hegeliano-marxista aplicada às revoltas

tenentistas, se esforçou em criar uma teoria que orientasse uma estratégia de ação e organização de aproximação entre o proletariado com a pequena-burguesia, possibilitando uma força contra o agrarismo dos coronéis e latifundiários brasileiros (incentivados pela influência imperialista britânica e norte-americana). Esse papel de Brandão foi possível devido as poucas intervenções da Internacional, cenário político que é revertido nos fins de 1929 e início de 1930, como mostramos no segundo capítulo. O que se percebe, é que os comunistas brasileiros até 1929 estiveram envoltos em seus próprios conflitos e questões internas, indicando assim uma autonomia reinante até o início da hegemonia da ala stalinista e obreirista na Internacional e nos seus representantes da América Latina.

Nesse sentido, Zaidan Filho (, 1985, pp. 46-47) coloca que entre 1925 e 1929 há uma brusca mudança de orientação política e de formulação do PCB em decorrência das reviravoltas no interior do Movimento Comunista Internacional:

Quem compulsar as resoluções partidárias do PCB referentes ao seu II e III Congressos (1925-1928-9), há de se deparar com uma radical mudança no que diz respeito à importância de elementos tais como: capitalismo agrário semifeudal, capitalismo industrial moderno, movimentos pequeno-burgueses, imperialismo, agrarista, burguesia industrial, pequena burguesia, classe operária e campesinato. Isto porque, enquanto as resoluções relativas à “situação política nacional” do II Congresso (16-18/05/25) estavam baseadas no original trabalho de Octavio Brandão: *Agrarismo x Industrialismo. Ensaio Marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classe no Brasil*, as do III Congresso (12-28/04/29) já se inspiram mais diretamente no informe apresentado pelo Secretariado Latino da IC no VI Congresso do Komintern, “sobre os países da América Latina”. É possível acompanhar a mudança da política através de um pequeno estudo sobre a importância diferencial que ganham, nas diferentes resoluções partidárias, “a questão democrática” e “questão nacional” (ZAIDAN FILHO, 1985, pp. 46-47).

Desse modo, a nossa pesquisa buscou apresentar uma explicação para o ostracismo da memória e do legado intelectual de Octavio Brandão, de modo que também se possa perceber alguns elementos de sua trajetória e de sua produção intelectual, como também de relacioná-las à conjuntura política e social dos militantes comunistas da década de 1920.

Cronologia sobre Octavio Brandão e o PCB

- 12 de setembro 1896: Nascimento de OB na cidade de Viçosa (AL).
- 18 de junho de 1990: Falecimento de Maria Loureiro Brandão Rego, mãe de OB.
- 1911: Falecimento de Manoel Corrêa de Mello Rego, pai de OB.
- 1912: ano em que OB dá início ao curso de farmácia na Escola de Farmácia do Recife, se formando em 1914.
- 1915: OB organiza uma farmácia (chamada de *Pasteur*) em Maceió onde pratica a sua profissão de formação até 1919.
- 1916: OB escreve um artigo intitulado “O Vocabulário Sumaúma”. Nesse mesmo ano inicia suas viagens para realizar a sua pesquisa que resultará na obra *Canais e Lagoas*.
- 1918: OB é preso na cadeia de Maceió, sendo depois obrigado a se mudar de Alagoas devido a ameaças de morte.
- 1918: É promulgada a primeira constituição soviética.
- 1919: OB muda-se para o Rio de Janeiro. Em Outubro publica o seu livro *Canais Alagoas*.
- 1920: II Congresso da Internacional Comunista em Moscou (estipula 21 condições de admissão na Internacional Comunista). Nesse mesmo ano OB publica o folheto *Despertar! Verbo de Combate e de energia* e outra obra chamada *Veda do mundo novo*.
- 1921: Casamento de OB com a poetisa e professora Laura da Fonseca e Silva.
- 1921: Fim da Guerra Civil em Rússia e lançamento da política econômica NEP.
- 26, 26 e 27 de março 1922: O congresso de fundação do PCB
- 1922: OB publica o texto *Mundos Fragmentários*. Também se torna filiado ao PCB. Ano de nascimento da primeira filha de Brandão e Laura, Sátva.
- 1923: OB publica a sua tradução para o português *O manifesto comunista* de Marx e Engels. Ano de nascimento da segunda filha de Brandão e Laura, Vólia.
- 1924: Publicação do livro *Rússia Proletária*.
- 1924: Formação da URSS e promulgada a segunda constituição soviética. Morre Lênin.
- 16, 17 e 18 de maio de 1925: O II Congresso do PCB

- Fundação do jornal *A Classe Operária*. Nasceu a terceira filha de Laura e Octavio, Dionysa.
- 1926: Publicação da versão final de *Agrarismo e Industrialismo*, com o pseudônimo de Fritz Mayer.
- 1927: Brandão assume como redator-chefe do jornal *A Nação*.
- 1927: Trotsky é expulso do partido e se exila no atual Cazaquistão. Mais tarde, em 1929, é oficialmente expulso da URSS.
- Dezembro de 1928 a janeiro de 1929: O III Congresso do PCB. Brandão e Laura participam da reorganização do Bloco Operário e Camponês
- 1928-1930: Brandão é eleito intendente (vereador) na cidade do rio de janeiro.
- 1929: Início das políticas stalinistas de coletivização dos meios de produção do campo e da resistência, conflitos e deportações de kulaks. Losurdo¹³¹ definiu essas lutas como “segunda guerra civil”.
- 1931-1946: Brandão e sua família são deportados para a Europa.
- 1936: Promulgada a terceira constituição soviética.
- 1936-1938: Os eventos na Rússia conhecidos por Processos de Moscou e o grande expurgo.
- 1977: Promulgada a quarta constituição soviética.
- 1978: É publicado a primeira parte da autobiografia de Octavio Brandão intitulado *Combates e Batalhas*. A segunda parte continuai inédita, mas cópias da continuidade da autobiografia se encontravam em posse das filhas de Brandão, Valná Brandão Tchudínova e Dionysa Brandão Rocha.

¹³¹ Ver mais em: MORAES, João Quartim de. Estudo Introdutório. In Losurdo: Presença e Permanência. MORAES, João Quartim de (org.). São Paulo, SP, SP: Anita Garibaldi, 2020. pp. 47-48.

Fontes

Cartas, homenagens e relatos memorialísticos

Fernando Henrique Cardoso. Prefácio. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 15-18.

Jorge Mateus de Lima. Minhas Memórias. In Prefácio. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 19-21.

Maria Júlia Coutinho. O que penso sobre Octavio Brandão. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 22-23.

Vólia Brandão de Miguelena. Algo da vida dos meus pais – como são na minha memória. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp.24-26.

Valná Brandão Tchudínova. Lembrar-me do meu pai é sempre, para mim, uma dor. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 27-29.

Valná Brandão Tchudínova. Recordando o meu pai (duas partes). GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 30-53.

Dionysa Brandão Rocha. Sobre Octavio Brandão – alguns fragmentos. GUEDES, J.R. (org.). Cartas de Octavio Brandão: memória. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 54-56.

Octavio Brandão. Materiais Destruídos, Queimados, Confiscados. AEL. 1942. n.p.

Octavio Brandão. Carta de Brandão a Caio Prado Júnior. AEL. 17/12/1948.

Caio Prado Júnior. Carta resposta de Caio Prado Júnior a Octavio Brandão. AEL. 06/01/1949.

Periódicos

Cambará, Isa. “Depoimento de Otávio Brandão”. In Caderno Ilustrada. Folha de São Paulo, 16.07.1978, p. 59.

KONDER, Leandro. Octavio Brandão: O Lênin que não deu certo. In Caderno Folhetim, Folha de São Paulo, 23 de junho de 1985. pp. 6-8. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=9177&keyword=KONDER&anchor=4>

151204&origem=busca&pd=34b3b478aa2e507a7f8501428151b77c. Acessado em 10 de maio de 2019.

Escritos de Octavio Brandão

BRANDÃO, Octavio. A Política de Quadros. In *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 26 de outubro de 1956, Ano IX, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-popular/108081>. Acessado em 26 de outubro de 2020.

_____. A Política de Quadros (Conclusão). In *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 27 de outubro de 1956, Ano IX, p. 3. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/imprensa-popular/108081>. Acessado em 26 de outubro de 2020.

_____. A vida de um escritor. Rio de Janeiro: 12 de dezembro de 1970. In GUEDES, J.R. (org.). *Cartas de Octavio Brandão: memória*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005. pp. 70-116.

_____. *Agrarismo e Industrialismo: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*. 2. Ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

_____. *As Forças Encadeadas*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1995.

_____. *Combates e Batalhas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

BRANDÃO, Octavio. “O proletariado perante a revolução democrática pequeno-burguesa”. *Autocrítica* (8): 12-15, 1928. In ZAIDAN, Michel. *PCB (1922-1929): na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985, pp.121-132.

_____. O proletariado perante a revolução democrático pequeno-burguesa. In ZAIDAN FILHO, Michael. *PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional*. São Paulo: Global, 1985. pp. 121-132.

Catálogos e coletâneas de documentos

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH. *Catálogo do Fundo Octavio Brandão*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH/AEL, 2013. (Coleção Instrumentos de Pesquisa, 6).

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH. *Catálogo do Fundo Octavio Brandão*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH/AEL, 2014. (Coleção Instrumentos de Pesquisa, 7).

GUEDES, J.R. (org.). *Cartas de Octavio Brandão: memória*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005.

Entrevistas e depoimentos

“Octavio Brandão e as lutas de seu tempo”. Depoimento em vídeo dado ao Arquivo Edgard Leuenroth. Arquivo Edgard Leuenroth, IFCH/UNICAMP, duração de 42’57”, 1978. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=v-X2fmgoU&t=10s>. Acessado em 13 de setembro de 2018.

REGO, Otávio Brandão. *Otávio Brandão (depoimento, 1977)*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1993. 139 p. dat.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Roberto Mansilla. **Uma memória silenciada. Ideias, lutas e desilusões na vida do revolucionário Octavio Brandão (1917-1980)**. Dissertação de metrado, ICHF/Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

_____. Astrojildo Pereira e Octavio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (orgs.). **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 249-272.

AZEVEDO, Denilton Novais. **A trajetória de vida e as ideias políticas do intelectual revolucionário Octavio Brandão (1896-1931)**. Dissertação de metrado, UEM, Maringá, 2013.

BADARÓ MATTOS, Marcelo. As bases teóricas do *revisionismo*: o culturalismo e a historiografia brasileira contemporânea. In BEZERRA DE MELO, Demian (org.). **A Miséria da Historiografia: uma crítica ao revisionismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Consequências, 2014.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRANDE, A. T. (orgs.). **O ano vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

BATALHA, Claudio H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In FREITAS, Marcos Cezar de (org.). 4 ed. **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. O Manifesto Comunista e sua recepção no Brasil. **Crítica Marxista**, São Paulo, Xamã, v. 1, n. 6, 1998, pp. 131-137. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie9Dossie6.pdf. Acessado em 17 de outubro de 2020.

_____. Os Desafios Atuais da História do Trabalho. In: **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p. 87-104, jan./dez. 2006.

BERNARDES, Maria Elena. **Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política**. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

BIANCHI, Alvaro. É possível escrever a história recente dos trotskismos brasileiros? **Perseu**. 8, n.6, 2012 a, p. 361-380.

_____. Octavio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. In: **Crítica Marxista**, n. 34, 2012b, p. 133-149.

BOMFIM, Eduardo. O Alagoano Octávio Brandão. In BRANDÃO, Octavio. **Agrarismo e Industrialismo**: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2. Ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

BRANDÃO, Octavio. **Agrarismo e Industrialismo**: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2. Ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

_____. **As Forças Encadeadas**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1995.

_____. O proletariado perante a revolução democrático pequeno-burguesa. In Z Aidan Filho, Michael. PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global, 1985. pp. 121-132.

CANDIDO, Antonio. Lembrando Oswald de Andrade. In ANDRADE, Oswald de. **Um homem sem profissão**: memórias e confissões: 1890-1919: Sob as ordens de mamãe. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Combates e Batalhas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

CARDOSO, Ciro F. S. **Um historiador fala de teoria e metodologia**. Ensaio. São Paulo: Edusc, 2005.

DEL'OMO FILHO, Rafael. **As primeiras interpretações marxistas da realidade brasileira**. Dissertação de mestrado, Unesp, Marília, 2014.

- DÓRIA, Carlos Alberto. O dual, o feudal e o etapismo na teoria da Revolução Brasileira. In MORAES, João Quartim de (org.). **História do Marxismo no Brasil**. Volume 3. Teorias. Interpretações. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- DULLES, John W. F. **Anarquistas e comunistas no Brasil, 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A Nova “Velha História”: O retorno da história política. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, 1992, p. 265-271.
- GOMES, Ângela M.C. Política: história, ciência, cultura etc. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 59-84, jul. 1996. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2022/1161>. Acesso em: 26 Jul. 2018.
- HOBBSBAWM, Eric. Podemos escrever a história da Revolução Russa?. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- JOSÉ DA SILVA, Angelo. Tempo de Fundadores. In MORAES, João Quartim de; ROIO, Marcos Del (org.). **História do Marxismo no Brasil**. Visões do Brasil. Volume 4. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao Parlamento: O Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)**. São Paulo: Alameda, 2006.
- KONDER, Leandro. A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- _____. Chegada do Manifesto. In **Estudos Avançados**, v. 12, n. 34, São Paulo, setembro/dezembro de 1998. pp. 47-48. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300003&lng=pt&tlng=pt. Acessado em 17 de outubro de 2020.
- KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2006, p.305-327.
- LACERDA, Felipe Castilho de. **Octavio Brandão e as Matrizes Intelectuais do Marxismo no Brasil: 1919-1929**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.
- LEOCADIA PRESTES, Anita. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

MORAES, João Quartim de. A influência do leninismo de Stálin no comunismo brasileiro. In REIS, Daniel Aarão; MORAES, João Quartim (orgs.). **História do Marxismo no Brasil**. Volume 1. O impacto das revoluções. 2º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b. pp. 109-160.

_____. Octávio Brandão. In PERICÁS, Luiz Bernardo; SECCO, Lincoln Ferreira. **Interpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados**. São Paulo: Boitempo, 2014. pp. 13-26.

_____. Um Livro Fundador. In BRANDÃO, Octavio. **Agrarismo e Industrialismo**: Ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924. 2. Ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.

MURPHY, Kevin. Podemos escrever a história da Revolução Russa? Uma resposta tardia a Eric Hobsbawm. **Revista Outubro**, n. 17, p. 41-65, 2008.

OLIVEIRA, J. R. Guedes (org.). **Cartas de Octavio Brandão: memória**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005.

_____. (org.). **Octavio Brandão: Dispersos e Inéditos**. Gráfica Brascolor, Usina Coruripe, 2008.

PLANCHEREL, Alice Anabuki. **Memória e Omissão: Anarquismo e Octavio Brandão**. Maceió: Edufal, 1997.

PRESTES, Luiz Carlos. Manifesto de Maio. In PERICÁS, Luiz Bernardo. **Caminhos da revolução brasileira**. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ROIO, Marcos Del. A gênese do Partido Comunista (1919-29). In: **A formação das tradições (1889-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, pp. 223-248.

_____. Octávio Brandão nas origens do marxismo no Brasil. In **Crítica marxista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 16, p. 115-132, 2004.

_____. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In Ridenti, M.; Reis Filho, D. A. (orgs.). **História do marxismo no Brasil**. Volume 5. Partidos e organizações dos anos 20 aos 60. Campinas: Editora da Unicamp, 2007a. pp. 11-72.

_____. O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. REIS, Daniel Aarão; MORAES, João Quartim (orgs.). **História do Marxismo no Brasil**. Volume 1. O impacto das revoluções. 2º ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b. pp. 51-107.

SGARBI, Diógenes Pereira. **Uma sinuosa trajetória: O PCB de “Agrarismo e Industrialismo” à “Democracia como valor universal”**. Dissertação de mestrado, São Carlos, UFSCar, 2015.

SILVA, Shuellen Sablyne Peixoto da. **A trajetória política e intelectual de Octavio Brandão (1916-1922)**. Dissertação de mestrado, UFAL, Maceió, 2014.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In RÉMOND, Rene. **Por uma história política**. 2º ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. pp. 231- 270.

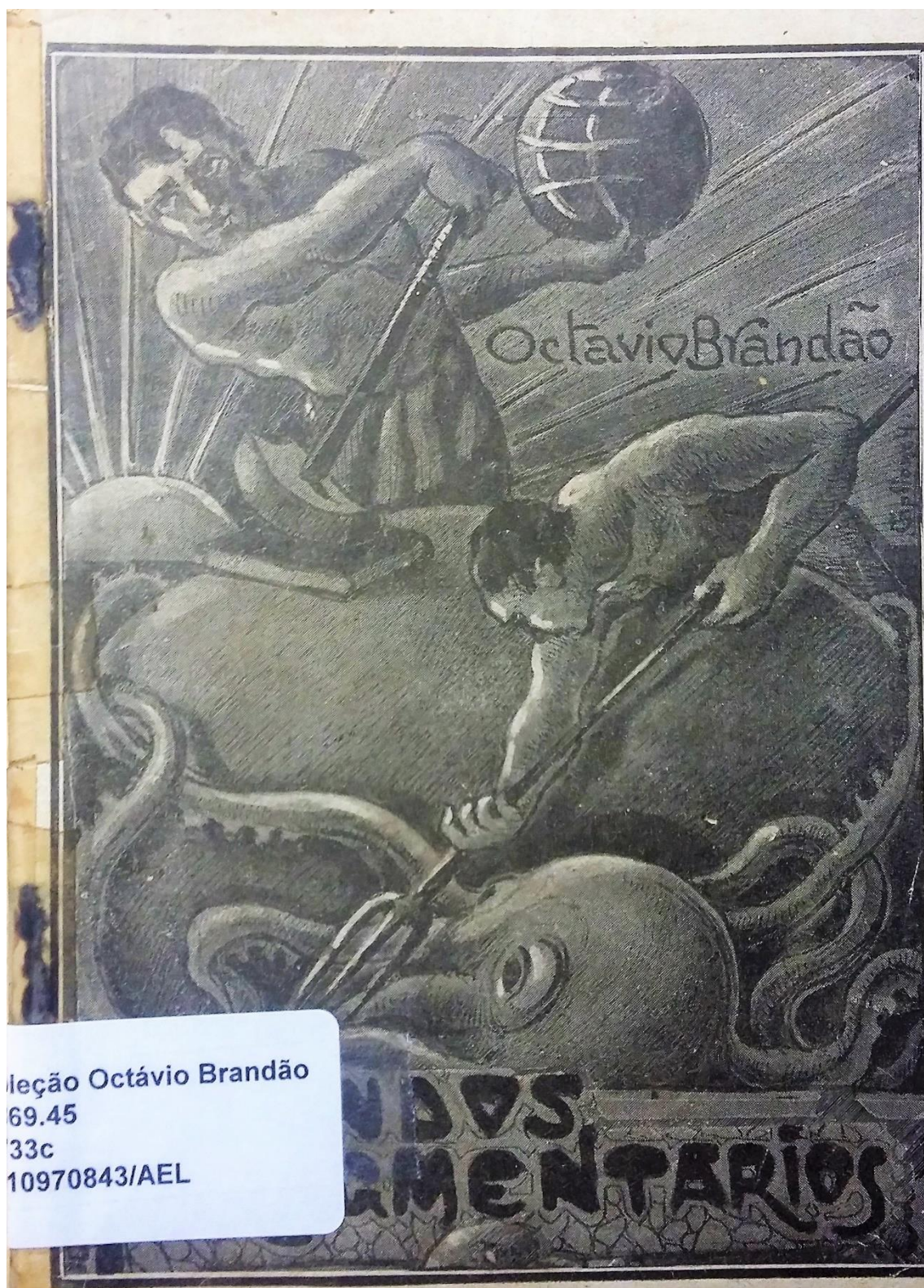
THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. Podemos escrever uma história dos comunistas brasileiros?. In **Revista Outubro**, n. 29, novembro de 2017.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In REMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929): Na busca das origens de um marxismo nacional**. São Paulo: Global, 1985.

Anexo A – capa de *Mundos Fragmentários* (BRANDÃO, 1922, AEL).



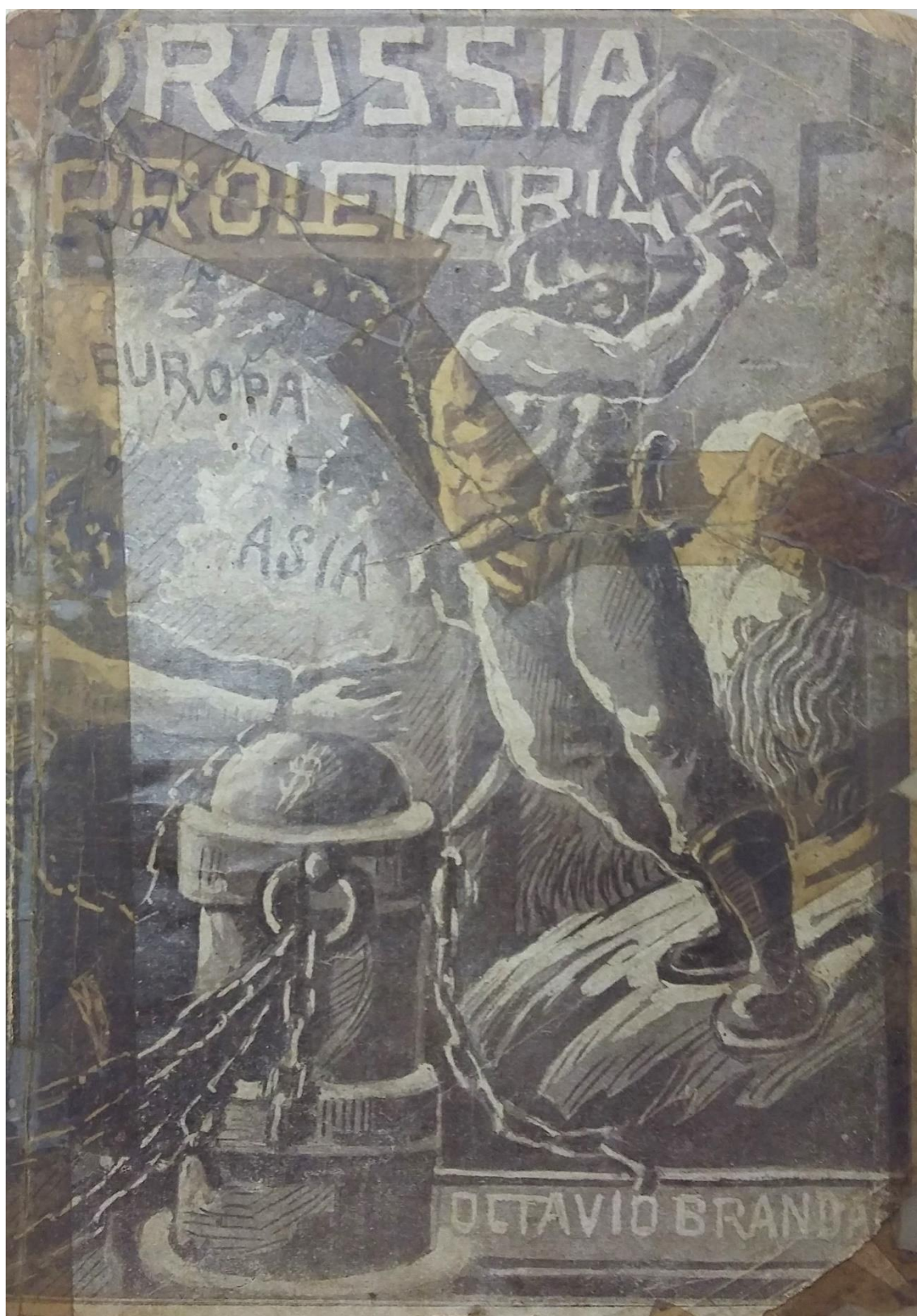
ANEXO B – Lista de obras a venda de Octavio Brandão (BRANDÃO, 1922, n.p., AEL).

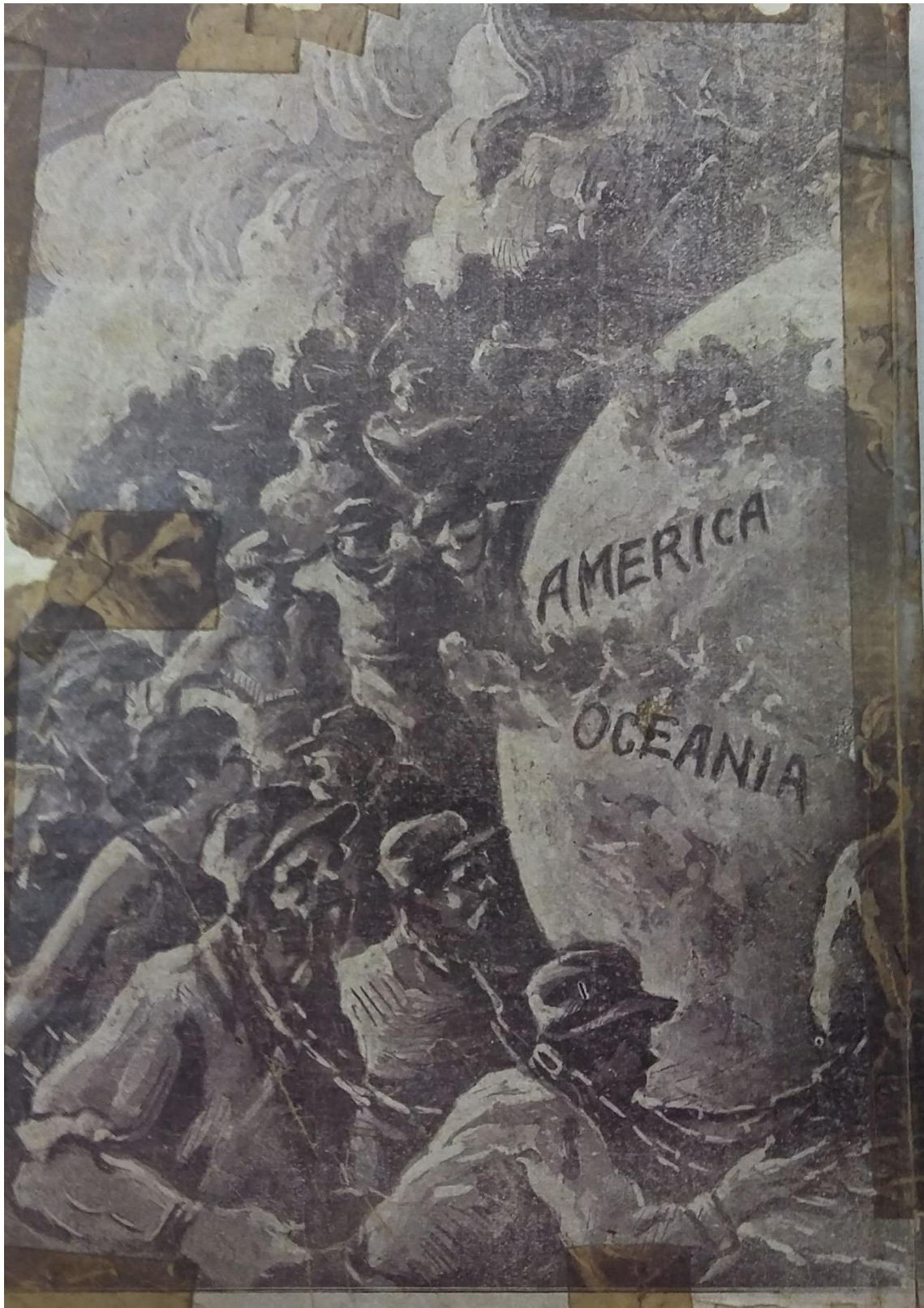
2014 28864

DO MESMO AUTOR

- 1 *A mineralogia e a geologia dos Canaes e das Lagôas*, Maceió, 1918 (esgotado).
- 2 *Canaes e Lagôas*, 1919 (Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos—rua S. José, 82-Rio de Janeiro—custo: 5\$000).
- 3 *Apontamentos de um burguez* por Salomão, Rio, 1919 (esgotado).
- 4 *Despertar! Verbo de combate e de energia* por Brand, Rio, 1920 (esgotado).
- 5 *Os desmoronamentos divinos* por Brand, Rio, 1920 (esgotado).
- 6 *Vêda do Mundo Novo*, Rio, 1920 (esgotado).
- 7 *Appello à nacionalidade brasileira*, Rio, 1922 (Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos—custo: 1\$500).
- 8 *Mundos fragmentarios*, Rio, 1922 (Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos—custo: 2\$000).

ANEXO C – Capa e Contracapa do Livro Rússia Proletária (BRANDÃO, 1923, AEL).





ANEXO E - "Materiais Destruidos, Queimados, Confiscados" (BRANDÃO, 1942, AEL).

MATERIAES DESTRUÍDOS, QUEIMADOS, CONFISCADOS

Em nossa vida, além de toda uma serie de pequenos au/tos de fé, houve 3 grandes destruições dos nossos materiaes.

1a. No Rio de Janeiro, em 1923-1924

1. Cartas de Laura a Octavio, quando noiva.
 2. Inumeros manifestos, artigos, folhetos, recortes, etc. que reflectiam o desenvolvimento do movimento operario e intellectual de Maceió, a vaga proletaria e popular de 1917-1920 e os movimentos posteriores.
- Para evitar as perseguições da policia politica, estes ~~1~~ materiaes tinham sido mettidos em uma maleta e a maleta collocada em um casebre no suburbio de Tury-assu, no Rio de Janeiro.
- O cupim e a humidade destruíram a quasi totalidade dos materiaes.

2a. No Rio de Janeiro, em julho de 1930

Depois de muitas tentativas, a policia conseguiu descobrir e confiscou a mala em que Octavio guardava seus materiaes de muitos annos de luta. A mala estava completamente cheia e encontrava-se em uma casa em Aguas Ferreas.

Depois de muitos esforços de Laura, Octavio e Leopoldino, a policia devolveu uma parte dos materiaes, mas confiscou a maioria delles.

Impossivel lembrar-me de tudo que foi confiscado. A lista seguinte abarca somente uma parte dos materiaes entao confiscados e nunca devolvidos pela policia:

1. Muitos autographos de Laura.
2. As cartas de ~~xxx~~ O. a Laura, escriptas em Buenos Aires em 1930.
3. Cerca de 50 cadernos de notas de O. O ultimo caderno tinha o nº 50.
4. Material precioso para a historia do desenvolvimento do pensamento avançado e progressista do Brazil e para a historia do movimento operario e popular do Brazil.
5. A collecção de todos os artigos, notas, etc. de O., publicados pel' "A Classe Operaria" em 1925 e em 1928-1930.
6. Idem, publicados pel' "A Nação" em 1927.
7. Idem, publicados pela "Voz Cosmopolita" e pel' "O Alfaiate".
8. Idem, publicados ~~na~~ pel' "O Paiz", "A Manhã", "O Jornal", "Correio da Manhã", "A Esquerda" e outros jornaes.
9. Um grande numero de materiaes de propaganda do Partido Communista, escriptos por O. em 1928-1930.
10. Os artigos contra o Partido Socialista, publicados na "Voz Cosmopolita".
11. Os artigos contra os anarchistas.
12. A collecção da grande maioria dos manifestos publicados por O.
13. Todos os livros e folhetos publicados por O.
14. Muitos apherismos e ~~xxx~~ annotações inéditos -- progressistas, avançados.
15. Inumeros artigos inéditos, sobre assumptos variados.
16. Tres cadernos de endereços de intellectuaes da Europa, da Asia, da Africa e da America, sobretudo do Brazil, aos quaes O. enviou seus folhetos e com uma parte dos quaes mantinha correspondencia.
17. As notas sobre a historia de Pernambuco, escriptas por O. no Recife, em 1912-1914.
18. As notas sobre a lingua nagô, dos negros de Alagoas.
19. Idem sobre o folk-lore de Alagoas.
20. Idem sobre as viagens atravez dos Camoes e das Lagoas.
21. Um estudo sobre a literatura brasileira.
22. Dois grossos cadernos com fragmentos dos livros lidos por O. sobre a literatura universal, sobretudo grega, hindu e allemã.
23. A carteira de socio do syndicato dos graphicos do Rio de Janeiro.
24. Varios retratos, entre os quaes o de O. no Rosedal, em Buenos Aires.

Por occasiao do movimento popular de outubro de 1930, a multidao invadiu a sede da policia, devastou-a, lançou na rua e destruiu uma quantidade colossal de materiaes ali encontrados. Entre estes materiaes, estariam os de Laura e Octavio ?

O.G.2 Dp. 2, P.1

2

2a. Em Moscou, em outubro-novembro de 1941

durante a nossa ausencia, foram queimados:

1) Todos os materiaes de O. guardados no seu quarto de trabalho na sede do Instituto: recortes, artigos, apontamentos, livros, cadernos, etc.

2) Todo o material das emissões de Radio para o Brazil e Portugal em 1935-1939, guardados na sede do Radio.

Material precioso -- "Quadros da vida soviética", materiaes sobre a construcção do socialismo, a campanha contra o fascismo, os artigos sobre o Brazil e a America Latina, etc.

3) Os materiaes guardados no hotel, em nosso quarto -- no armario, nas gavetas da escrivaninha e em outros moveis.

Estes ultimos sao muito importantes. Impossivel lembrar-me de tudo que foi queimado. A lista seguinte abarca uma parte importante dos materiaes guardados em nosso quarto e entao queimados:

1. O texto definitivo da traducção completa da Historia do P.C. bolchevista.

2. Dois exemplares da traducção brasileira do livro de Stalin "O marxismo e a questao nacional-colonial".

3. A traducção das primeiras 100 paginas d' "As questoes do leninismo" de Stalin.

4. Traducção de varios materiaes de Lénin. Idem de muitos artigos, relatorios, etc. de Stalin.

5. Traducção da Constituicao soviética.

6. Traducção de muitos artigos, discursos, etc. de Dimitrov.

7. Numerosissimos fragmentos, ~~em~~ traduzidos, de Marx, Engels, Lénin e Stalin sobre a dialéctica e o materialismo philosophico.

8. Inumeros fragmentos, traduzidos, de Lénin e Stalin sobre questoes politicas e theoricas.

9. Dois cadernos cheios de fragmentos semelhantes.

10. Muitos fragmentos d' "A logica" de Hegel, traduzidos por O.

11. Muitos fragmentos, traduzidos, dos philosophos gregos materialistas

12. Inumeros fragmentos dos 4 classicos do marxismo sobre o communismo primitivo, o escravagismo, o feudalismo e o imperialismo.

~~13x~~

13. As poesias lyricas e revolucionarias de Laura. Perda terrivel, irreparavel !

14. As cartas de Laura a Octavio, escriptas no correr de mais de 20 annos. Perda terrivel, irreparavel ! etc.

15. Varios livros, com os artigos, notas, ~~etc.~~ publicadas no Brazil sobre a obra de Laura.

16. Autographos numerosos de Laura.

17. A totalidade das cartas de Octavio a Laura, escriptas de 1919 a 1941. Perda terrivel !

18. O livro de O. "Materialismo ou idealismo?"

19. Um exemplar completo do livro de O. sobre a guerra do Chaco e o conflicto de Leticia.

20. Um exemplar completo do livro de O. "Os indios e os negros".

21. Dois exemplares do livro de O. "O proletariado em ascensao", sobre a historia do movimento operario do Brazil.

22. O pequeno poema de O. sobre Walt Whitman.

23. As copias das poesias de O., com emendas.

24. Muitos estudos de O. sobre problemas economicos, politicos e sociais do Brazil, da America Latina e dos paizes coloniaes e dependentes.

25. Cinco estudos de O. sobre o desenvolvimento da literatura brasileira.

26. Estudos de O. sobre a historia do Brazil.

27. A maioria esmagadora dos artigos de O., publicados em 1931-1941.

OB.2 Dp.2, P.1

3

28. Dezenas de artigos de O. ~~xxxxxx~~ sob o titulo geral de "Quadros da vida soviética".

29. U/ns 20 cadernos com as notas sobre todas as minhas viagens na Uniao Soviética, os passeios em Moscou, as visitas aos museus, etc.

30. Copias de uma parte dos artigos transmittidos pelo Radio em 1935-1939.

31. Inumeras cartas dos ouvintes de Radio sobre a emissao para o Brazil e Portugal.

32. As photographias da Uniao Soviética -- fabricas, u/sinas, etc.

33. Photographias coloridas de quadros celebres da arte russa e soviética.

34. Retratos dos grandes escriptores russos e soviéticos.

35. Recortes sobre a industrializagao, a collectivizagao e a revolucao cultural na Uniao Soviética.

36. Recortes sobre os artistas, escriptores, sabios e pensadores, russos e soviéticos.

37. Libretos e quadros das operas russas, soviéticas e estrangeiras, com annotagoes de O.

38. Recortes de jornaes e revistas soviéticos e estrangeiros sobre os grandes artistas, escriptores, sabios e philosophos do Occidente. Apontamentos de O. ~~xxxxx~~ a respeito.

39. Fragmentos de inumeros livros lidos por O. e apontamentos sobre elles: livros de Homero, x Vyasa, Shakspeare, Byron, Shelley, Whitman, Puchkin, Lermontov, x Tolstoi, Balzac, Stendhal, etc.

40. Inumeros materiaes ~~xx~~ editados pelo P.C. do Brazil: manifestos, artigos, revistas, etc.

41. Inumeros materiaes do movimento operario e syndical do Brazil.

42. Idem sobre as lutas revolucionarias de 1922-1927, sobre o movimento nacional-libertador do Brazil e a insu/xreigao de 1935.

43. Inumeros recortes de jornaes do Brazil.

44. Inumeros apontamentos de O. sobre o Brazil e a America Latina -- questoes economicas, politicas, agraria, nacional, a penetragao imperialista, as guerras, os negros, os indios, etc.

45. As photographias da regioao dos camoes e das Lagôas, tiradas em 1919.

46. Os cadernos do ultimo periodo da vida de O. no Brazil: 1930-1931.

47. As notas da viagem do Rio de Janeiro a Allemanha e a Uniao Soviética.

48. Inumeras photographias do Brazil.

49. Uma serie de livros russos e brasileiros (album de Alagôas).

25 de novembro de 1942

O.B.

ANEXO F – Carta de Brandão a Caio Prado Júnior, 17/12/1948 (BRANDÃO, 1948, AEL).

Rio - 17 de dezembro de 1948

O.B. 261
Ca. 9, P. 7

Caro camarada Caio Prado Junior

Tenho uma serie de livros já prontos. **Desejo** publicar, em primeiro lugar a segunda edição do "Canais e Lagoas".

O editor José Olímpio, no começo de 1947, comprometeu-se a editá-lo, mas, agora, não o quer mais, devido a razões financeiras e, sobretudo, políticas.

Assim, pois, proponho ao camarada publicar a 2a. edição do "Canais e Lagoas".

Creio que não terá razões financeiras nem políticas para recusar. O livro tem uns 1000 compradores garantidos -- operarios, intelectuais, trabalhadores em geral, filhos de Alagoas e outros.

~~Não~~ Na "Revista do Brasil", de S. Paulo, nº de dezembro de 1919, o camarada encontrará a opinião de Monteiro Lobato sobre o livro. No começo de 1948 ou nos fins de 1947, ele se ofereceu para publicar a 2a. edição. Infelizmente, a morte o impediu.

Querará o camarada realizar esse desejo do nosso caro Monteiro Lobato?

Cordialmente,

Octavio Brandão

Av. Portugal 318, ap. 201
Urca - Rio de Janeiro

ANEXO G – Carta resposta de Caio Prado Júnior a Octavio Brandão, 06/01/1949
(PRADO JÚNIOR, 1949, AEL).

OB. 724
Ep. 472, p. 25

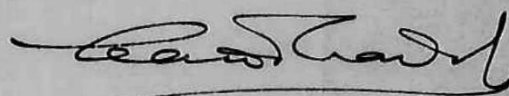
S. Paulo, 6 de janeiro de 1949

Prezado companheiro Octavio Brandão,

1 | respondo sua carta com algum
2 | atraso porque estive ausente de S. Paulo, e sómente agora tenho-a
nas mãos. Não seria apenas para satisfazer um desejo de Monteiro
Lobato que a Editora Brasiliense se incumbiria com grande prazer
da edição de seu livro. Mas se evidentemente não existem razões
políticas, ocorrem as financeiras, que V. também lembra, para tor-
nar impossível, no momento, o empreendimento. Não que o livro deixe
de encontrar público; mas V. deve lembrar-se que para se fazer um
negocio, não é suficiente que ele seja bom; são necessario recur-
sos financeiros. Ora os nossos estão empenhados (alem mesmo da ca-
pacidade normal da Editora) na publicação das Obras Completas de
Moneiro Lobato. Ha mais de um ano, não publicamos livro algum a-
lêm dessas Obras, por impossibilidade material completa. Nem pa-
ra os meus livros exgotados temos encontrado recursos; por aí V.
vê que nossas restrições começam por casa.

Espero que V. compreenda essas nossas razões, e que
mais tarde, logo que folgar um pouco a situação, a Editora Bra-
siliense possa reeditar seus livros.

Muito cordialmente,



Caio Prado Junior